



  
Coleção  
Documentos  
**70**

# A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPrensa ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**



A IMAGEM FEMININA COMO  
DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA  
IMPrensa ILUSTRADA E  
HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO  
NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO  
XIX





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

# A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



- 70 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2023

## Ficha Técnica

Título: A imagem feminina como designação da República na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro no último quartel do século XIX

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 70

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, out. 1891.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2023

ISBN – 978-65-89557-53-1

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

# APRESENTAÇÃO

A perspectiva de representar a forma de governo republicana por uma dama de barrete frígio acompanhou o pensamento antimonárquico desde a época da aspiração, passando pela instauração e depois da afirmação do novo regime. Tal representação da mulher-república tivera a sua gênese no processo revolucionário francês da virada do século XVIII para o XIX e dos vários focos de revolta que se seguiram na França ao longo dos Oitocentos, de modo que em tais frentes revolucionárias francesas, a alegoria viria a se consolidar. Como símbolo de luta e protesto, significava não só república, mas também e mais frequentemente, liberdade, mormente entre grupos mais progressistas que se consideravam como liberais, revolucionários, patriotas ou republicanos, uma vez que, naqueles tempos longínquos, tais valores foram, se não equivalentes, pelo menos próximos e muitas vezes unidos, como nos casos das batalhas travadas de 1800 a 1848. Com o passar do tempo e as alternâncias de regime, a República revolucionária, a mais autêntica do ponto de vista progressista, mas a mais subversiva do ponto de vista conservador, por ser representada em movimento, ardente, juvenil, seminua, passava a dar lugar a República oficial, sábia e conservadora, legal e legalista, utilizando, ao contrário, traje e postura solene, com ar sério, mais matrona do que amazona, sendo deixado de lado até mesmo o barrete frígio. No início dos anos 1870, com a Comuna de Paris, a República renascia definitivamente, com a sua panóplia de emblema, estabelecendo-se uma enxurrada de barretes frígios, enquanto os mais moderados, futuros mestres da Terceira República, coroavam os bustos com louros. E, já ao final do século XIX, a figura da mulher-república permanecia

com algumas variações em suas representações notadamente quanto ao penteado e ao uso do barrete, da coroa ou do diadema, vindo a adquirir certa sobriedade nas feições e na indumentária<sup>1</sup>.

Nesse quadro, um dos pontos marcantes do imaginário republicano francês foi o uso da alegoria feminina para representar a república, uma vez que a monarquia fora simbolizada naturalmente pela figura do rei, que, eventualmente, designava a própria nação. Uma vez derrubada a forma monárquica e decapitado o rei, novos símbolos faziam-se necessários para preencher o vazio, para designar as novas ideias e ideais, como a revolução, a liberdade, a república e a própria pátria. Dentre os tantos símbolos e alegorias, em geral inspirados na tradição clássica, ganhou relevo o da figura feminina, de maneira que, da Primeira à Terceira República, a alegoria feminina domina a simbologia cívica francesa, representando seja a liberdade, seja a revolução, seja a república. Os republicanos brasileiros de orientação francesa tinham assim grande riqueza de imagens e símbolos em que se inspirar, ainda que enfrentassem certas dificuldades, como no caso de ínfima participação feminina no processo de instauração da república. Nesse sentido, o esforço inicial foi feito pelos caricaturistas da imprensa periódica, a grande maioria simpática aos ideais republicanos. Mesmo antes da proclamação, apareceram

---

<sup>1</sup> AGULHON, Maurice & BONTE, Pierre. *Marianne – les visages de la République*. Paris: Gallimand, 1992. p. 24-25, 31, 35 e 46-47.

representações femininas, normalmente vestida à romana, descalça ou de sandálias, barrete frígio e geralmente com a nova bandeira em uma das mãos<sup>2</sup>.

Nessa linha, a força do modelo estético feminino percorreu todo o século XIX<sup>3</sup>, época em que elementos constitutivos das sociedades e conceitos abstratos foram representados por meio de personificação estabelecida a partir de figuras usualmente femininas<sup>4</sup>. A interpretação de uma imagem pode ultrapassar a ela mesma, com o desencadear de palavras, de uma ideia ou de um discurso interior, partindo da imagem que é o seu suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada. Nesse caso se encontram as imagens simbólicas e convencionais, que procuram exprimir noções abstratas, as quais recorrem ao símbolo e, conseqüentemente, à boa vontade interpretativa do leitor<sup>5</sup>. No campo simbólico, a figura feminina conserva implicações diversificadas, trazendo consigo as conotações correspondentes a cada uma de suas formas essenciais, em todas as alegorias baseadas na personificação<sup>6</sup>. Em tal sentido, a mulher-símbolo carrega em si a aspiração e a transcendência, nas quais se manifestam o vestígio mais experimental do domínio dos indivíduos por uma corrente vital extremamente vasta, bem como uma energia eminentemente apta a

---

<sup>2</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 75 e 78-80.

<sup>3</sup> COSTA, Cristina. *A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira*. Rio de Janeiro: SENAC, 2002. p. 106.

<sup>4</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da UNESP, 2017. p. 96.

<sup>5</sup> JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 123-124.

<sup>6</sup> CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 391.

aperfeiçoar-se e enriquecer-se de mil matizes, reportando-se, em pensamento, para múltiplos objetos. Assim, o feminino simboliza a face atraente e unitiva dos seres<sup>7</sup>.

Na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro<sup>8</sup> a mulher-república foi uma representação bastante recorrente. Prevaleceu a imagem idealizada da dama republicana, como a mulher vestida à romana, ou mesmo adquirindo um ar de divindade, uma verdadeira deusa-republicana, em geral apresentada como uma figura alada, permanecendo na maioria das vezes a presença do barrete frígio. Em alguns casos, entretanto, os atos autoritários, os desmandos, a corrupção, o clientelismo e o continuísmo político-partidário situacionista, entre outros fatores, que levaram ao desgaste de governos e governantes, viriam a promover certas alterações das imagens da república-mulher. Dessa maneira, a república quando não era representada pela abstração, clássica ou romântica, era apresentada na versão da mulher corrompida, tornando-se uma *res publica*, no sentido em que a prostituta era uma mulher pública. Nesse sentido, a alegoria feminina falhava dos dois lados, ou seja, no significado, no qual a república se mostrava longe dos sonhos de seus

---

<sup>7</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 421.

<sup>8</sup> Sobre tal gênero jornalístico, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

idealizadores, e também no significante, no qual inexistia a mulher cívica, tanto na realidade como em sua representação artística. Desse modo, a única maneira em que fazia sentido utilizar tal alegoria era aproximar uma república considerada falsificada com a uma figura feminil corrompida ou pervertida<sup>9</sup>.

Tais periódicos, ainda que tivessem uma pauta predominantemente calcada no humor, na ironia e na crítica, suas seivas editoriais, não deixavam de também desenvolver uma prática joco-séria, uma vez que a execução do humor pode ser divertida e séria ao mesmo tempo, reproduzindo assim uma qualidade vital da condição humana, pois o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas, vindo a oferecer um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura<sup>10</sup>. Nesse quadro, o humor age a partir de um processo de resolução de conflitos, constituindo um processo e trazendo consigo o resultado de uma batalha entre os sentimentos e os pensamentos, a qual só pode ser compreendida ao se reconhecer o que causou o conflito, ou seja, o humor às vezes é a única forma de lidar com o turbilhão da vida<sup>11</sup>. Nas páginas dos jornais ilustrados e humorísticos do Rio de Janeiro, as divergências quanto aos caminhos e descaminhos em direção aquilo que cada grupo em disputa considerou como

---

<sup>9</sup> CARVALHO, p. 89 e 96.

<sup>10</sup> DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

<sup>11</sup> SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. In: *Revista História* (São Paulo), n.176, 2017, p. 9.

uma “verdadeira república” apareceram de modo indelével. Tal gênero jornalístico serviria como mecanismo de divulgação e propagação dos mais variados ideais quanto aos modelos a serem empregados na afirmação da forma de governo instaurada a 15 de novembro de 1889, em um constante processo de construção/desconstrução discursiva e de representações iconográficas entre aliados e adversários no que tange às diversas ideias então em voga<sup>12</sup>.

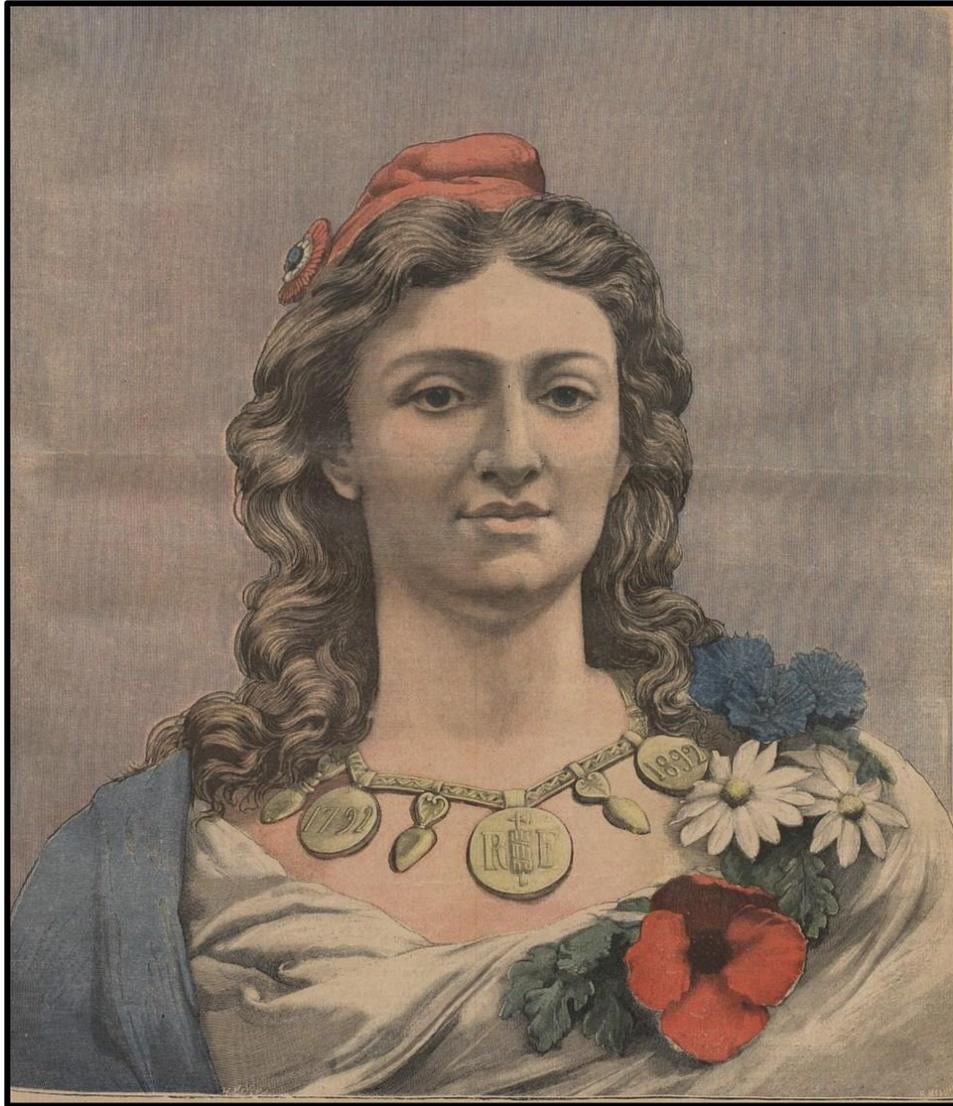
---

<sup>12</sup> ALVES, Francisco das Neves. Alegórica república – a nova forma de governo sob o prisma da caricatura: um estudo de caso. In: *Comunicação & política*, v. 9, n. 3, set. – dez. 2002, p. 228.



- a inspiração francesa – “A liberdade guiando o povo” – Eugéne Delacroix, 1830 -

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

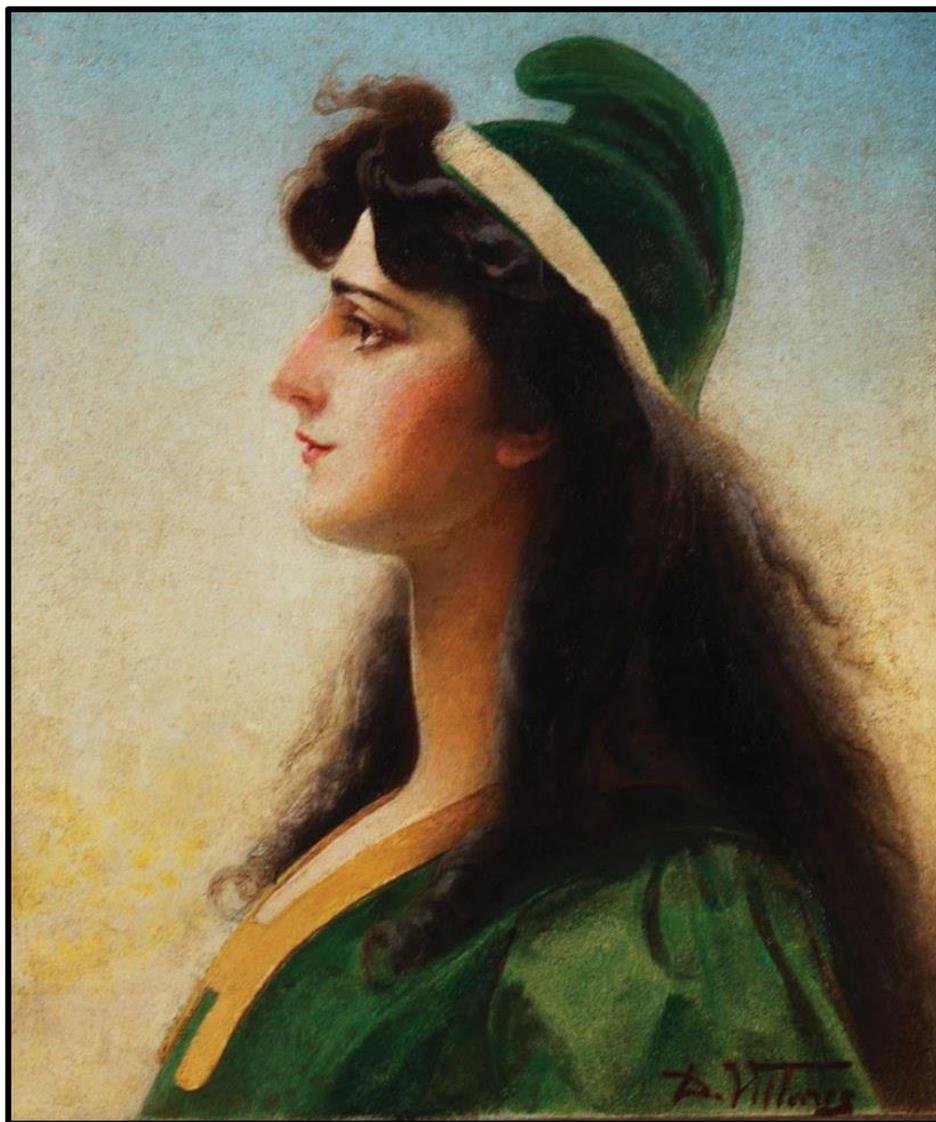


- o modelo da alegoria republicana a partir das diversas revoluções francesas, com o "novo busto oficial da República" publicado em *Le Petit Journal* (Paris, 21 fev. 1891) -



- a alegoria republicana na criação artística brasileira, autoria do pintor Manuel Lopes Rodrigues (1896) -

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



- o Perfil da República do pintor e escultor Décio Villares (1918) -



- uma jovem figura indígena – tradicional representação do povo brasileiro – associada ao barrete frígio, em alusão à República segundo *Mercantil* (Petrópolis, 11 dez. 1889) -

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



- ainda em vestes indígenas, a mulher do barrete frígio paira no ar, levando a tocha da liberdade, com a queda da coroa monárquica, de acordo com a concepção da *Cidade do Rio* (Rio de Janeiro, 19 nov. 1889) -



- em seus trajes clássicos, a dama republicana era recebida pela índia que designava o povo brasileiro, na criação do *Bisturi* (Rio Grande, 24 nov. 1889) -

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



- a dama do barrete encarnado recebendo a aclamação popular, de acordo com  
*A Ventarola* (Pelotas, 24 nov. 1889)



# ÍNDICE

*O Mequetrefe / 25*

*Revista Ilustrada / 69*

*Dom Quixote / 153*



*O MEQUETREFE*

*O Mequetrefe* foi um periódico ilustrado e humorístico que circulou no Rio de Janeiro de 1875 a 1892, demarcando uma existência significativa para o seu padrão. Tal periódico contou com a colaboração de alguns dos principais caricaturistas do seu tempo. Em seu espírito, não se afastava das revistas congêneres, malhando sempre, impiedosamente, com verve e sarcasmo, os políticos e o clero, figuras antigas, familiares do lápis utilizado pelo caricaturista<sup>13</sup>. Em suas páginas também houve a participação de escritores de destaque na redação de seus textos<sup>14</sup>. Na comparação com as folhas do mesmo gênero, teve uma linguagem caracterizada por picardia e síntese, com a escolha de textos curtos e mais diretos, havendo menos humor de salão, chistes e jogos de palavras, de modo que a redação ia mais direto ao grão, evitando as palhas. Assim, havia uma ironia predominante, com a consciência do valor da leitura ligeira, evitando-se meandros para dizer algo que poderia ser enunciado de modo simples. Quanto à parte iconográfica, a folha buscou dar maior variedade aos temas comentados<sup>15</sup>. Os ideais antimonárquicos foram largamente defendidos pelo periódico carioca, chegando a própria figura que representava a sua redação a utilizar o barrete frígio<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1. p. 116.

<sup>14</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 217.

<sup>15</sup> COSTA, Carlos Roberto. *A revista no Brasil, o século XIX*. São Paulo: USP, 2007 (Tese de Doutorado). p. 205.

<sup>16</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 9, 25 fev. 1875.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

ANNO 1º Nº 9

# O MEQUETREFFÉ

DE THEOPHILO OTTONI Nº 72, Sobrado

CORTE		PROVINCIAS	
Estado	16\$000	Estado	20\$000
Semestre	9\$000	Semestre	12\$000
Trimestre	5\$000	Anual	\$500

— É a segunda série dos artigos de Ganqanelli; lida este livro, Senhor, porque elle é a verdade e a justiça; o remedio e a salvação.

Litho Vapor P. Robinson Assemblies 44.

Nesse sentido, a presença da dama republicana foi uma constante nas páginas de *O Mequetrefe*, primeiro como uma aspiração e depois como uma ideia concreta. Em uma das representações caricaturais, a mulher-república, ao lado do representante do corpo redacional da publicação, observava com estupor o naufrágio de uma instituição representada por um barco, com a indicação de que o fato advinha da ação de maus administradores<sup>17</sup>. Em outra, havia uma crítica direta ao governo imperial, mostrando D. Pedro II como um alquimista que vinha errando em suas fórmulas, ou seja, um governante que não realizava boa administração, resultando de suas experiências o aparecimento da figura feminina que representava a República<sup>18</sup>. A silhueta da dama do barrete encarnado surgia também espremendo um representante do clero de modo a arrancar de suas entranhas a liberdade para a sociedade<sup>19</sup>. Sob a “força do direito”, a mulher-república antepunha-se a um jornalista e derrubava uma coluna que representava o conservadorismo na política<sup>20</sup>. A morte motivada por conflito policial era denunciada pelo periódico na forma de crítica social e de costumes, aparecendo ao canto a figura do barrete frígio, condenada à fogueira, como indicação da falta de liberdade no regime vigente<sup>21</sup>.

---

<sup>17</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 28, 10 jul. 1875.

<sup>18</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 40, 30 set. 1875.

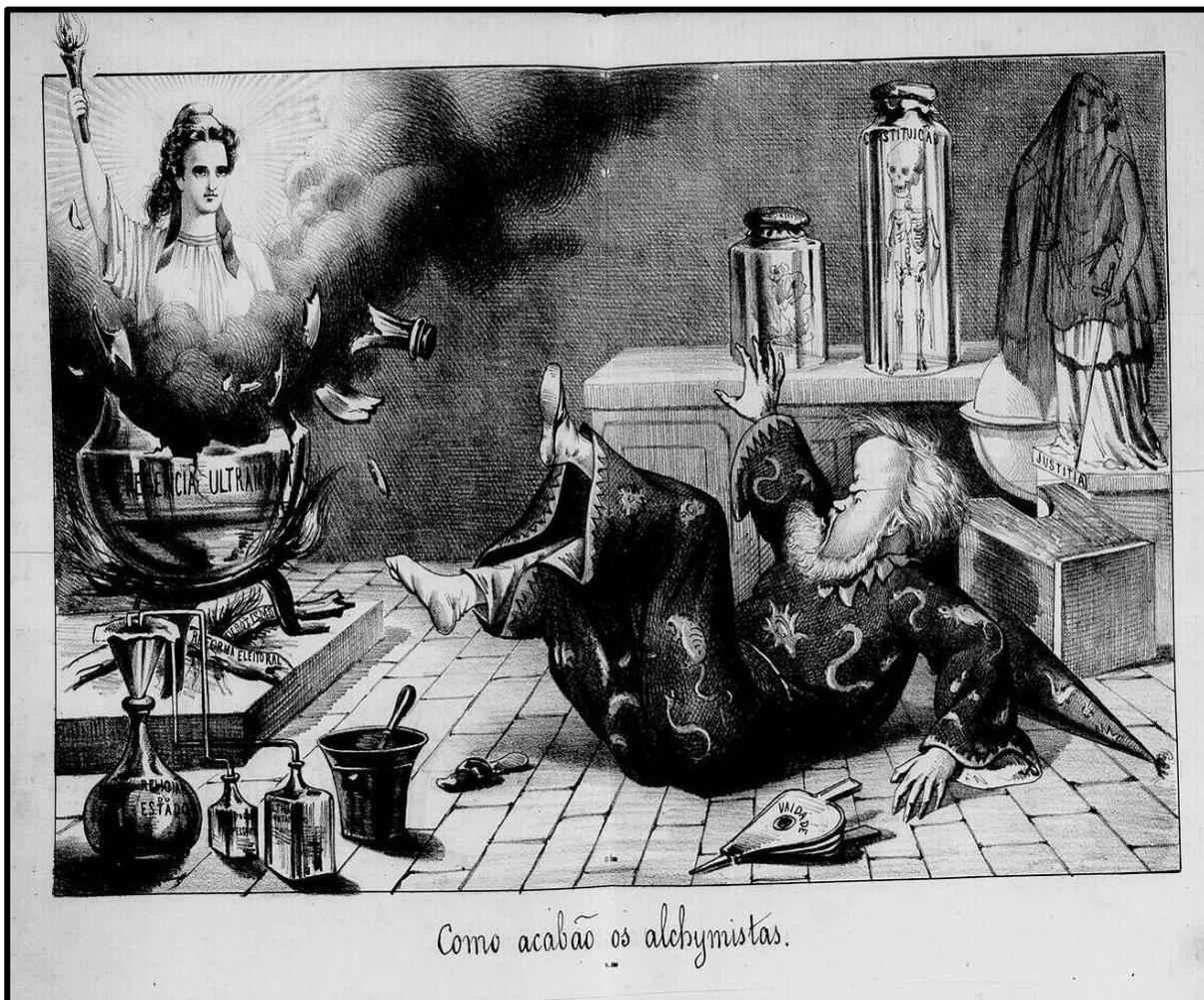
<sup>19</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 41, 7 out. 1875.

<sup>20</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 42, 14 out. 1875.

<sup>21</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 43, 21 out. 1875.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





Como acabão os alchymistas.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

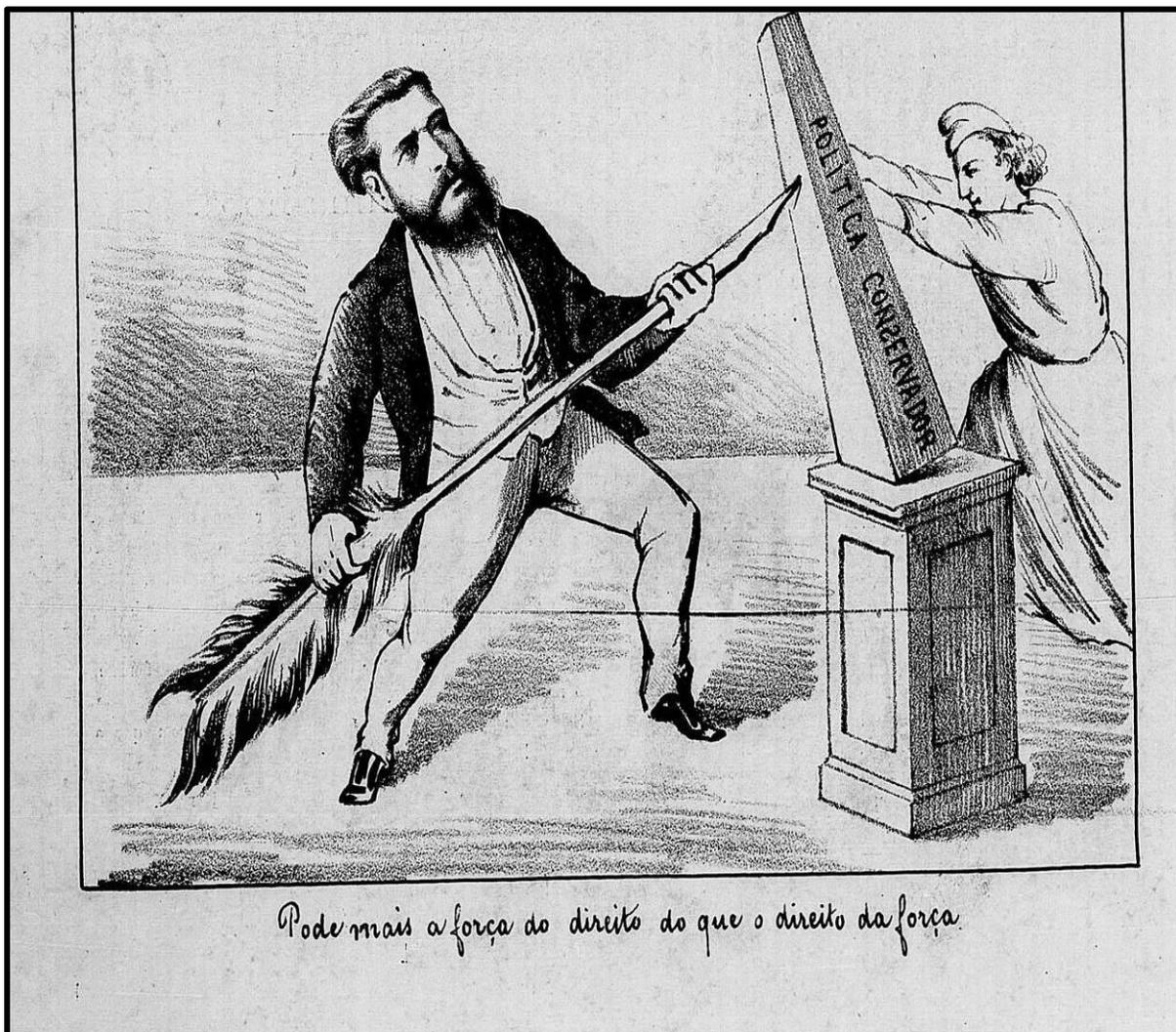
ANNO 1º Nº 41

# O MOSQUITO

DOS OURIVES Nº 35 Sobradinho

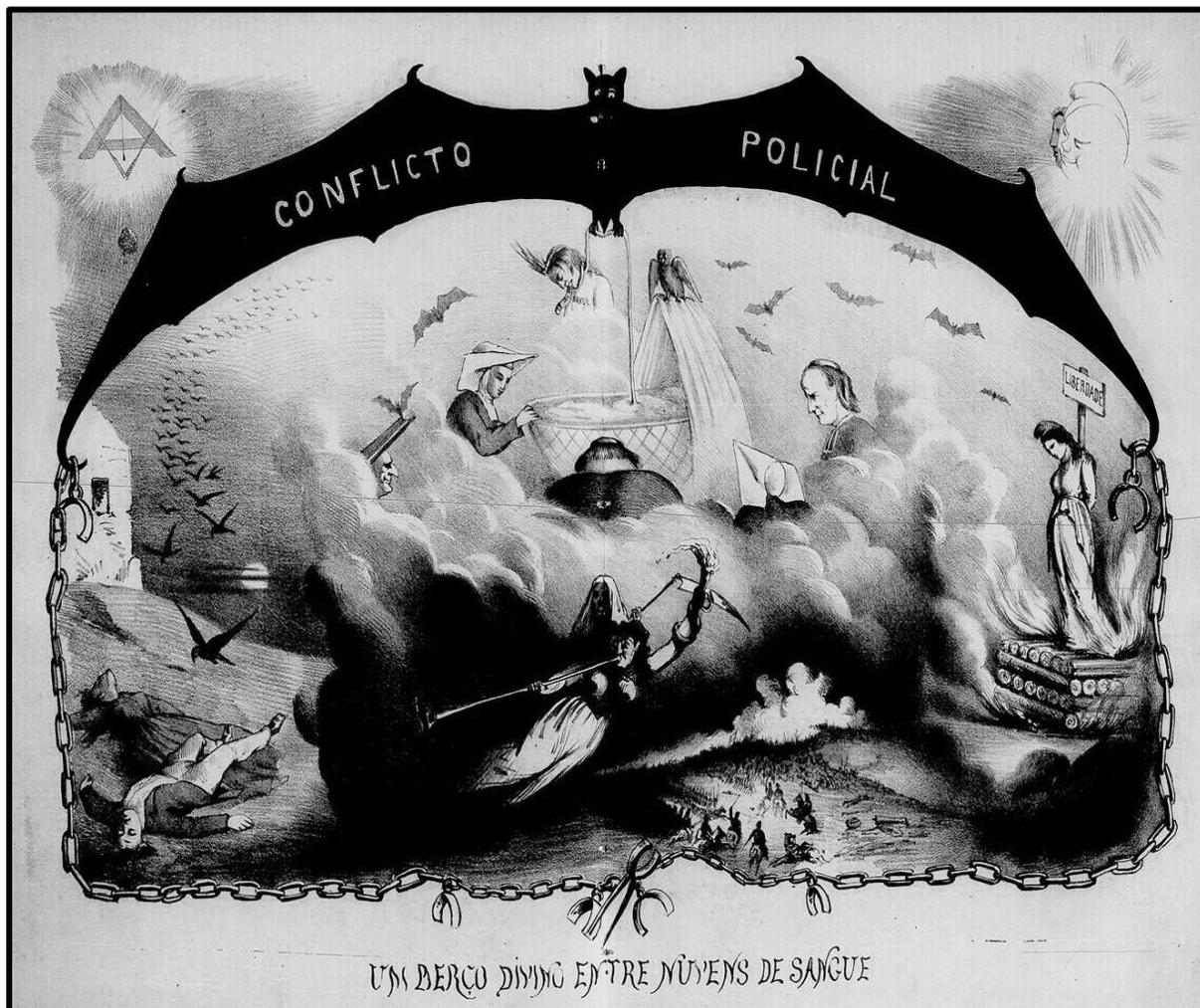
<p>COORTE</p> <p>Assal. .... 16\$000</p> <p>Assal. .... 9\$000</p> <p>Assal. .... 5\$000</p>	<p>PROVINCIAIS</p> <p>Assal. .... 20\$000</p> <p>Assal. .... 12\$000</p> <p>Assal. .... \$500</p>
--	---

Até que lhe façam como á uva, segundo diz S. Agostinho: espreme-la para que produza alguma coisa de bom.  
 (Copiado do n.º 316 do Mosquito. - Vide o texto).  
 Lith. Valente & C.ª Rua do Hospício 101



*Pode mais a força do direito do que o direito da força.*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



A monarquia foi representada como uma anciã, na cama, às portas da morte, contando com a presença dos políticos monárquicos e do clero que por ela rezavam, ao passo que *O Mequetrefe* indicava a presença de um político progressista e da mulher-república como os fatores que acelerariam o último suspiro da outra personagem feminina<sup>22</sup>. A respeito das repúblicas vizinhas da região platina, o periódico denunciava a política imperial e conservadora que visava a apagar a flama revolucionária em tais países<sup>23</sup>. Em uma alegoria oferecida a um político e militar, a folha humorística mostrava o indígena, como símbolo do povo brasileiro, a libertar-se das amarras que o aprisionavam, sob as bênçãos da deusa-liberdade e da dama republicana que expunha versos de fundo libertário<sup>24</sup>. A monarquia, agrilhoada à política dos partidos imperiais, aparecia mais uma vez condenada à morte, surgindo também a deusa republicana, com a chama do progresso, a indicar novos caminhos para a mocidade<sup>25</sup>. Perseguida pela nobreza e pelos militares que, defendiam o *status quo*, a mulher-república fugia, mas com a declarada certeza do periódico de que ela não pereceria e continuaria a caminhar triunfante, nas searas da humanidade e rompendo com os preconceitos e as tradições<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 44, 28 out. 1875.

<sup>23</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 69, 9 maio 1876.

<sup>24</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 100, 12 maio 1877.

<sup>25</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 108, 6 ago. 1877.

<sup>26</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 117, 1º dez. 1877.

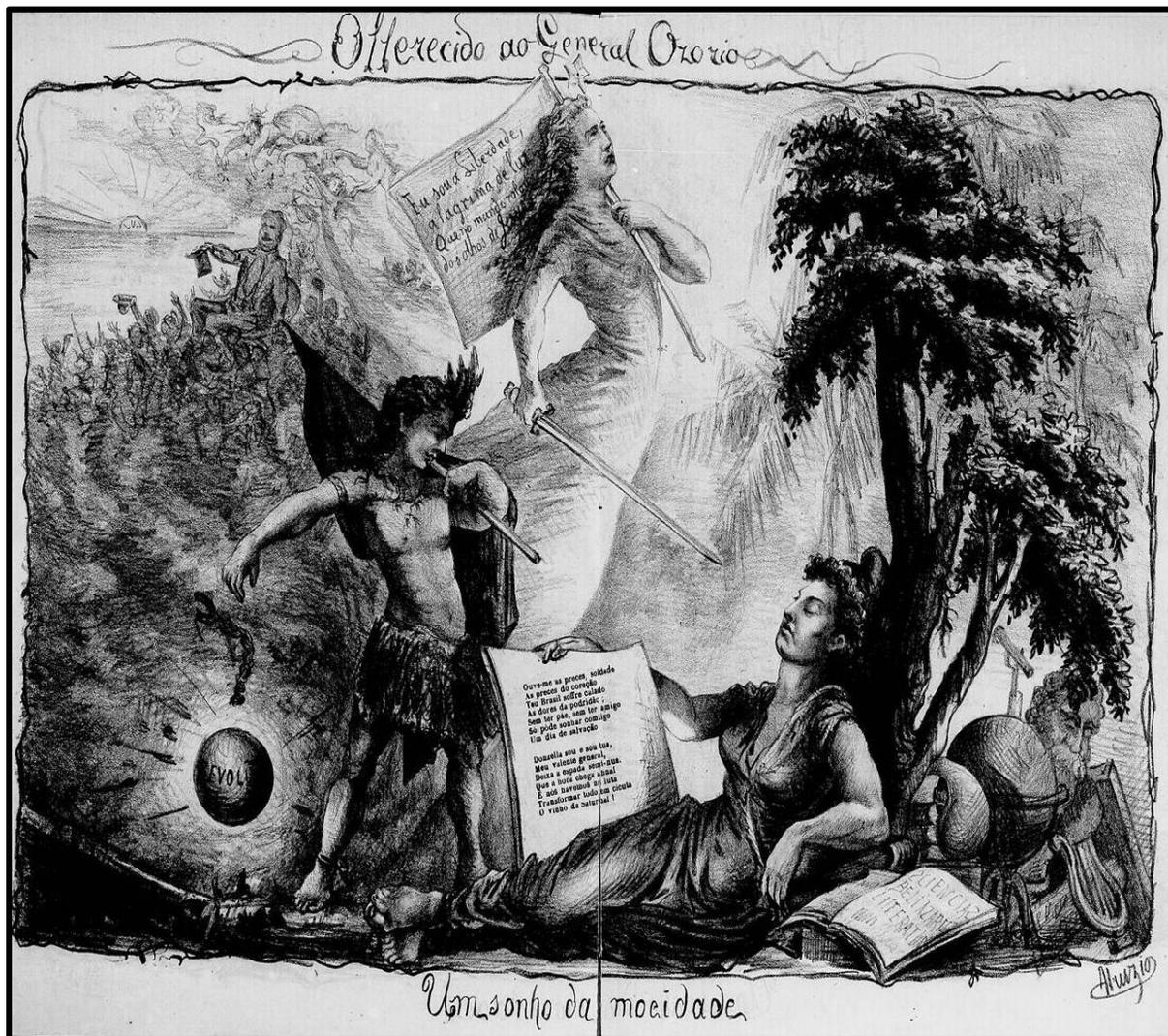
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

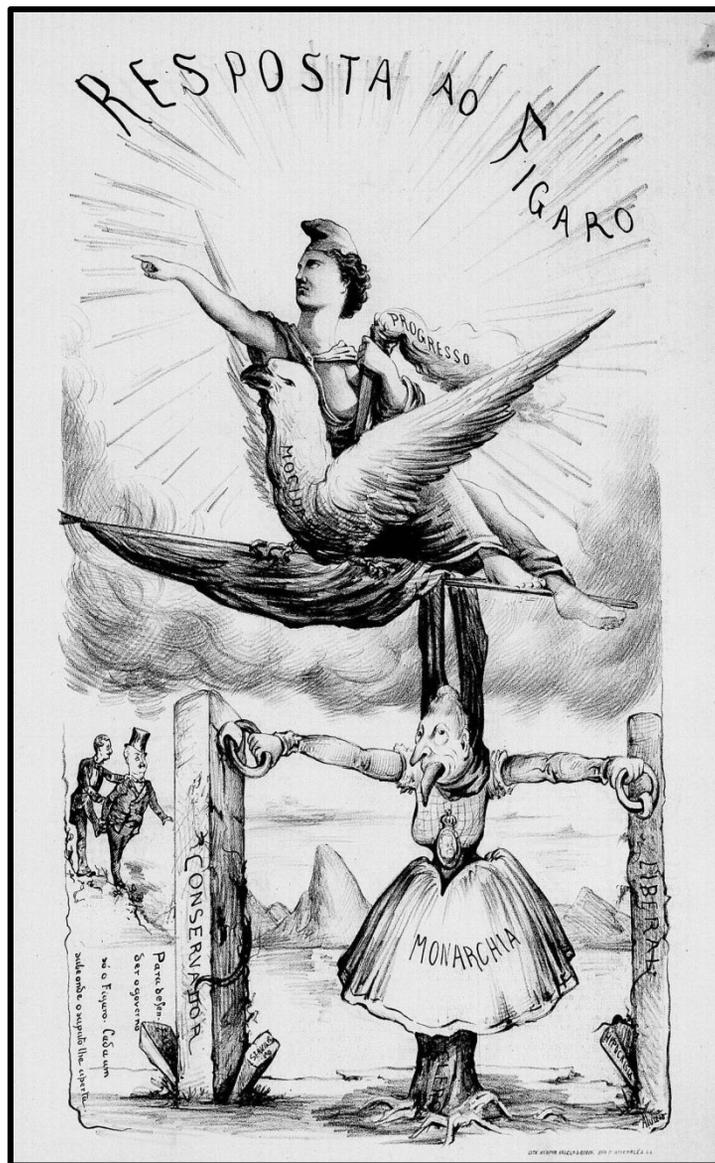




*Como o partido conservador respeita o direito e independência das nações vizinhas.*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



A república, tal qual uma divindade feminina, voava para dedicar uma coroa de louros ao político progressista Saldanha Marinho<sup>27</sup>. Uma república alada indicava com a sua espada o caminho do futuro o qual coincidiria com a devastação do regime monárquico, por meio de um incêndio<sup>28</sup>. Em outra homenagem a um personagem que participara da Guerra do Paraguai, a alegoria era encimada pela figura libertária da dama de barrete frígio<sup>29</sup>. A mulher-república aparecia também para designar a Argentina, a qual conversava amistosamente com o indígena, que representava o Brasil, destacando a cordial amizade entre ambos os países<sup>30</sup>. Uma dama republicana assistia estarrecida a cena do imperador em negócios ilícitos com um político, mas, depois da reação de tristeza, tomava as rédeas da situação e expulsava o homem público com um chute nos fundilhos<sup>31</sup>. A república também surgia observando em tom de desaprovação a um ministro imperial, cuja casa estava infestada de ratos, em analogia à roubalheira promovida junto à sua pasta<sup>32</sup>.

---

<sup>27</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 160, 18 mar. 1879.

<sup>28</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 171, 14 jun. 1879.

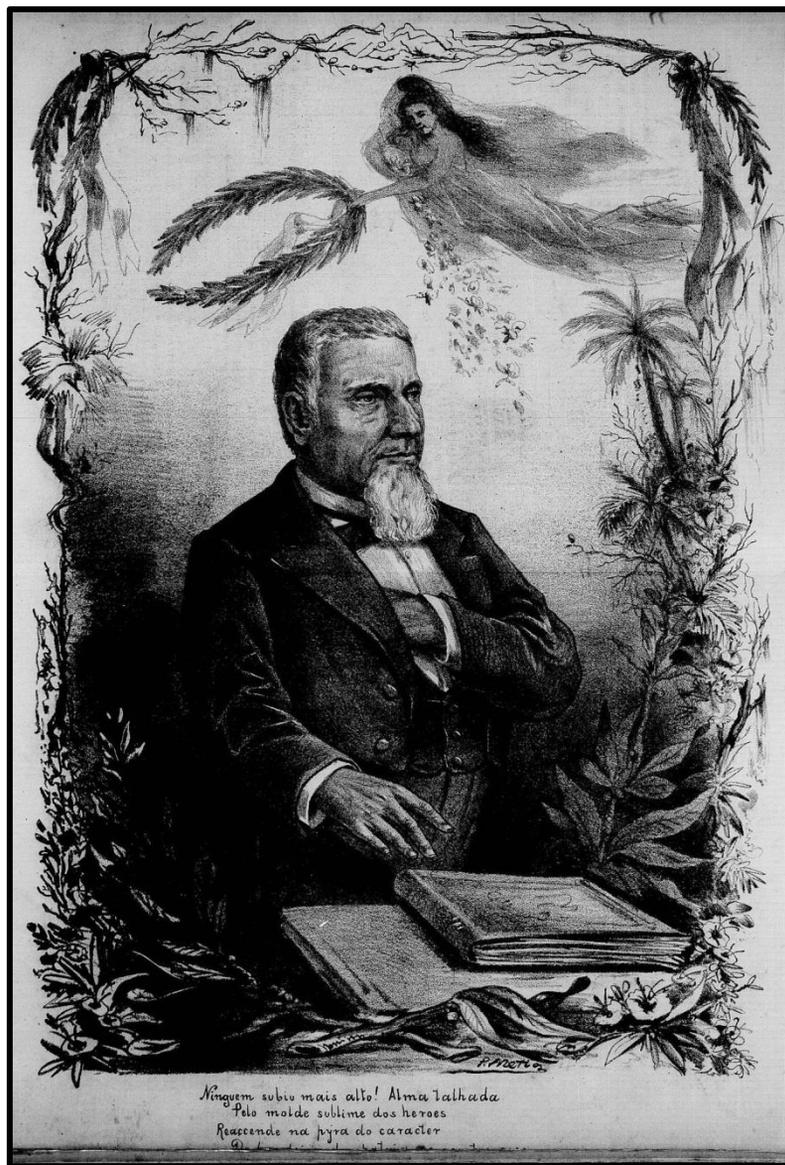
<sup>29</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 186, 11 out. 1879.

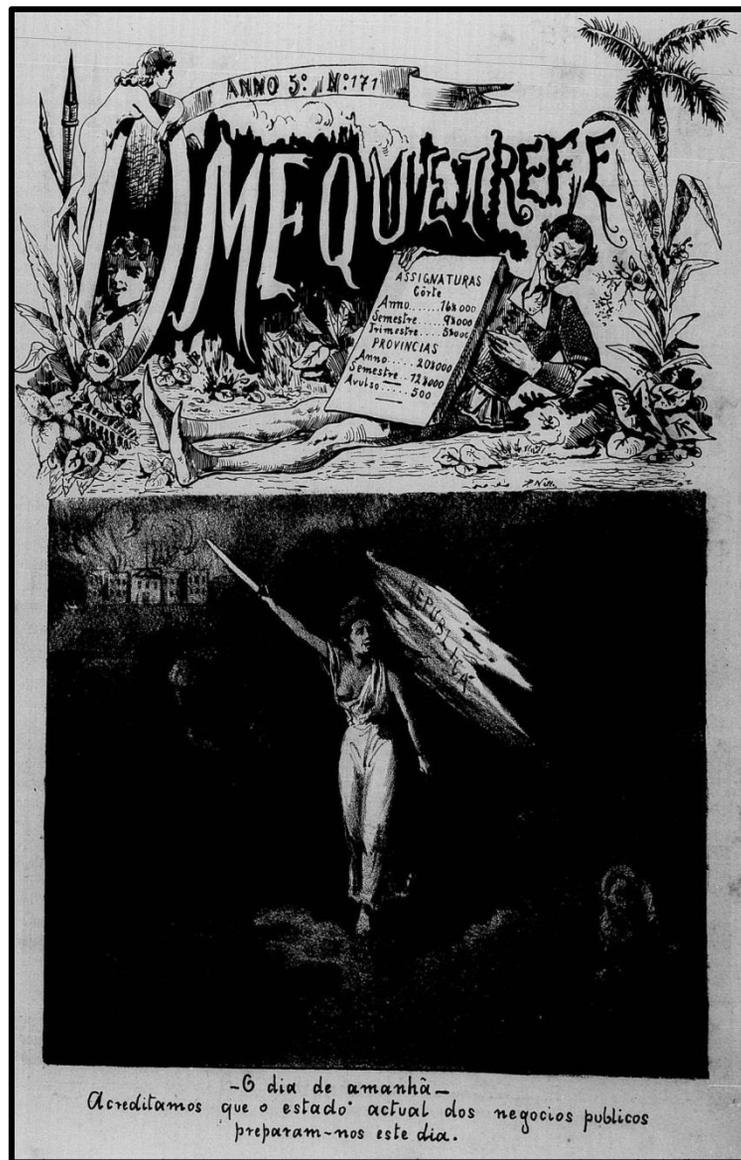
<sup>30</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 8, n. 283, 20 ago. 1882.

<sup>31</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 9, n. 374, 30 jun. 1883.

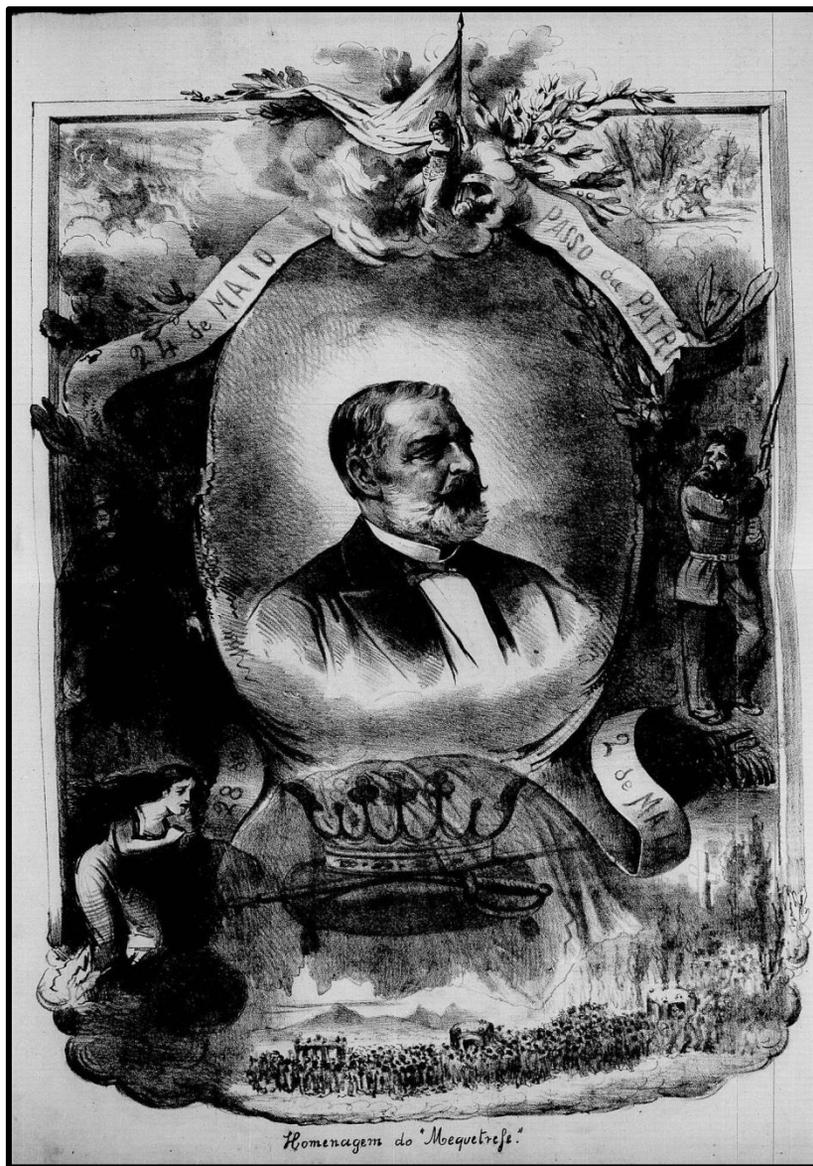
<sup>32</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 9, n. 317, 31 jul. 1883.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





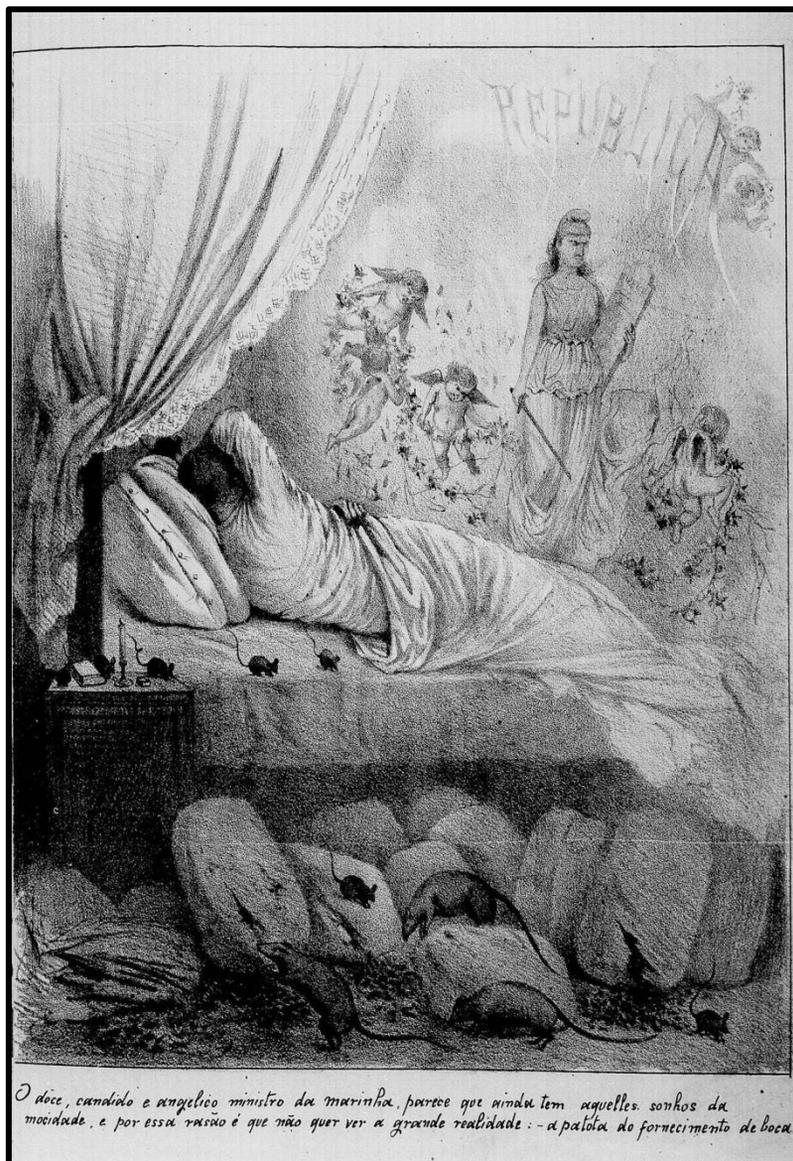
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





*Ao terminar d'estas palavras, Spavarello sentio  
 uma commoção estranha no coecix e, alguém  
 gritar-lhe: - Toma, que te dou eu.*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



Em referência a um processo eleitoral, como uma amazona, a mulher-república cavalgava rapidamente, deixando para traz a candidatura conservadora<sup>33</sup>. A figura feminina contrária à forma monárquica chegou a ser transmutada para a forma de uma sereia, cujo canto estaria a cada vez mais conquistar novos adeptos, levando os partidários da “velha vassoura”, ou seja, a monarquia, a ficarem temerosos<sup>34</sup>. A pátria assumia as feições da divindade republicana, ao homenagear um militar que falecera<sup>35</sup>. Vislumbrando a possibilidade próxima da mudança de regime, perante a “atual crise política”, o periódico trouxe a dama republicana em atitude impávida, expulsando os resquícios da forma monárquica, ao jogar à rua vários dos elementos constitutivos que traziam consigo símbolos do reinado, como peças de indumentária, a coroa e o trono<sup>36</sup>. A última presença da mulher do barrete frígio nas páginas de *O Mequetrefe*, antes da instauração da república no Brasil, foi em uma homenagem à França, vinculada à efeméride da queda da Bastilha, sendo o país europeu observado como um modelo de independência e liberdade<sup>37</sup>.

---

<sup>33</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 10, n. 360, 10 dez. 1884.

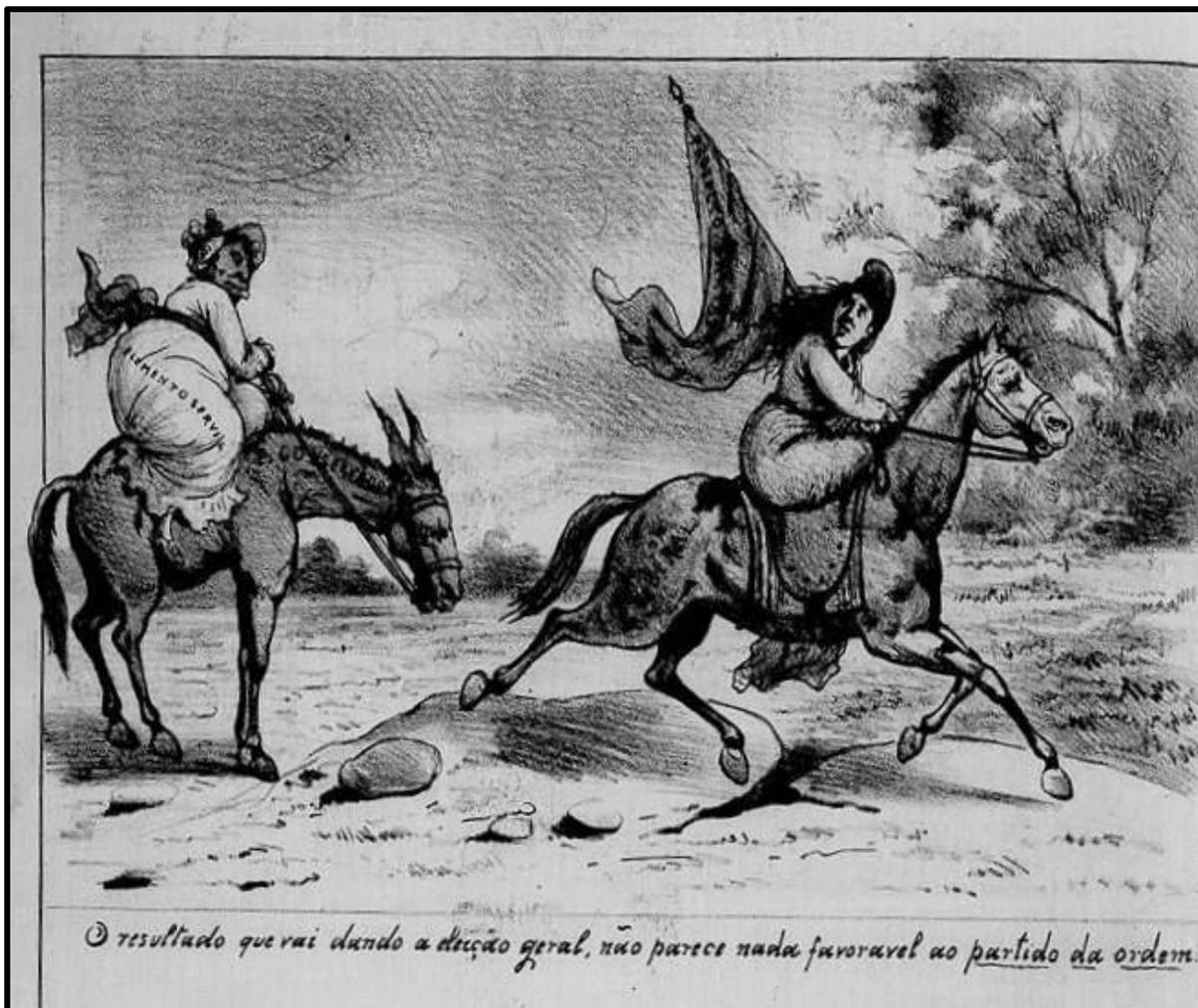
<sup>34</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 14, n. 450, mar. 1888.

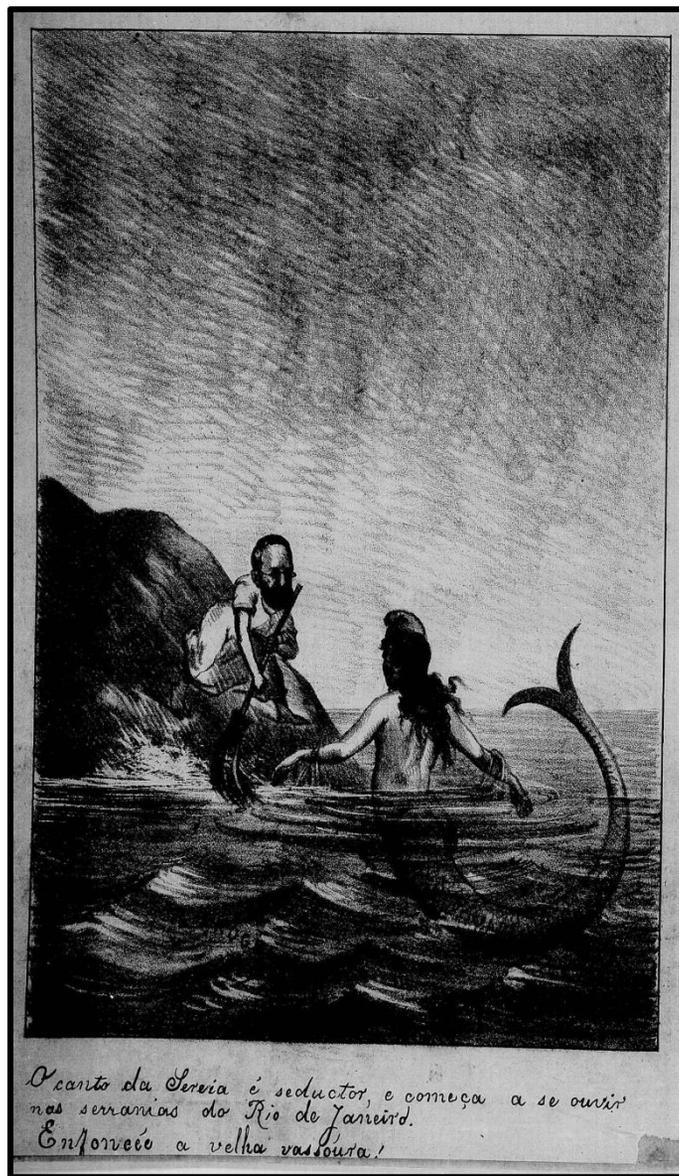
<sup>35</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 15, n. 470, jan. 1889.

<sup>36</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 15, n. 478, maio 1889.

<sup>37</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 15, n. 481, jul. 1889.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



ANO 15º N.º 478

# OMEQUETREFE



ASSIGNATURAS CORTE		PROPRIEDADE DE -- E. J. CORREIA	ASSIGNATURAS PROVINCIAES	
Anno	16,000	R Redacção Rua da Quitanda n. 7.	Anno	30,000
Semestre	9,000		Semestre	13,000
Trimestre	5,000		Trimestre	5,000



*Sená esta a apothose final da actual crise politica.*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



A chegada da república foi saudada por *O Mequetrefe* ao trazer a figura do proclamador, acompanhado por políticos republicanos e integrantes do Governo Provisório, todos eles sob as bênçãos da deusa-república que pairava acima deles<sup>38</sup>. Mais adiante, o entusiasmo permaneceria com o aplauso à indicação de Deodoro da Fonseca para permanecer na Presidência da República, com o protagonismo da dama republicana, a qual também aparecia a prantear o falecimento de uma liderança republicana brasileira<sup>39</sup>. Mas o olhar crítico não deixaria de aparecer em um conjunto caricatural no qual um dos desenhos mostrava a mulher-república, tal qual Diógenes, de lanterna à mão, a procurar um homem para a sua pátria, mas só encontrando um barrete frígio com uma coroa em seu interior e com o retrato do político predominante do governo, sobre o qual pairava a pecha de monarquista<sup>40</sup>. O segundo aniversário da república foi comemorado pelo periódico com a dama do barrete frígio prestando homenagens ao líder republicano falecido Benjamin Constant e a Tiradentes, elevado ao panteão dos “heróis nacionais” sob a égide republicana<sup>41</sup>. A figura que representava a passagem do tempo dava conselhos à jovem mulher-república, prometendo que a mesma viria a “crescer e aparecer”<sup>42</sup>.

---

<sup>38</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 15, n. 486, nov. 1889.

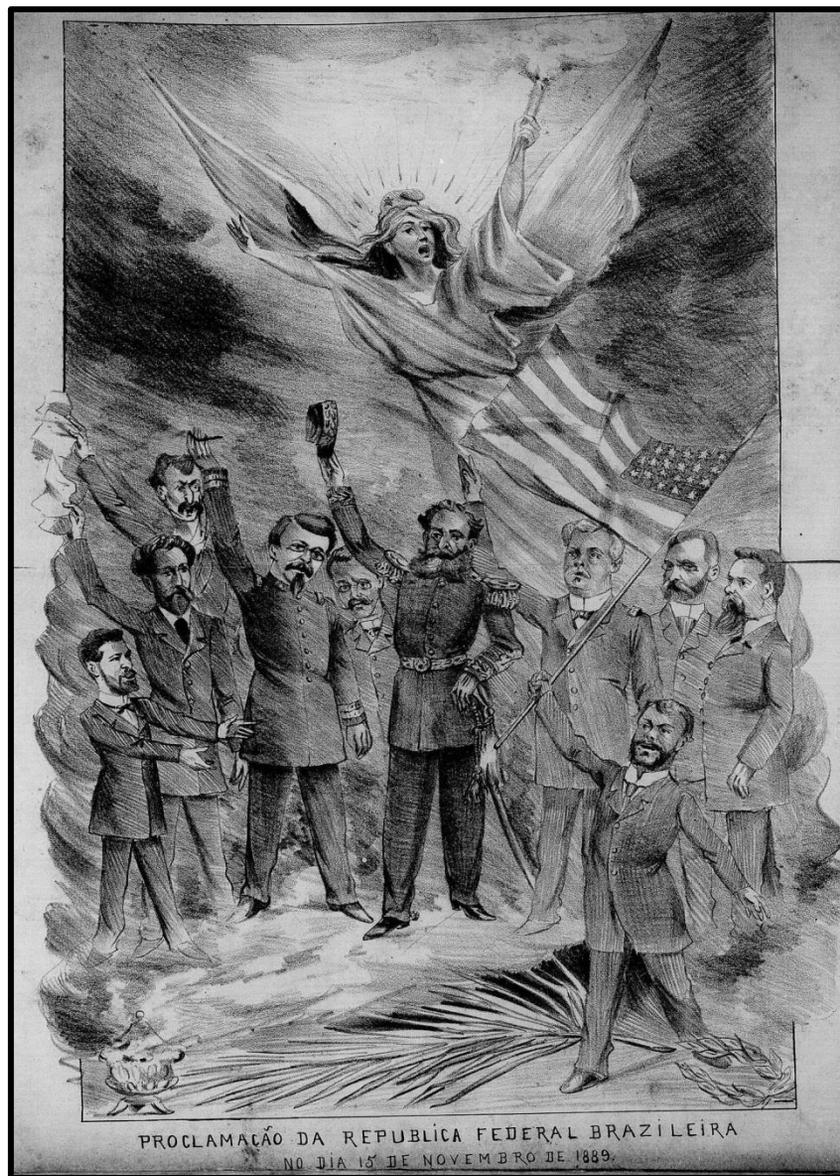
<sup>39</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 17, n. 516, jan. 1891.

<sup>40</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 17, n. 523, abr. 1891.

<sup>41</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 17, n. 531, nov. 1891.

<sup>42</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 18, n. 539, fev. 1892.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





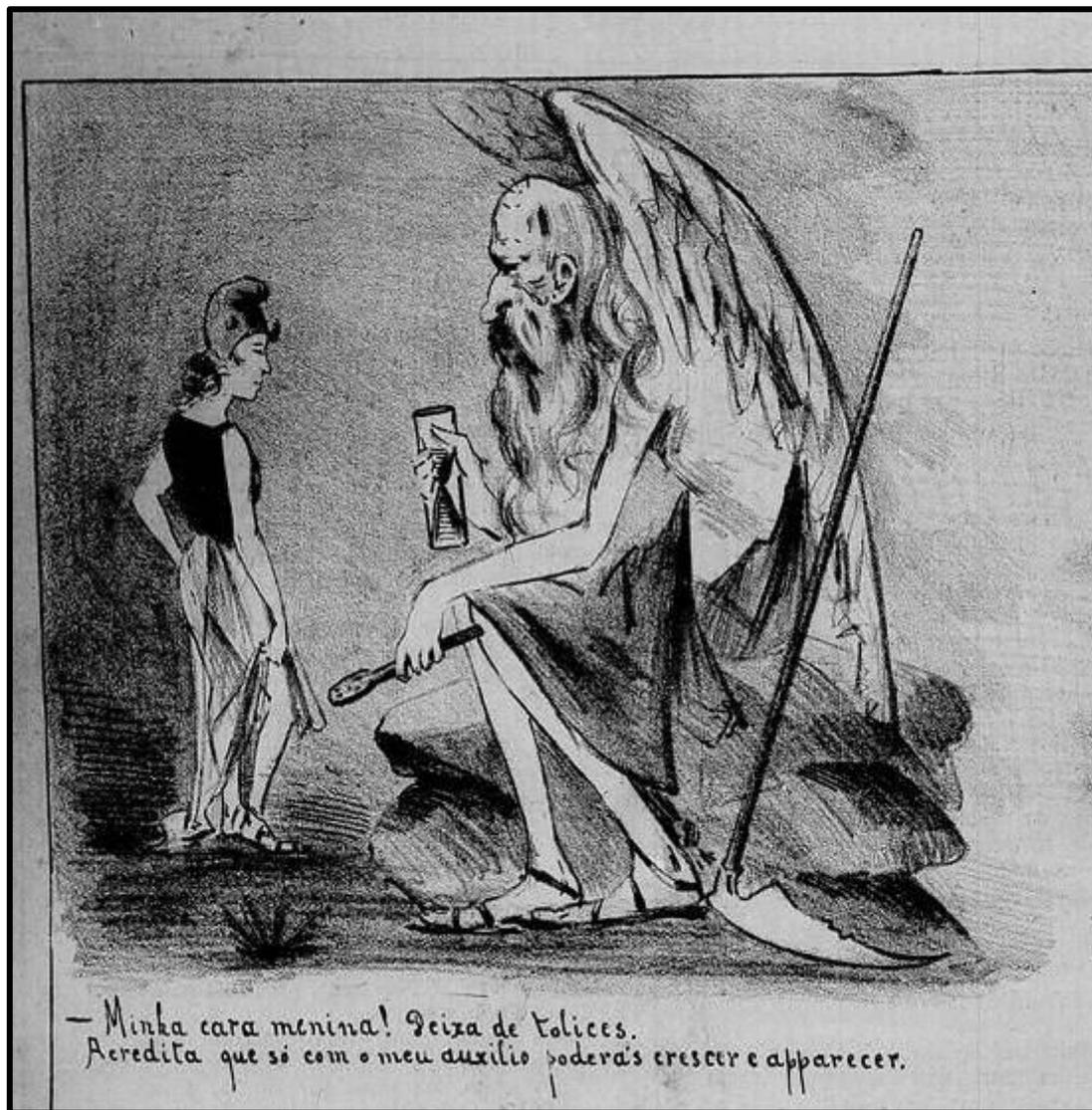
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





Apontado como o “grande mártir” da causa republicana, Tiradentes foi mais uma vez celebrado pela folha ilustrada carioca, havendo a presença da mulher-república na homenagem estampada<sup>43</sup>. As possibilidades de restauração monárquica eram rechaçadas por *O Mequetrefe* ao mostrar com ojeriza uma figura feminina coroada, simbolizando o regime decaído, ao passo que a deusa republicana levitava ao longe, como a guardar a nova forma de governo<sup>44</sup>. Os problemas econômico-financeiros enfrentados pelo país eram representados pela dama-república que dava assistência ao comércio, simbolizado pela divindade clássica Mercúrio, o qual agonizava em seu leito<sup>45</sup>. Ainda quanto ao campo financeiro, econômico e fiscal, a figura feminina do barrete encarnado surgia a cobrar impostos e buscando amparar a indústria nacional, para a insatisfação do câmbio, ao qual interessava a crise<sup>46</sup>. O terceiro aniversário da instauração republicana foi saudado pela publicação carioca com uma alegoria na qual a figura feminina alusiva à república ganhava auras de verdadeiro monumento, para o qual havia um préstimo de homenagens, assim como ela aparecia com a espada em uma das mãos e a constituição na outra, como a mostrar forças para o mundo, simbolizado pelo globo terrestre<sup>47</sup>. Em seguida viria o encerramento de *O Mequetrefe*, que durante a sua existência deu larga divulgação à imagem da dama republicana.

---

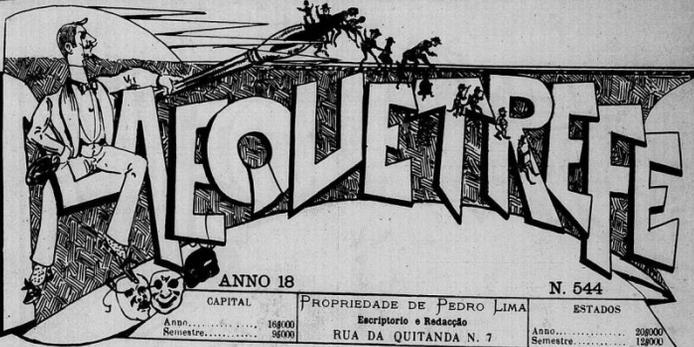
<sup>43</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 18, n. 544, abr. 1892.

<sup>44</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 18, n. 550, set. 1892.

<sup>45</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 18, n. 550, set. 1892.

<sup>46</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 18, n. 555, out. 1892.

<sup>47</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, a. 18, n. 557, nov. 1892.



**A MAQUETE**

ANNO 18 N. 544

CAPITAL		PROPRIEDADE DE PEDRO LIMA	ESTADOS	
Anno.....	16000	Escritorio e Redacção	Anno.....	20000
Semestre.....	9000	RUA DA QUITANDA N. 7	Semestre.....	12000



LIBERTAS

HOMENAGEM A TIRADENTES, O GRANDE MARTYR.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



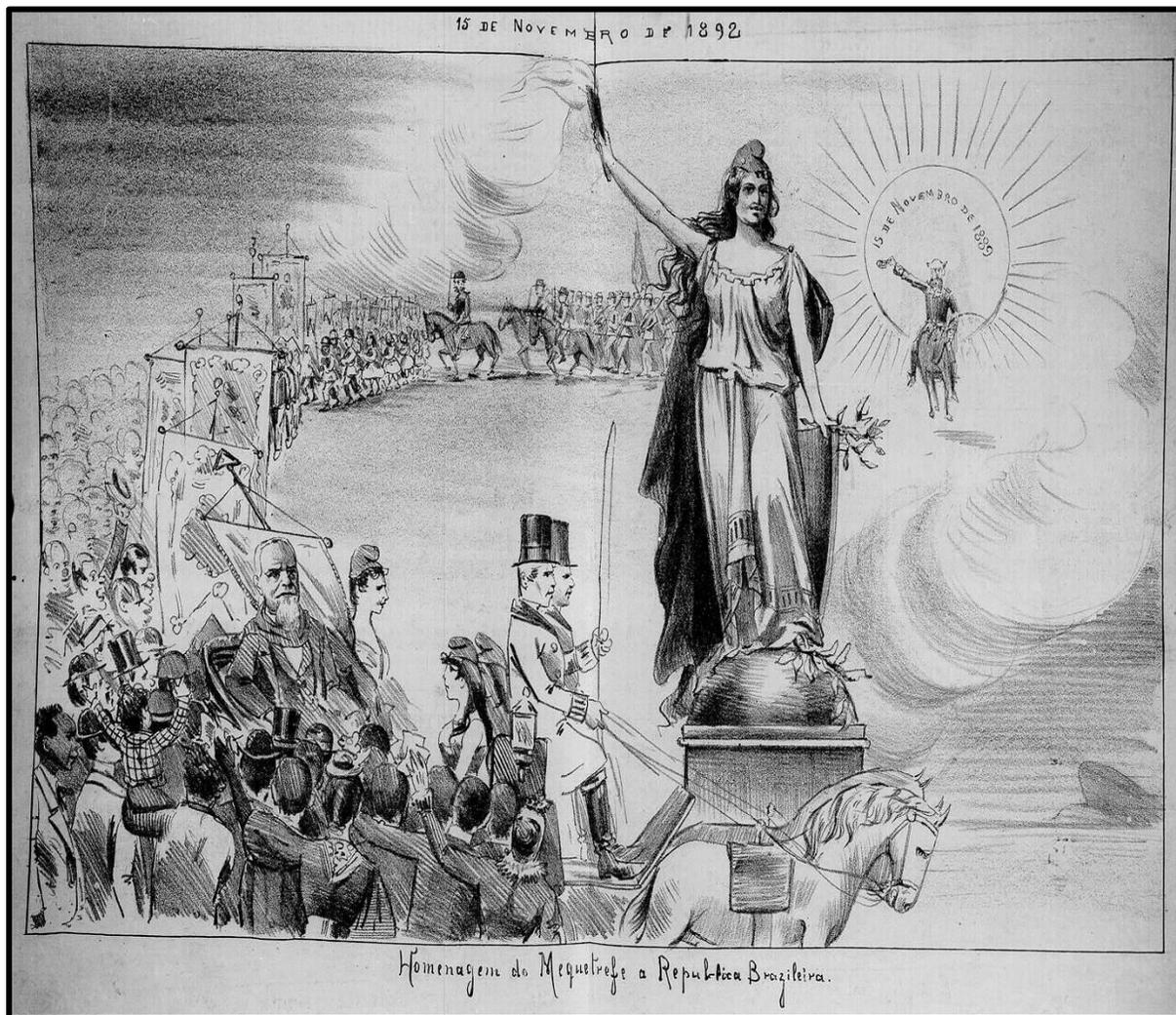


A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A

*REVISTA ILUSTRADA*

A *Revista Ilustrada* foi uma das mais importantes publicações ilustradas e humorísticas do Brasil do século XIX. Fundada em 1876 pelo artista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, ela influenciou diretamente a arte caricata expressa por meio da imprensa nas mais variadas localidades brasileiras que adotaram tal gênero jornalístico. Agostini foi jornalista, editor e militante político, mas, como ilustrador e caricaturista, se consagrou<sup>48</sup>. Sua produção, além de extensa, adquiriu características diversas e acentuou sua principal habilidade, a de sensível cronista visual<sup>49</sup>. Ele engrandeceu as suas criações com o sentido político que lhes deu, manejando o lápis como arma no nível e com a eficácia do ilustrador meticuloso, que apanhava com o seu traço inconfundível não apenas os detalhes que a observação colhia, mas a profundidade e a significação que se exteriorizava nesses detalhes<sup>50</sup>. Na *Revista* aparecia uma crônica do cotidiano e de costumes, estabelecendo uma proximidade com o leitor, criando com este uma comunicação direta e espontânea, impregnada ora de delicadeza, ora de

---

<sup>48</sup> COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012. p. 249.

<sup>49</sup> MARINGONI, Gilberto. *Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910*. São Paulo: Devir Livraria, 2011. p. 85.

<sup>50</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 217-218 e 220.

humor, ora de atrevimento<sup>51</sup>. Com a *Revista Ilustrada*, Agostini atingiu o clímax de sua trajetória, exercendo influência na opinião pública nacional<sup>52</sup>.

Ao apresentar-se em seu número inaugural, a *Revista* exclamava que abrissem caminho bem franco para mais um campeão que se apresentava na arena, de lápis em riste, pronto a combater os abusos, de onde quer que eles viessem, e a distribuir justiça com a hombridade de Salomão. Revelando sua experiência nas lides jornalísticas, o redator destacava que ele não era nenhum calouro, que pretendesse entrar com pés de lã na contenda jornalística para afinar a sua voz pelo diapásão da grande orquestra da imprensa humorística carioca. Inclusive, enfatizava que se dava o contrário, por tratar-se de um veterano, já muito calejado nas lides semanais que voltava resfolgado à cena. Dizia que seu programa é dos mais simples, podendo ser resumido em poucas palavras: falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso lhe caísse algum dente. Perguntava se os leitores estariam prevenidos, pois quem se zangasse com ele poderia ficar certo de perder o seu latim<sup>53</sup>.

A *Revista Ilustrada* teria uma longa vida, circulando até agosto de 1898. Mas não foi com seu fundador que ela seguiu até o fim, pois, no auge da fama,

---

<sup>51</sup> SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 221 e 229.

<sup>52</sup> MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012. p. 208

<sup>53</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 1º jan. 1876.

aclamado com um dos artífices da abolição, Agostini se envolveu em um escândalo familiar e, em outubro de 1888, seguiu para uma espécie de exílio forçado na França. Tinha planos para uma curta estadia, mas só retornaria ao Brasil no final de 1894, sem mais voltar para a *Revista*, vindo inclusive a fundar outra folha ilustrada. A *Revista* continuou sem ele, e por um bom tempo conseguiu manter o nível, mas aos poucos esvaziou a forma, sucumbiu à política da cavação, perdeu credibilidade e importância. Além disso, os tempos também eram outros, já que os artífices da república, instalada em novembro de 1889, não herdaram a tolerância da monarquia e os ventos da liberdade de imprensa se tornavam coisa do passado<sup>54</sup>. Dessa maneira, Agostini acompanhou a vitória de uma de suas campanhas, a da abolição da escravatura, mas não conviveu diretamente com a derrocada definitiva da monarquia.

Ao longo de sua existência, a *Revista Ilustrada* bateu-se fortemente pelas causas abolicionista e republicana, de modo que liberdade e republicanismo foram temas recorrentes em suas edições, e a eles esteve vinculada a figura da dama do barrete frígio. Em uma de suas representações iconográficas, o periódico, por meio de uma das referências que se tornaria bastante recorrente em meio à caricatura brasileira, mostrou a nau do Estado monárquico em péssimas condições, não resistindo à tempestade e as ondas que a engolfavam, estando bem próxima de soçobrar. Enquanto a maior parte da tripulação, em alusão aos governantes imperiais, se afogava, o índio, representação do povo

---

<sup>54</sup> COSTA, 2012, p. 347 e 412

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E  
HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

brasileiro, caía da embarcação, mas viria a ser salvo por aquela figura feminina que, de um bote salva-vidas tripulado por um dos líderes republicanos do país, atirava-lhe uma boia<sup>55</sup>.

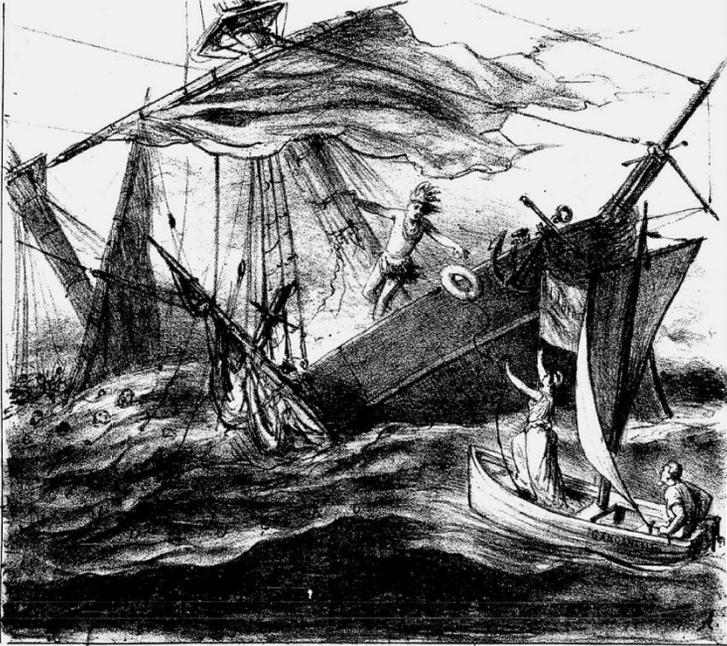
---

<sup>55</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 77, 4 ago. 1877.

Anno 2 Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1877. Nº 77

# REVISTA ILUSTRADA

CORTE		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas à Rua da Assembleia 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada	PROVINCIAS	
Anno	16 \$ 000		Anno	20 \$ 000
Semestre	8 \$ 000	Semestre	11 \$ 000	
Trimestre	5 \$ 000	Anual	5 \$ 000	



*Não é só a Corveta Bahiana que corre o risco de ir a pique minada pelo cupim. A corrupção, outro cupim, tem já estragado a lota ponto a Nação do Estado, que é provável que não resistirá a qualquer tempestade. É de esperar que o Brasil achará quem o salve.*

A França, referencial quando a temática era a república, bem como a sua representação feminina, esteve presente constantemente na pauta editorial da *Revista Ilustrada*. Ela foi apresentada se antepondo a morcegos, que representavam os males que afligiam a sociedade francesa<sup>56</sup>. A mulher-república apareceu também promovendo uma vitória sobre os partidos monárquicos<sup>57</sup> e enfrentando um golpe militar de caráter restaurador<sup>58</sup>. Mostrando a dama republicana diante de um globo, a folha carioca se referia à França abrindo as portas de uma exposição mundial, ao mesmo tempo em que apresentava dificuldades vividas por algumas das monarquias europeias<sup>59</sup>. A República Francesa, por meio de sua representação, foi destacada como “um colosso” que passava “a incomodar as grandes potências imperiais”<sup>60</sup>. A dama do barrete frígio também protagonizou um histórico iconográfico da evolução francesa entre 1789 e 1881<sup>61</sup>. A morte de um político francês foi representada pelo padecer da mulher-república<sup>62</sup>. Já em 1889, viria a exaltação do centenário da Revolução Francesa<sup>63</sup>.

---

<sup>56</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 82, 15 set. 1877.

<sup>57</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 88, 27 out. 1877.

<sup>58</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 94, 15 dez. 1877.

<sup>59</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 77, 4 ago. 1877.

<sup>60</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 5, n. 196, 21 fev. 1880.

<sup>61</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 6, n. 256, 16 jul. 1881.

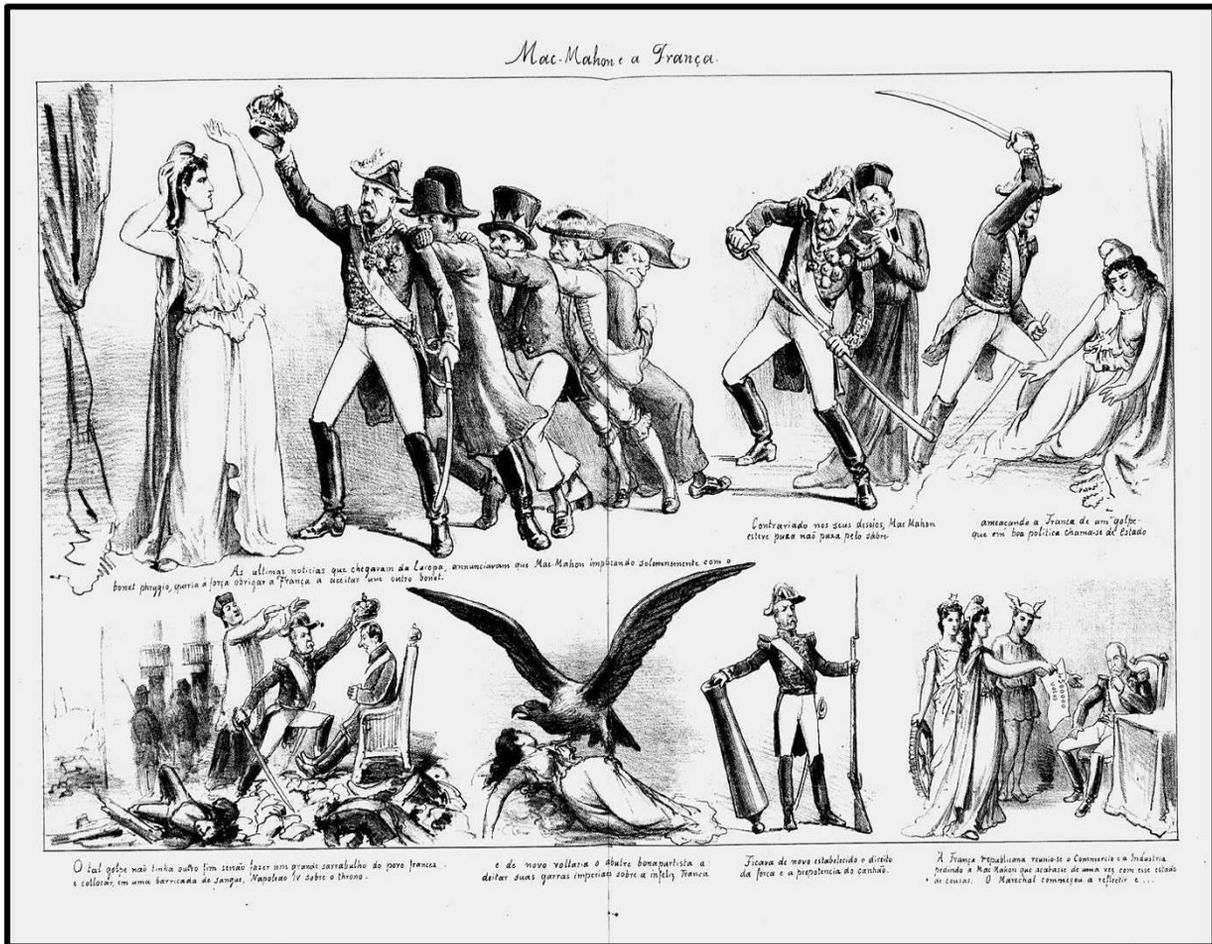
<sup>62</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 8, n. 328, 6 jan. 1883.

<sup>63</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 14, n. 557, 20 jul. 1889.

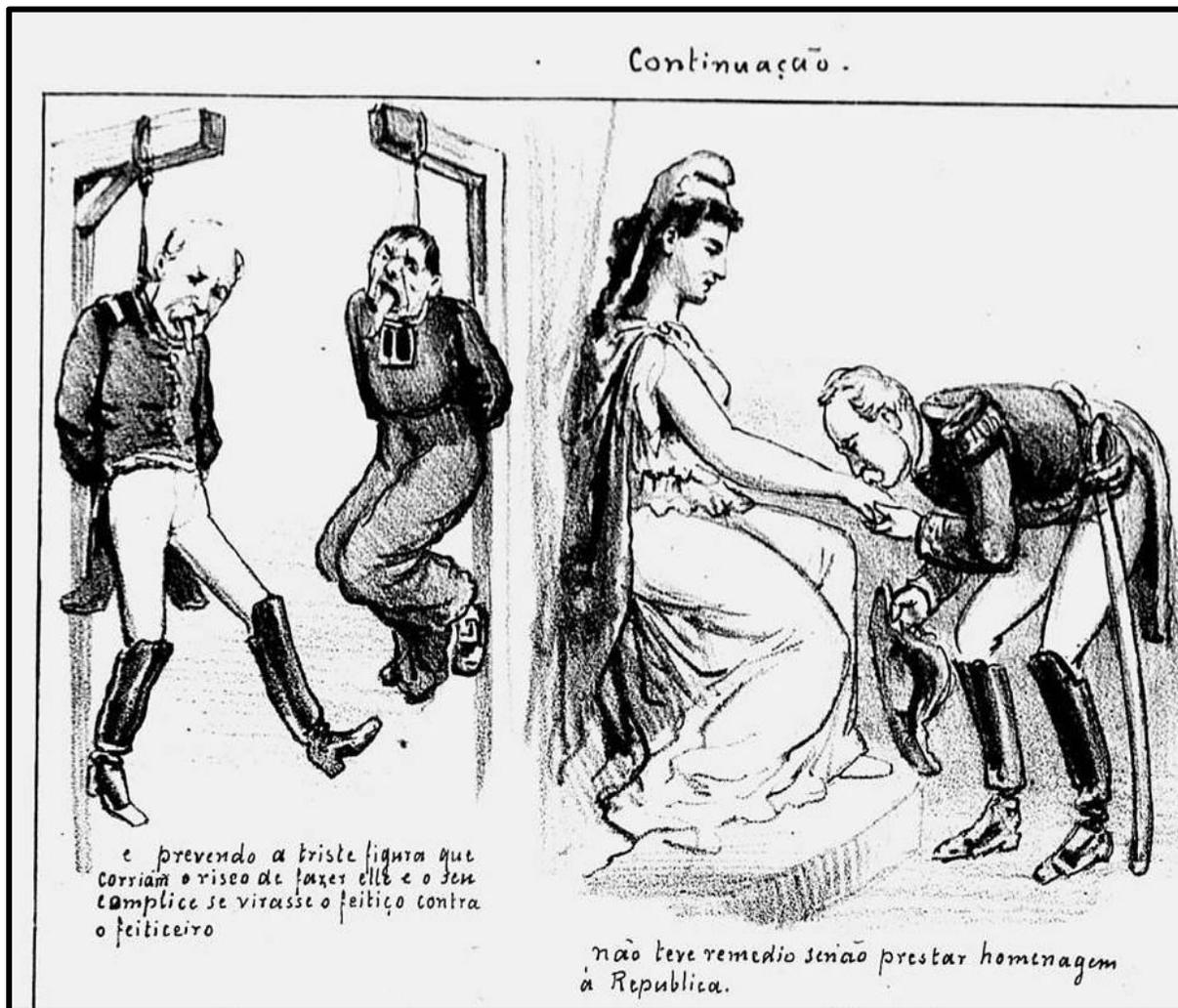


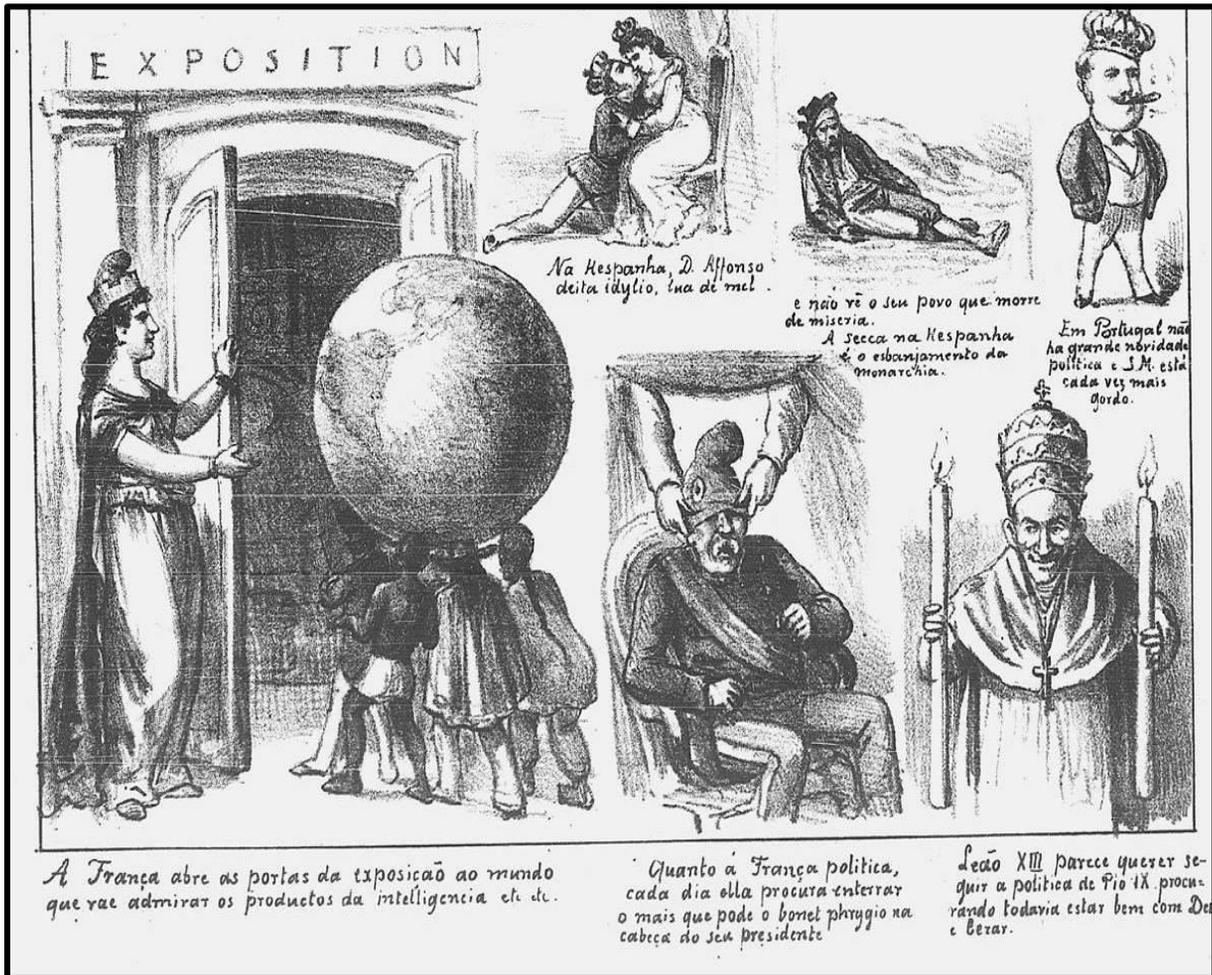
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





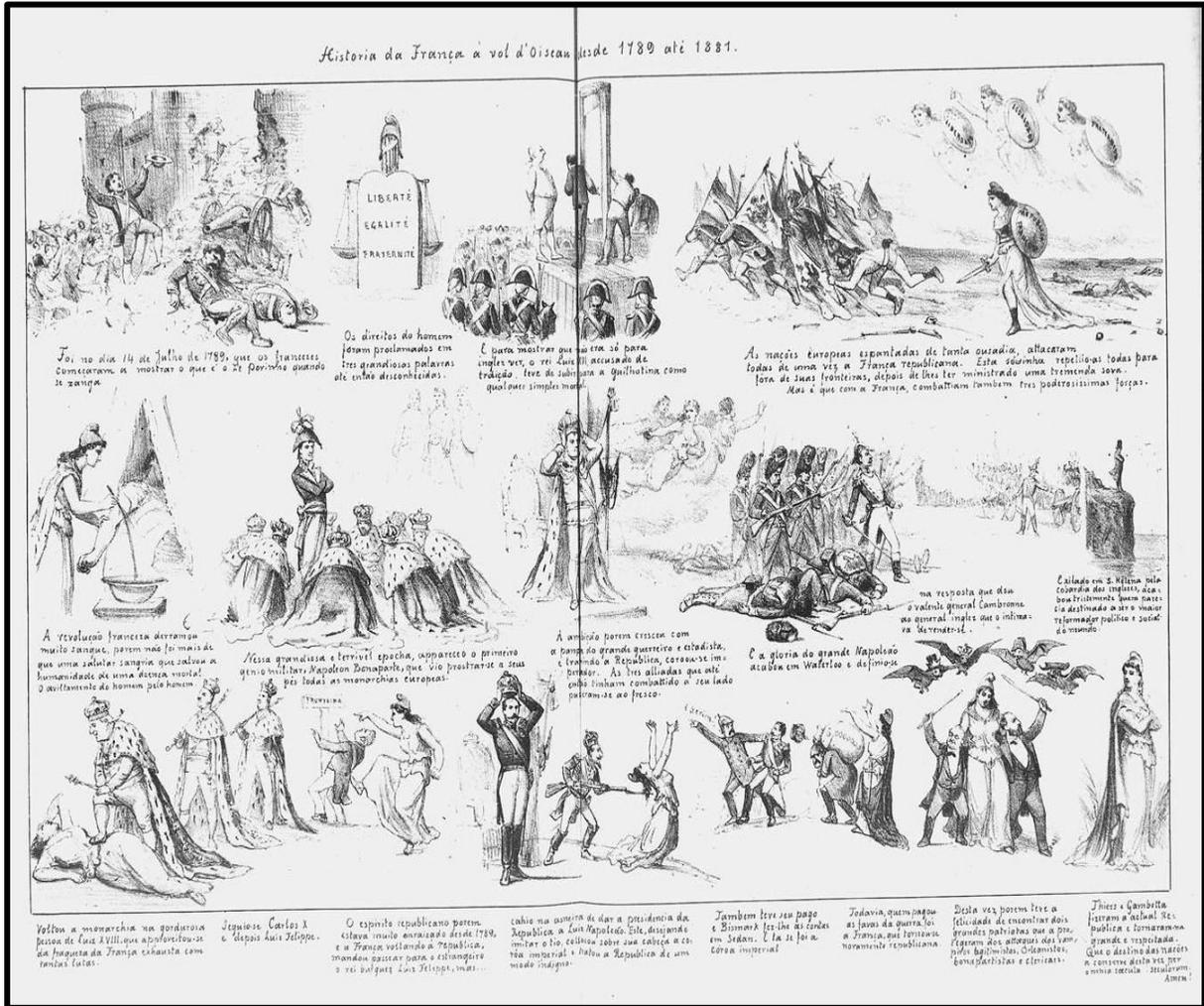
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



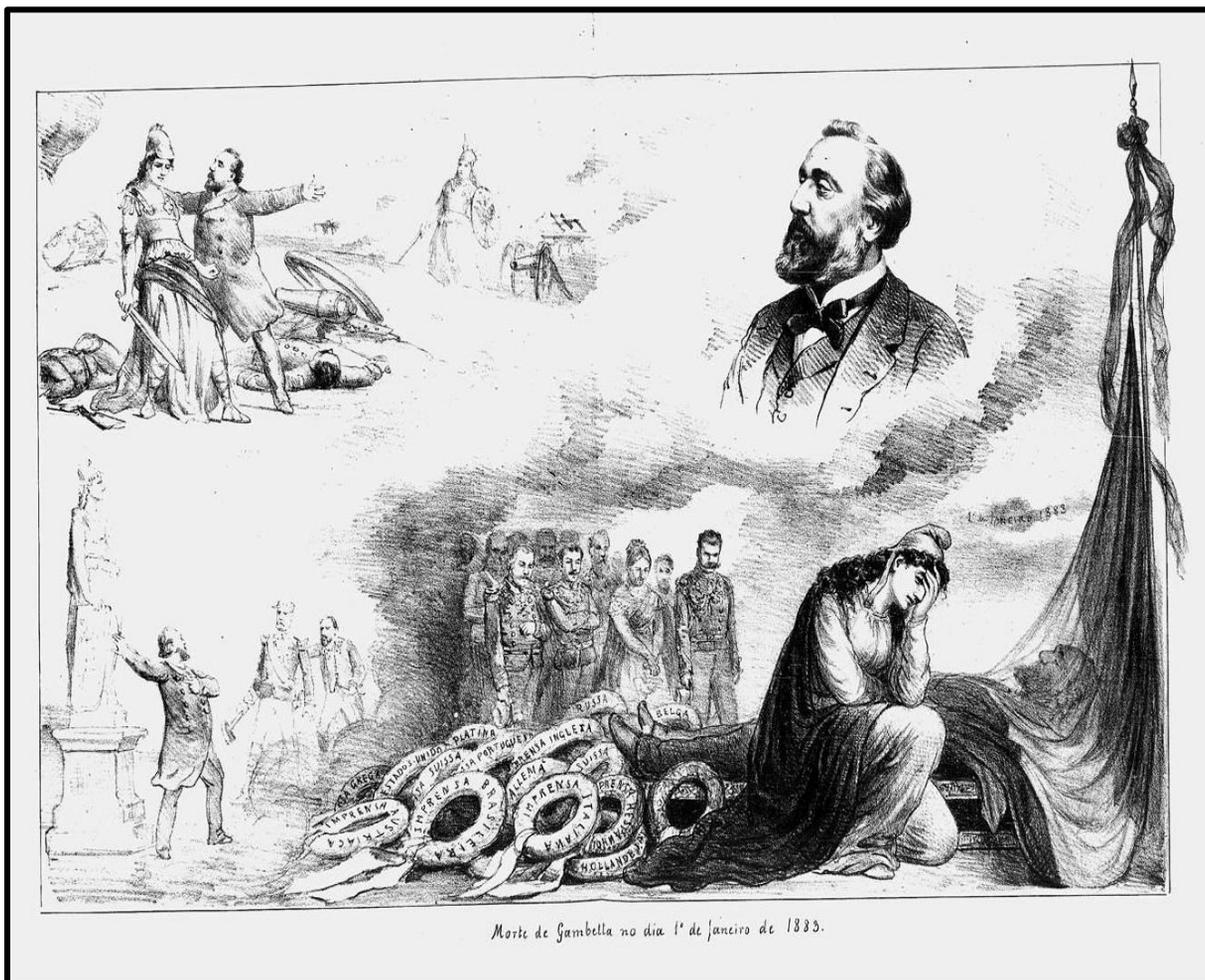


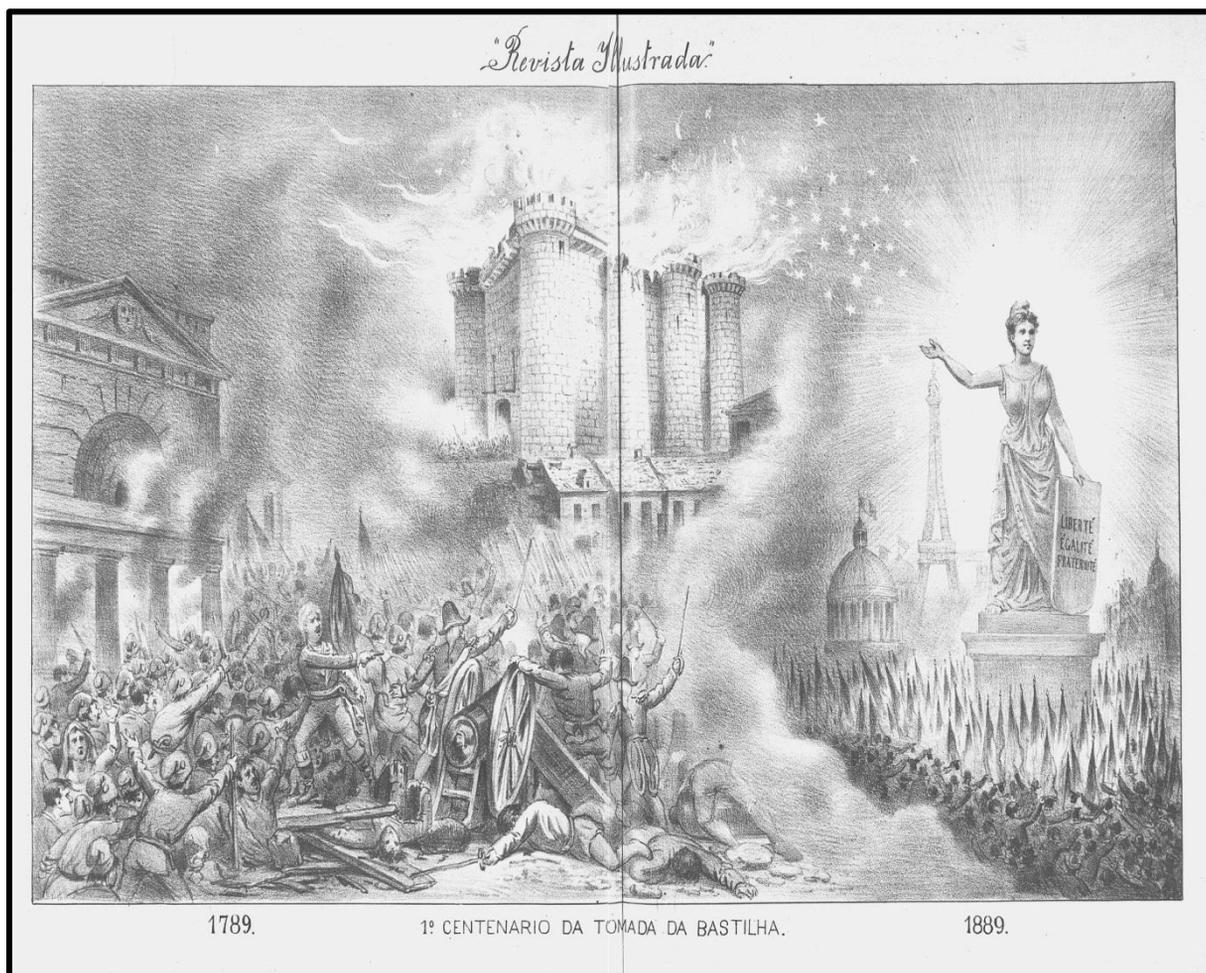
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





Houve também uma homenagem a um personagem das revoluções do século XIX, José Garibaldi, que lutara tanto no continente americano quanto no europeu, o qual recebia os louros da glória das mãos da deusa do barrete encarnado<sup>64</sup>. Outras repúblicas americanas também foram apresentadas pela revista em sua representação feminina, como foi o caso dos Estados Unidos, que teria vencido a crise da guerra civil graças à força de sua indústria<sup>65</sup>. As atividades industriais também foram consideradas fator essencial para sustentar a mulher-república argentina<sup>66</sup>. As relações brasileiro-argentinas também apareceram a partir de tal designação, com o índio-Brasil e a dama republicana da Argentina, partindo do enfrentamento até a conciliação<sup>67</sup>. Brasil e Argentina foram ainda imaginados em pleno progresso, representado pela robustez de seus respectivos símbolos<sup>68</sup>. Nessa linha, nova tendência conciliatória foi mostrada com um outro encontro entre o indígena brasileiro e dama do barrete frígido da Argentina<sup>69</sup>. Outras mulheres-repúblicas sul-americanas que se fizeram presentes foram a boliviana e a paraguaia que se enfrentavam em disputa, trazendo consequências para o além-fronteiras, no caso, na província brasileira do Mato Grosso<sup>70</sup>.

---

<sup>64</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 7, n. 302, 10 jun. 1882.

<sup>65</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 5, n. 231, 10 dez. 1880.

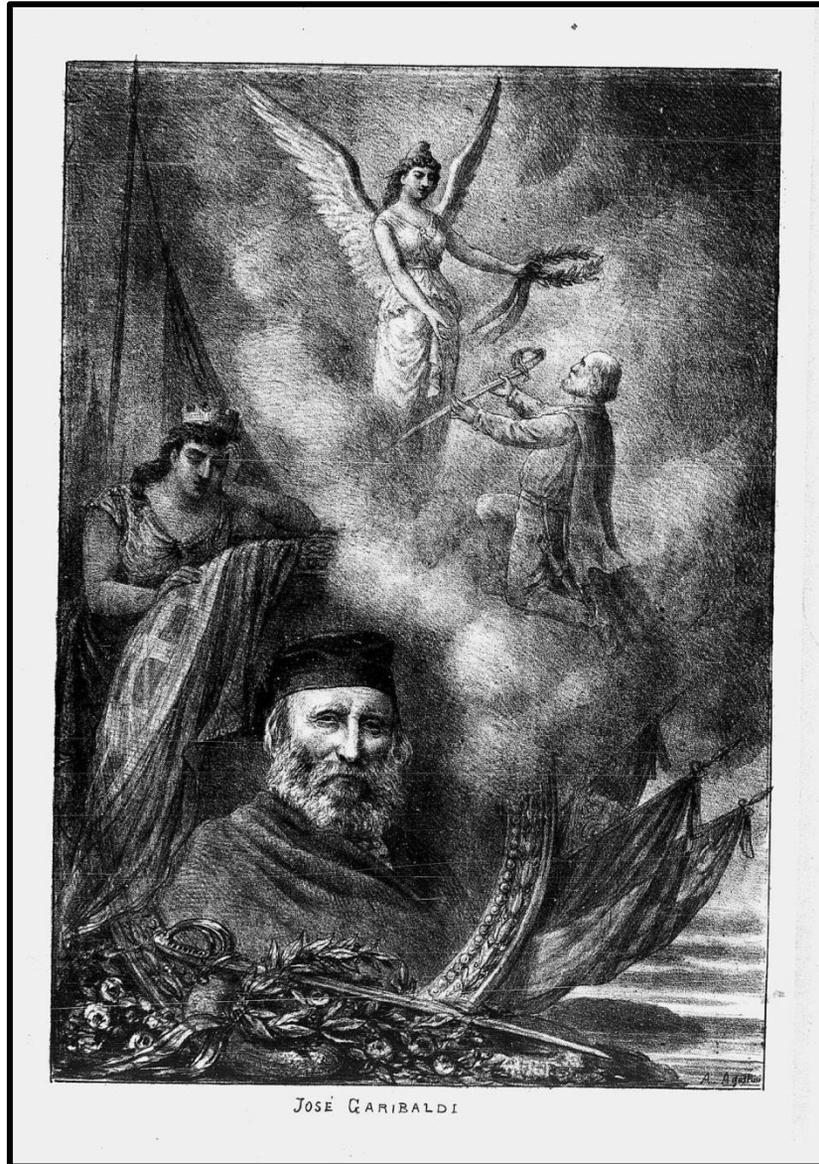
<sup>66</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 6, n. 257, 23 jul. 1881.

<sup>67</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 7, n. 311, 12 ago. 1882.

<sup>68</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 7, n. 314, 2 set. 1882.

<sup>69</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 13, n. 505, 14 jul. 1888.

<sup>70</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 13, n. 528, 22 dez. 1888.



A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



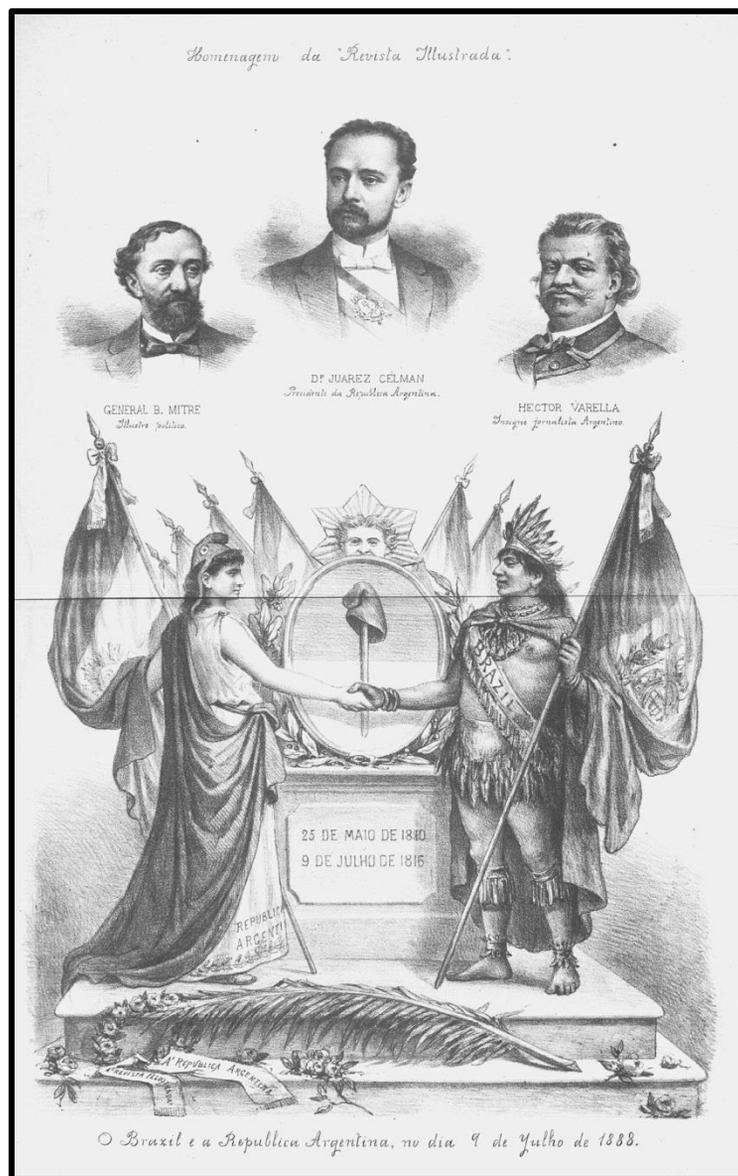


A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

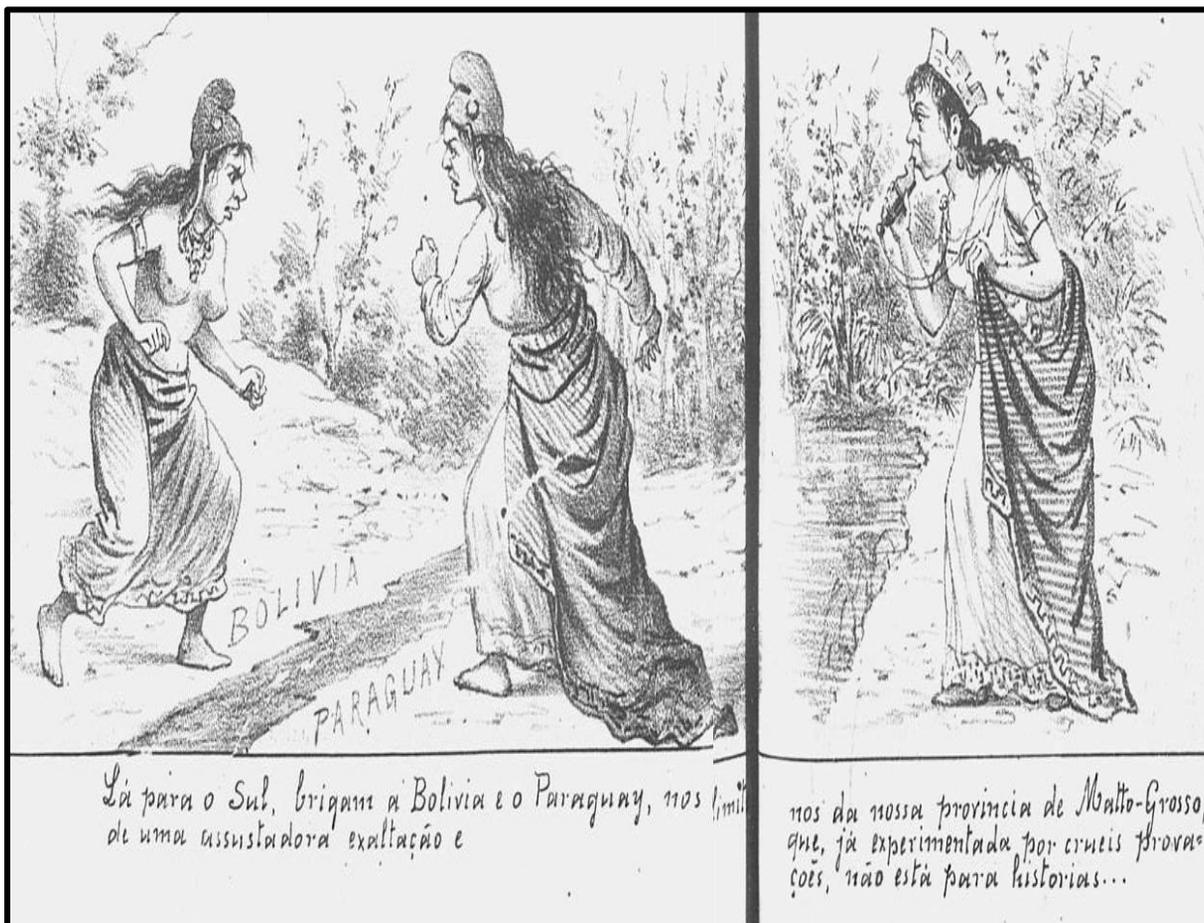


Viva pois a confraternização entre os povos sul-americanos. hip, hip, hurrah!  
Paz e gordura, é o que desejamos à Republica Argentina e ao Imperio do Brazil!  
Amen.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



As previsões quanto à instauração da forma republicana no Brasil, ainda à época imperial, também foram demonstradas pela *Revista Ilustrada* com a simbologia da mulher-república. Uma delas trouxe as disputas entre o ideário republicano e monárquico, expressa por meio da elaboração de um quadro que variou entre a dama republicana e uma figura que se identificava com a monarquia<sup>71</sup>. Em outra se dava o confronto entre o pensamento abolicionista e o escravagista, aparecendo a dama do barrete encarnado como representação de um caminho libertário<sup>72</sup>. A mesma alegoria feminina observava a decadência dos escravistas, que caíam em um precipício<sup>73</sup>. Ela também foi apresentada em uma imagem equestre, mostrando a vitória da emancipação na Província do Rio Grande do Sul<sup>74</sup>. O periódico trouxe ainda a insatisfação dos proprietários de escravos com a Lei Áurea, buscando adentrar os caminhos do republicanismo, mas sendo repudiados pela mulher-república, que repudiava o seu passado recente vinculado ao escravismo<sup>75</sup>. No mesmo sentido um desenho sugeria que a dama republicana jamais aceitaria se submeter ao conservadorismo escravista, pois aqueles que assim pensavam estariam erroneamente a imaginar, simbolicamente, que tal figura feminina viesse a aceitar engraxar as suas botas<sup>76</sup>. A mesma imagem feminina representava a chegada dos

---

<sup>71</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 5, n. 203, 10 abr. 1880.

<sup>72</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 9, n. 386, 15 jul. 1884.

<sup>73</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 9, n. 387, 31 jul. 1884.

<sup>74</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 9, n. 389, 31 ago. 1884.

<sup>75</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 13, n. 500, 9 jun. 1888.

<sup>76</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 13, n. 501, 16 jun. 1888.

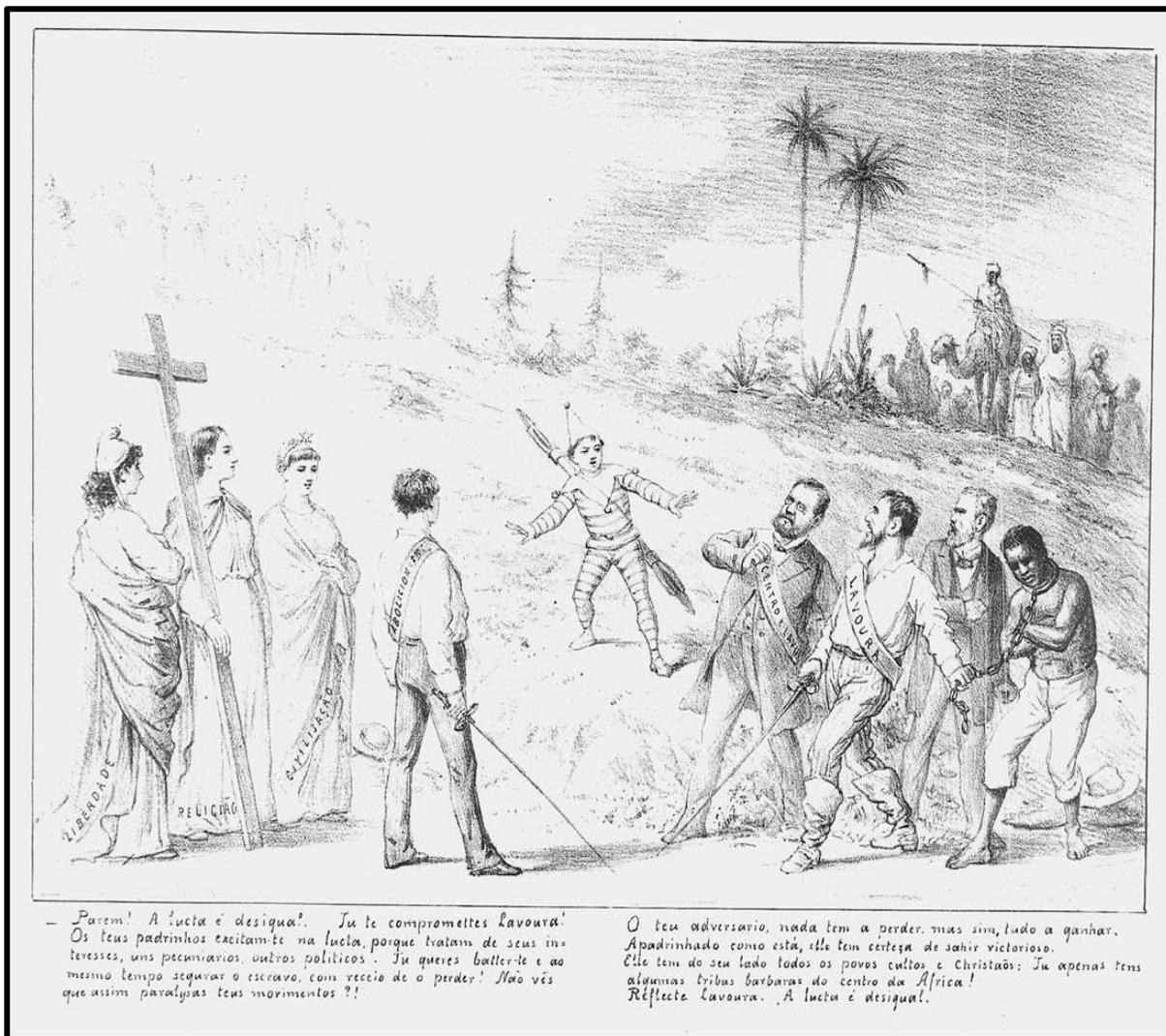
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

republicanos ao parlamento<sup>77</sup>, bem como desafiava o chefe do último gabinete imperial a evitar o avanço das ideias consideradas libertárias<sup>78</sup>.

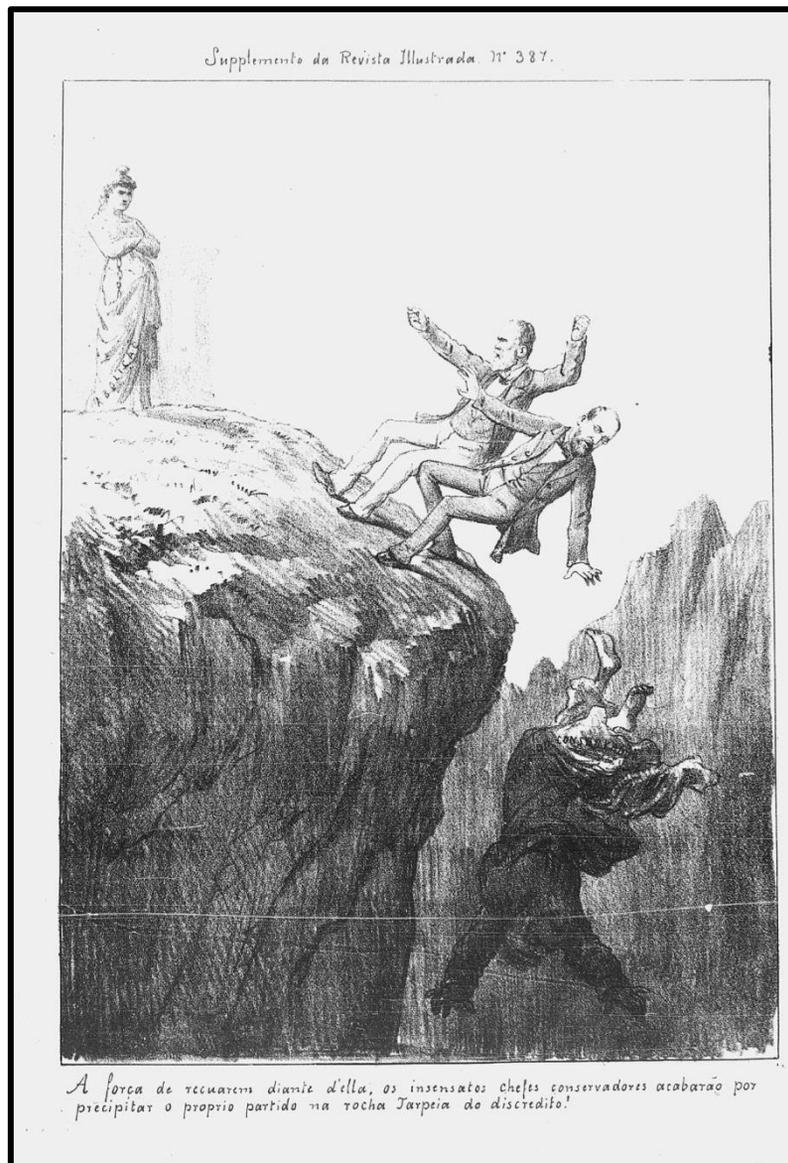


<sup>77</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 13, n. 514, 15 set. 1888.

<sup>78</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 14, n. 558, 27 jul. 1889.



A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



ANNO 9<sup>o</sup> RIO DE JANEIRO 1884 Nº 589

# REVISTA ILUSTRADA

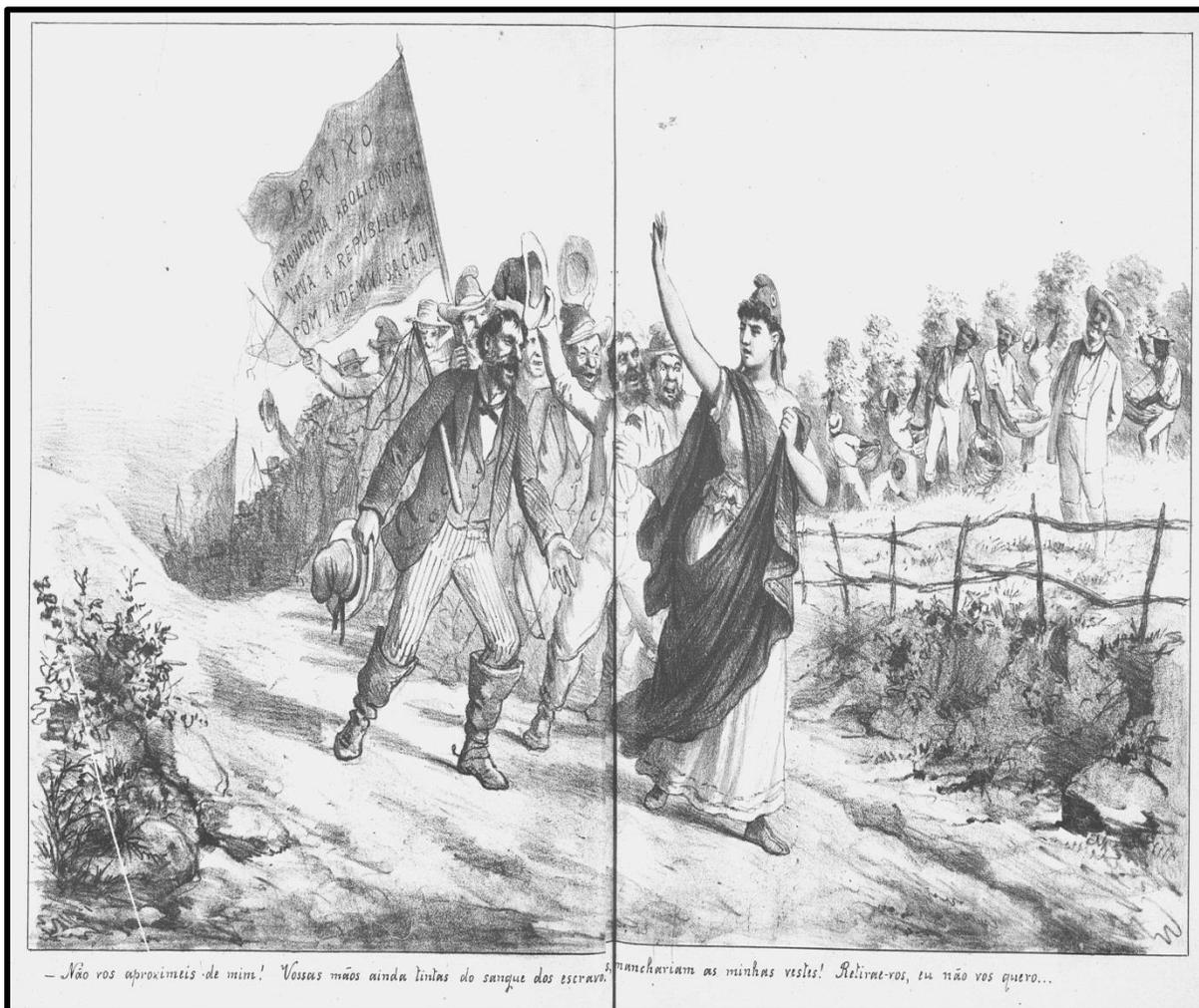
<b>CORTE</b>	<b>PROVINCIAS</b>
ANNO 16 \$000	ANNO 20 \$000
SEMESTRE 8 \$000	SEMESTRE 11 \$000
TRIMESTRE 5 \$000	AVULSO 5 \$00

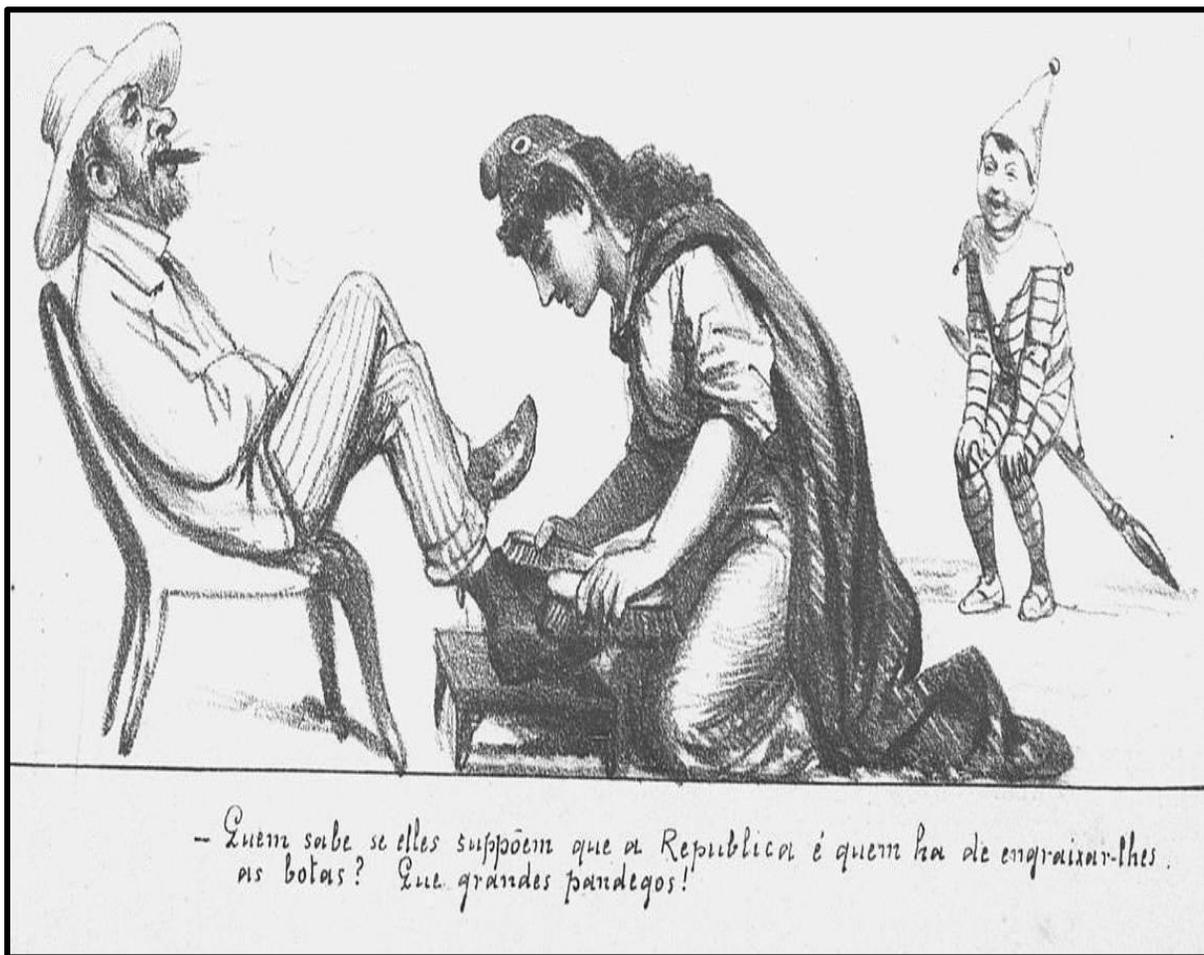
PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.  
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
A RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.



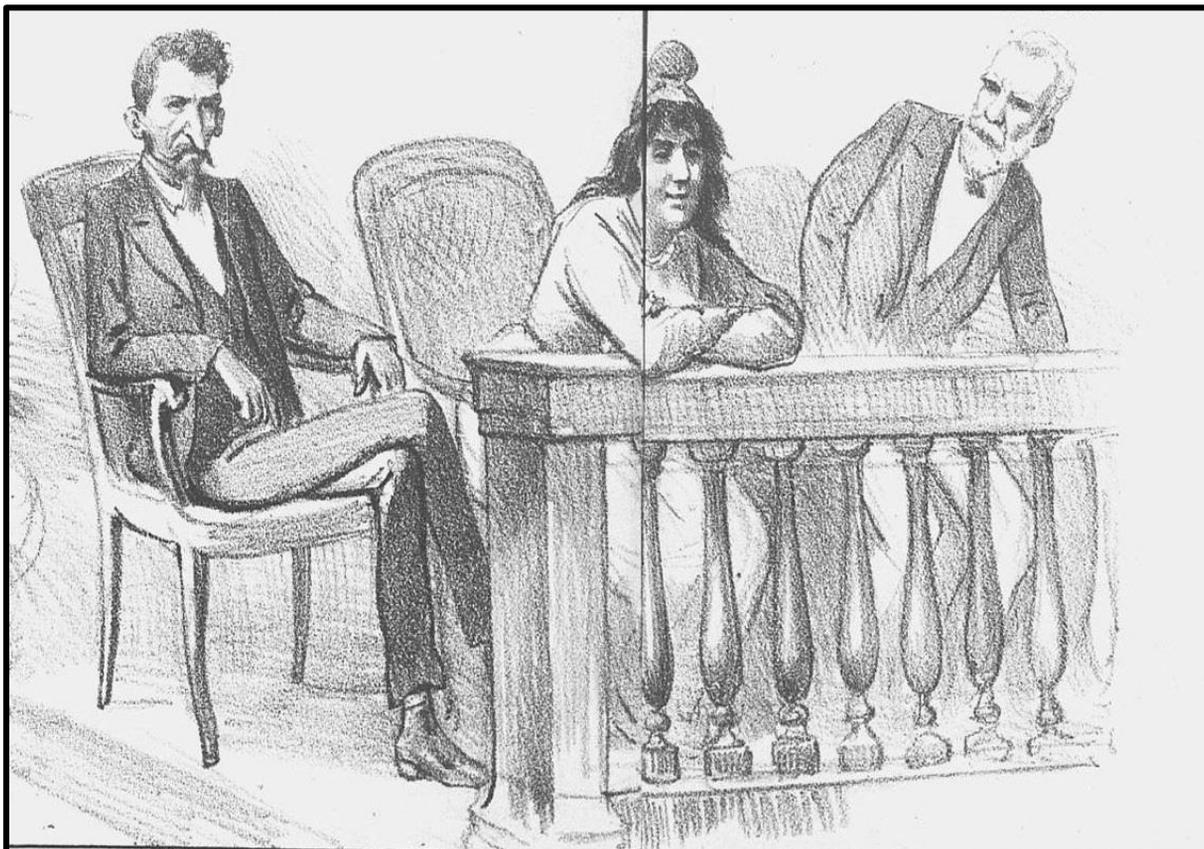
A Abolição na provincia do Rio-Grande do Sul anda a todo galope!  
Não admira. Nessa enthuasiastica provincia, não se anda d'outro modo.  
Viva o povo Rio-Grandense! Viva!!!

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



*Afinal, tomou assento o deputado republicano no pleno gozo das suas convicções. Physicamente, pouco lucrava a Republica; politicamente, porém, conseguiu ter assento na Camara, com grande escandalo de alguns monarchistas.*



Veremos se o Sr. de Ouro Preto consegue matar a ideia da liberdade, que surge pujante, conquistando adhesões em todos os corações.  
- Assim ficará reduzido o attentado da noite a

Uma vez proclamada a república, a *Revista Ilustrada*, desde o início, mostrou profundo entusiasmo e na primeira edição alusiva, o periódico apresentava a dama do barrete encarnado em amplo destaque, com a imagem do proclamador ao fundo, aparecendo também um político monarquista que, prostrado, se submetia à nova forma de governo<sup>79</sup>. Em outra representação iconográfica, surgia novamente a perspectiva de “uma franca e imperturbável amizade” entre Brasil e Argentina, dessa vez com ambas as nações simbolizadas por mulheres-repúblicas. A folha ilustrada manteve o apoio aos novos detentores do poder, ao mostrar a figura feminina como uma “calma, sedutora e jovem república” e chegando a defender o regime ditatorial, além de desabonar aqueles que exigiam a reconstitucionalização imediata do país<sup>80</sup>. Em época de carnaval, ainda na plena juventude, a mulher-república zombava de políticos da época imperial que, de acordo com a data em pauta, apareciam fantasiados<sup>81</sup>. Na mesma ocasião dos festejos carnavalescos, a publicação apresentava uma cena da folia na qual a dama republicana tinha lugar garantido<sup>82</sup>.

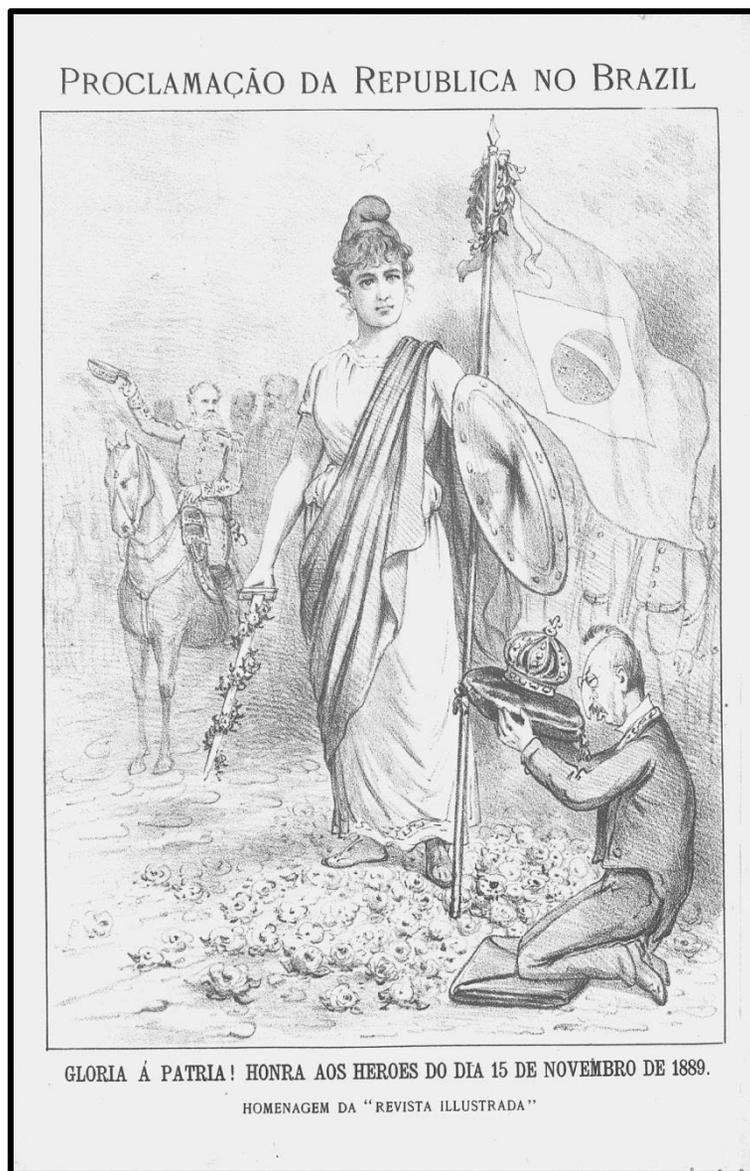
---

<sup>79</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 14, n. 569, 16 nov. 1889.

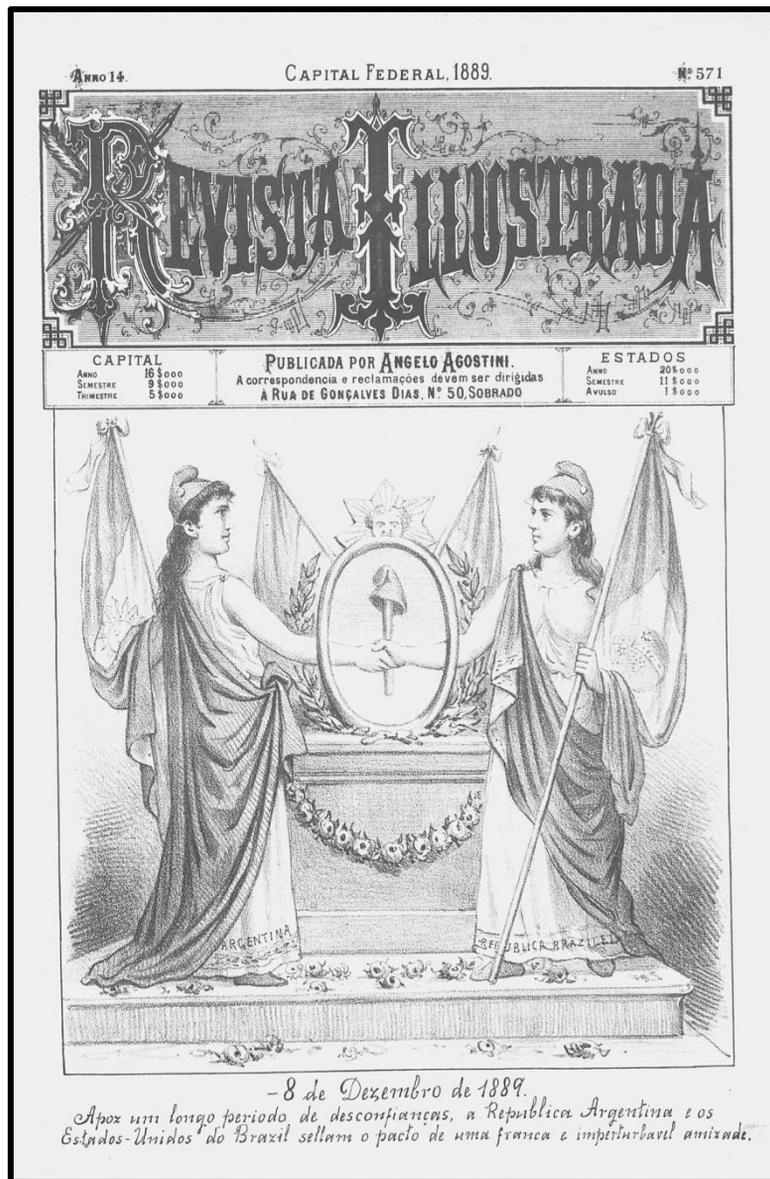
<sup>80</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 14, n. 571, 14 dez. 1889.

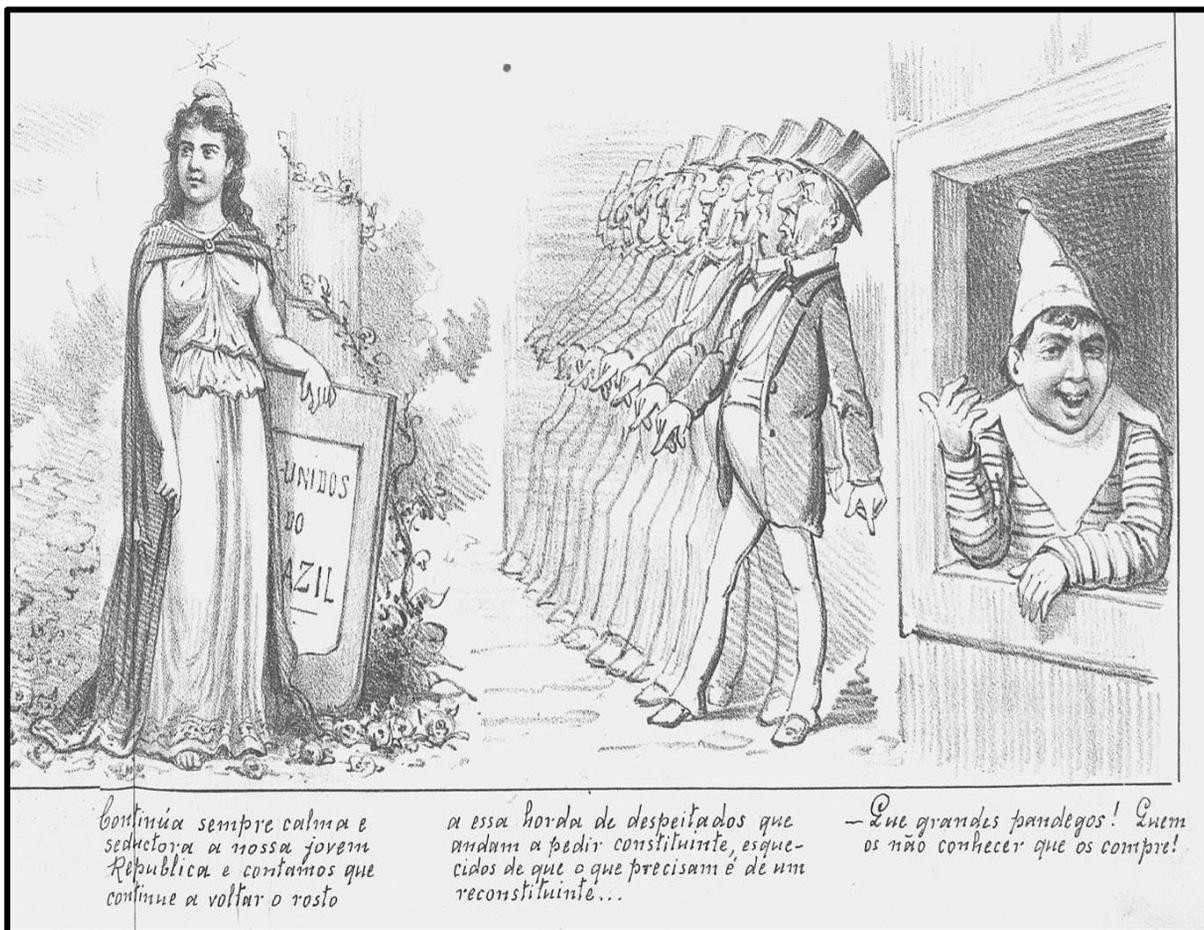
<sup>81</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 578, 15 fev. 1890.

<sup>82</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 579, 22 fev. 1890.



A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

ANNO 15 CAPITAL FEDERAL, 1890. N.º 578

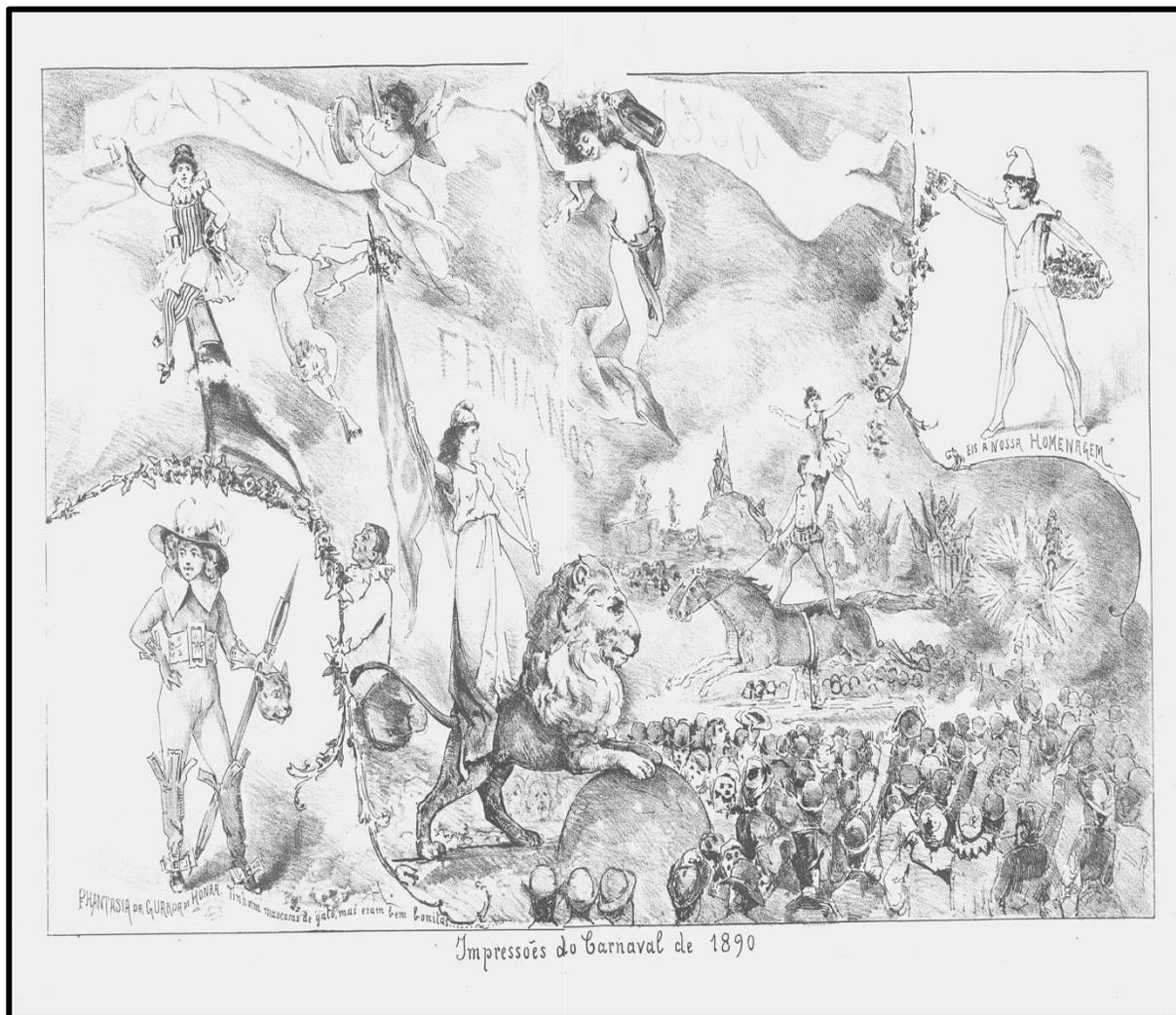
# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondência e reclamações devem ser dirigidas A RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.	ESTADOS	
ANNO	180000		ANNO	200000
SEMESTRE	90000		SEMESTRE	110000
TRIMESTRE	50000		AVULSO	10000

Em pleno carnaval.

— Você me conhece?... Você me conhece?...

— Ok! muito, muito... Tu, chim, zaruga, feirão! és o tal do — Pode ser que sim, pode ser que não. Tu, lá, trovador desventurado! ex-celso Vinhem famigerado! & de ti — que hei de eu dizer? Via-te sempre a gritar: — O poder é o poder!... & é mesmo, seu Gaspar!...



As inter-relações com a vida religiosa também se manifestaram, como na questão da separação da Igreja do Estado, advinda da nova forma de governo, sendo mostradas tanto as reações de discórdia, ao apresentar a mulher-república a romper os grilhões que prendiam o Brasil-índio a um padre<sup>83</sup>, mas também de coexistência, ao trazer clérigos que aderiam à república<sup>84</sup>. Ao retratar as comemorações do 13 de Maio no Rio de Janeiro, a revista trazia uma alegoria na qual a figura jovial da república ocupava lugar de destaque, próxima à esfera que compunha a bandeira nacional<sup>85</sup>. As homenagens ao novo personagem somado ao rol dos denominados “heróis nacionais”, o Tiradentes, foram igualmente realizadas com a presença da dama republicana, em uma delas, com coroa de flores e palmas à mão para saudar o celebrado, cuja lembrança trazia a alusão à sua pena de morte na forca, reforçando o caráter do indivíduo que teria sido martirizado em nome da causa pátria<sup>86</sup>. Na mesma linha, em outra composição iconográfica, a mulher-república pranteava o propalado “herói”, por ocasião de sua morte, mas também celebrava, diante de um monumento que buscava reforçar a presença do mesmo em meio à memória coletiva<sup>87</sup>. As agitações políticas que caracterizaram os primeiros tempos republicanos foram demarcadas pelo periódico com uma alusão a um circo, no qual, em meio à tanta confusão, a dama do barrete frígio, como uma acrobata, se equilibrava sobre sua

---

<sup>83</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 582, 15 mar. 1890.

<sup>84</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 586, 12 abr. 1890.

<sup>85</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 590, maio 1890.

<sup>86</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 587, 19 abr. 1890.

<sup>87</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 588, 26 abr. 1890.

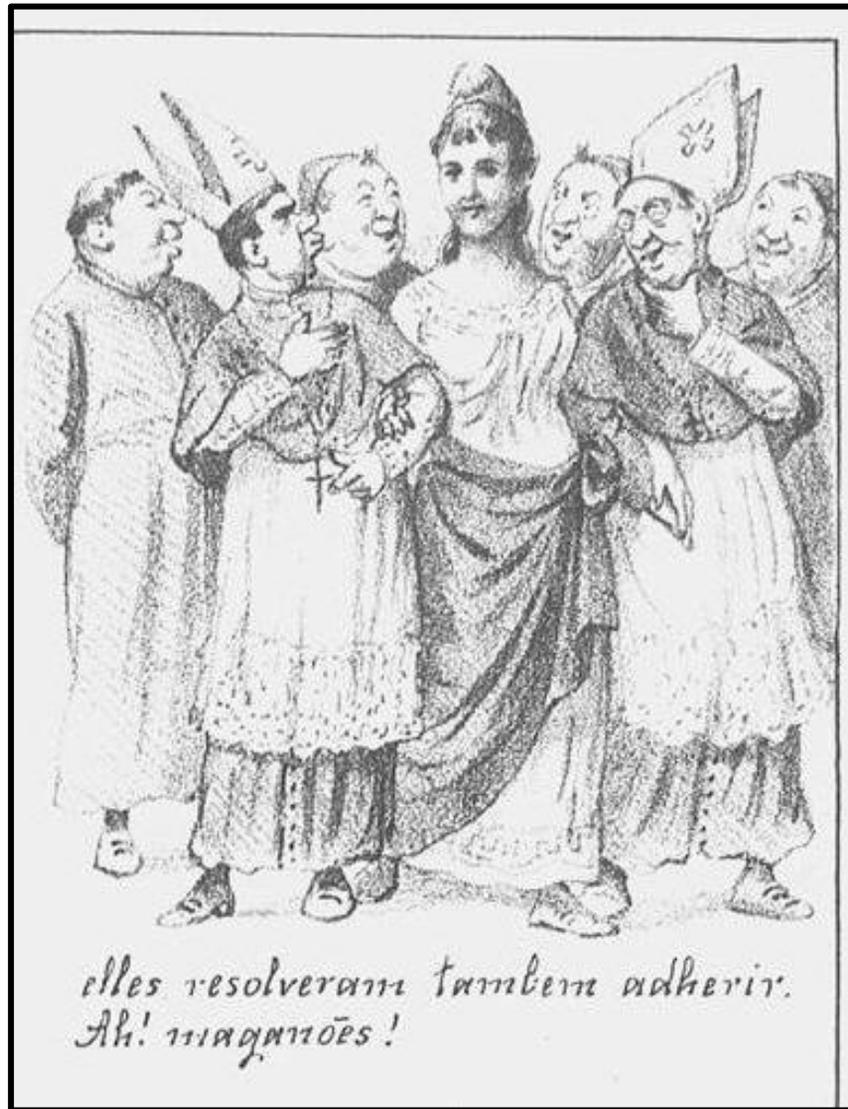
montaria, em tentativa de demonstrar a estabilidade da nova forma de governo, apesar das dificuldades iniciais<sup>88</sup>.



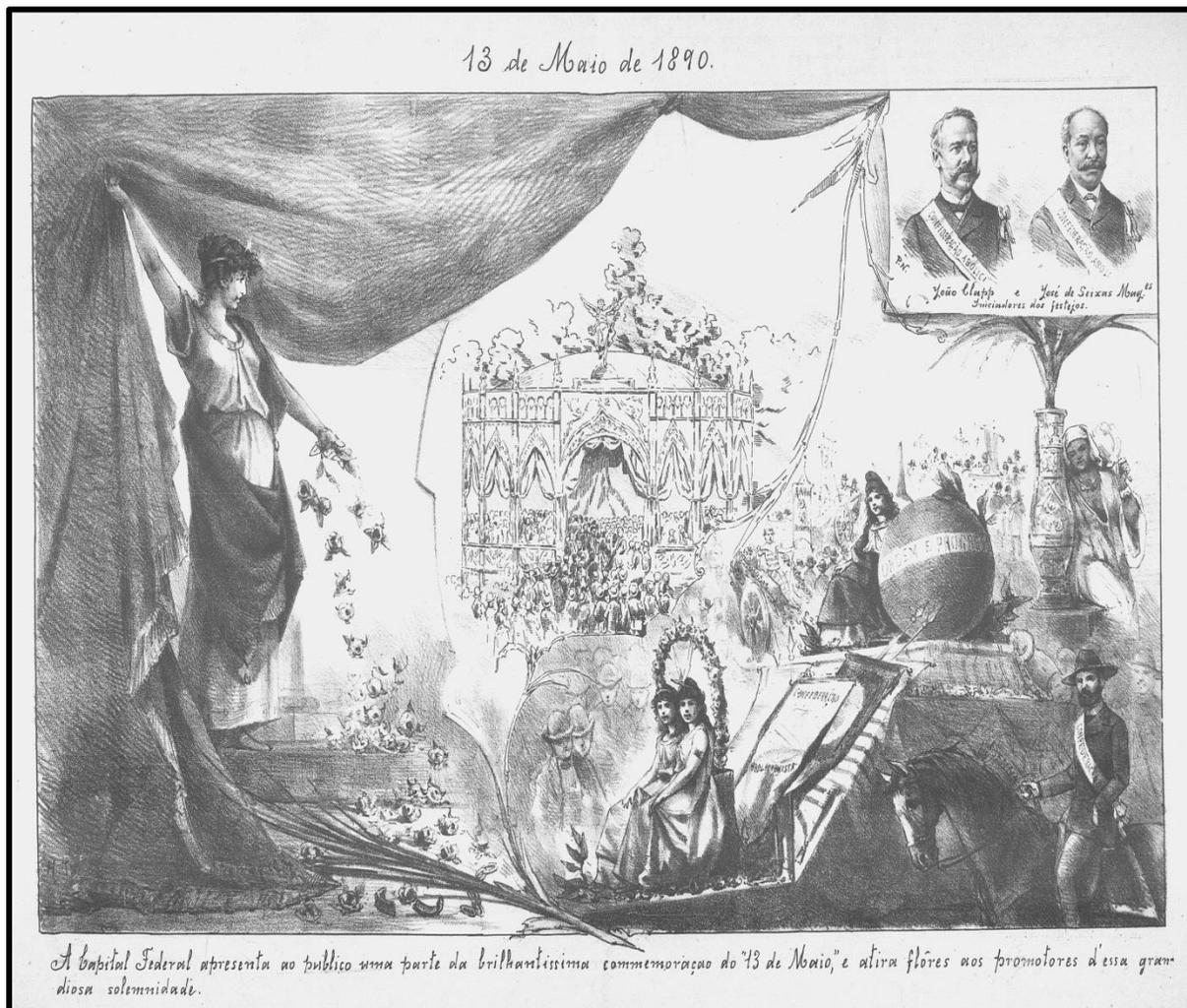
<sup>88</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 587, 19 abr. 1890.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



ANNO 15 CAPITAL FEDERAL, 1890. N° 587

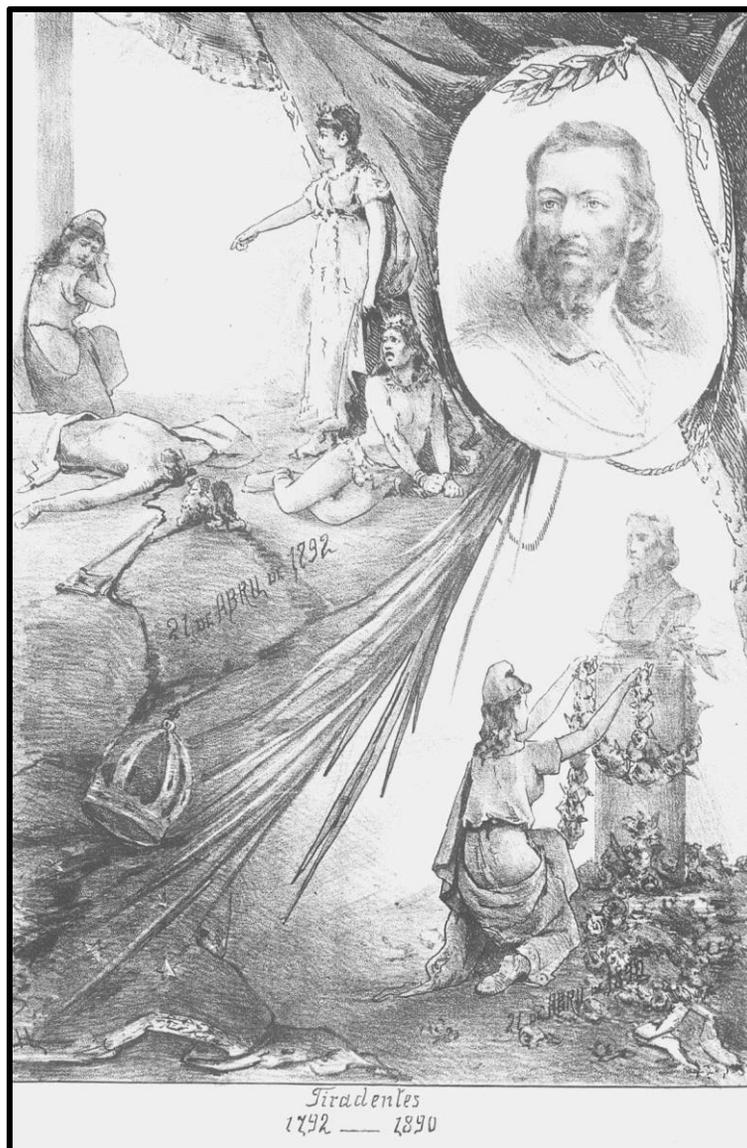
# REVISTA ILUSTRADA

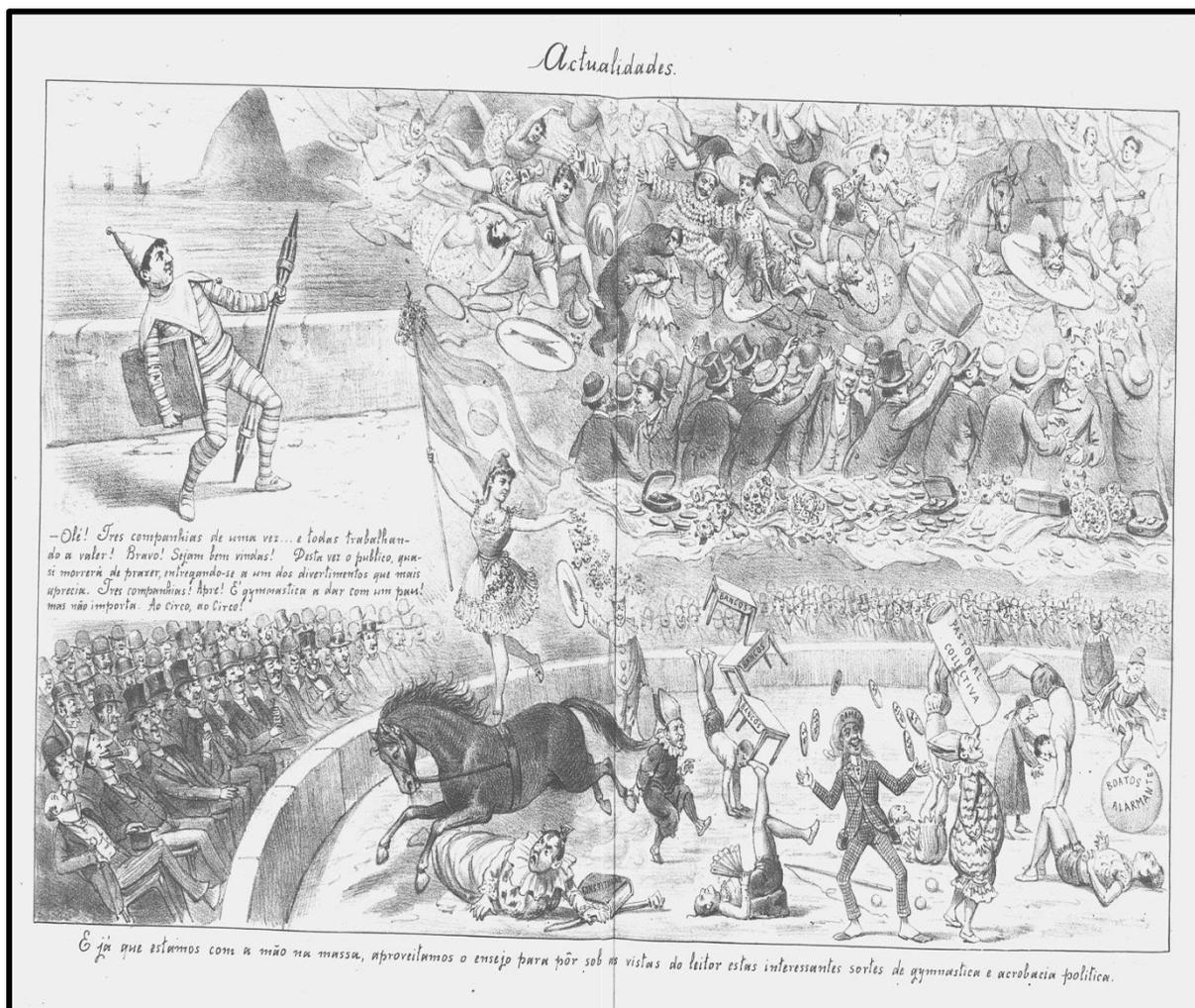
CAPITAL		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.	ESTADOS	
ANNO	180000		ANNO	200000
SEMESTRE	90000		SEMESTRE	110000
TRIMESTRE	50000		AVULSO	14000



27 de Abril  
*A Republica Brasileira depe cordas palmas e saudades a memoria de José Taquim da  
Alva Kather, o martyr da Infancia Mineira.*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A folha ilustrada mostrou o encontro entre uma menina-república, alusiva ao Brasil, e uma mulher-república, relacionada à França, intendo demonstrar a harmonia entre ambas, com o reconhecimento desta sobre a mudança da forma de governo daquela<sup>89</sup>. No que tange aos trabalhos constituintes, a dama do barrete frígio recebeu das mãos do primeiro Presidente a Constituição, exaltando-o com a entrega de uma coroa de louros<sup>90</sup>. Ela também aparecia como o resultado das urnas eleitorais, representando o “triumfo” da nova forma de governo<sup>91</sup>. O primeiro aniversário republicano foi comemorado pela publicação humorística e ilustrada através da alegoria de um palanque no qual Deodoro da Fonseca, acompanhado de seus auxiliares, apresentava para o povo uma criança-república<sup>92</sup>. O sentimento oposto ao da alegria foi demonstrado por ocasião do falecimento de Benjamin Constant, um dos idealizadores da novel forma de governo, cuja morte era lamuriada pela dama republicana<sup>93</sup>. Outra data enaltecida pela folha carioca foi o 13 de Maio, contando com a mulher-república prestando sua homenagem através de um tiro de canhão<sup>94</sup>. Apesar da crise efervescente no Brasil, com a tentativa de golpe de Estado, a revista saudava efusivamente o segundo aniversário da república, colocando em destaque a figura feminina que representava o regime<sup>95</sup>.

---

<sup>89</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 593, 21 jun. 1890.

<sup>90</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 594, 28 jun. 1890.

<sup>91</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 601, 6 set. 1890.

<sup>92</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 15, n. 607, nov. 1890.

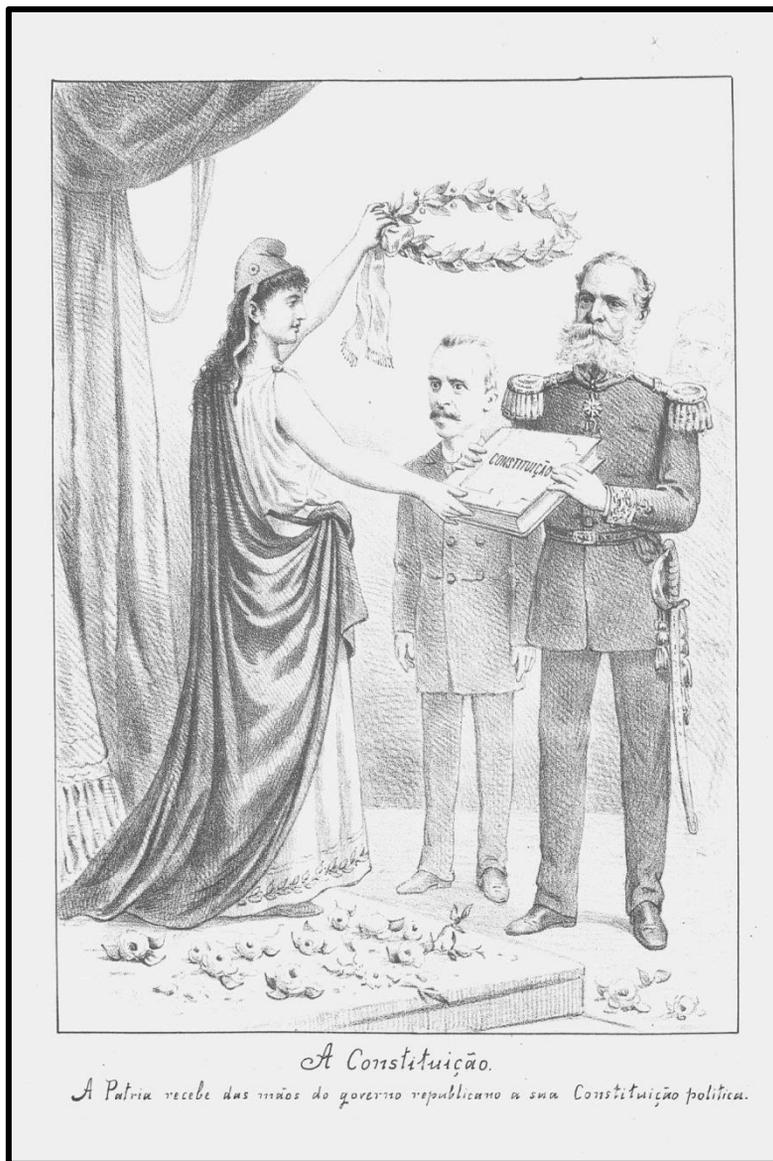
<sup>93</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 612, jan. 1891.

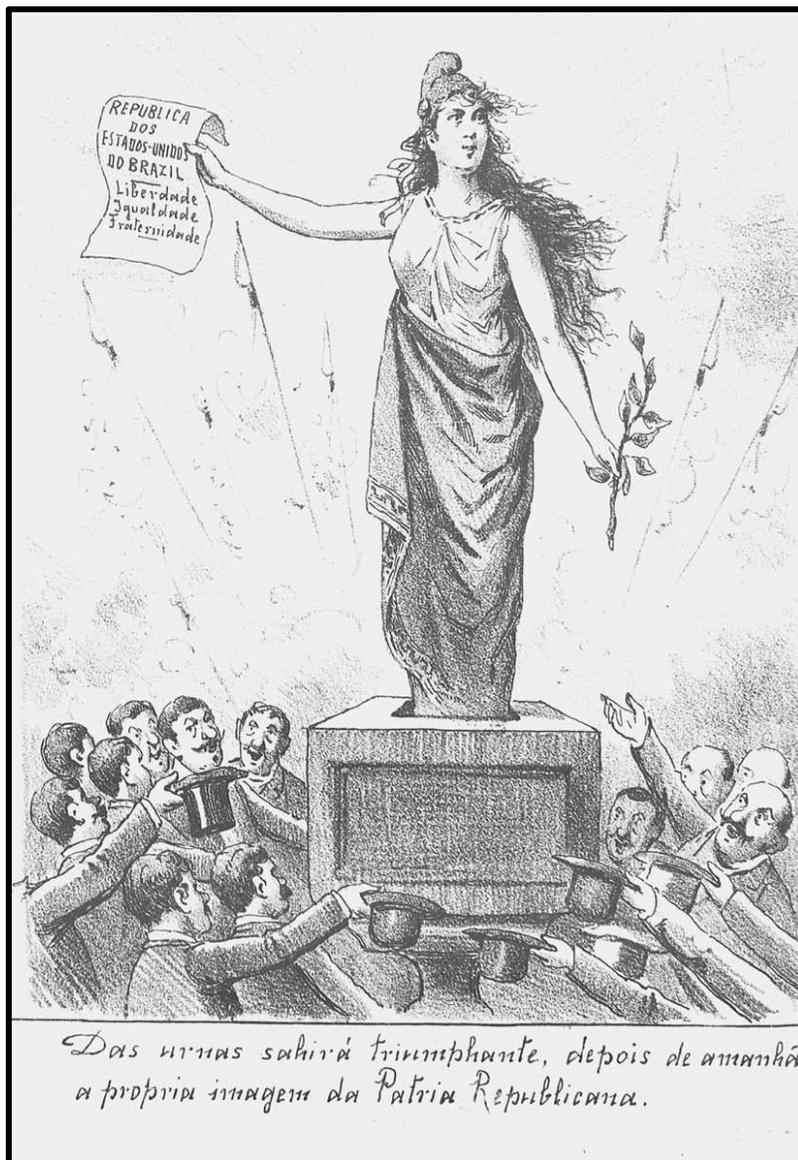
<sup>94</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 621, maio 1891.

<sup>95</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 632, out. 1891.



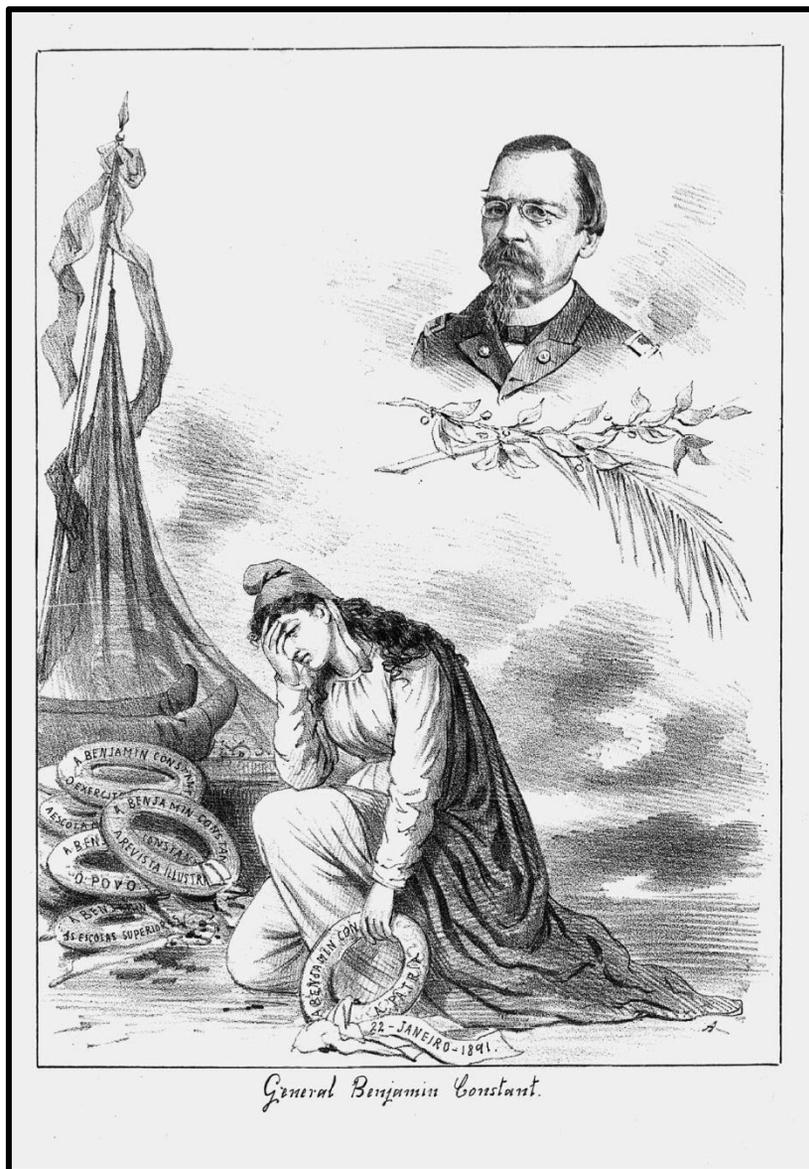
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



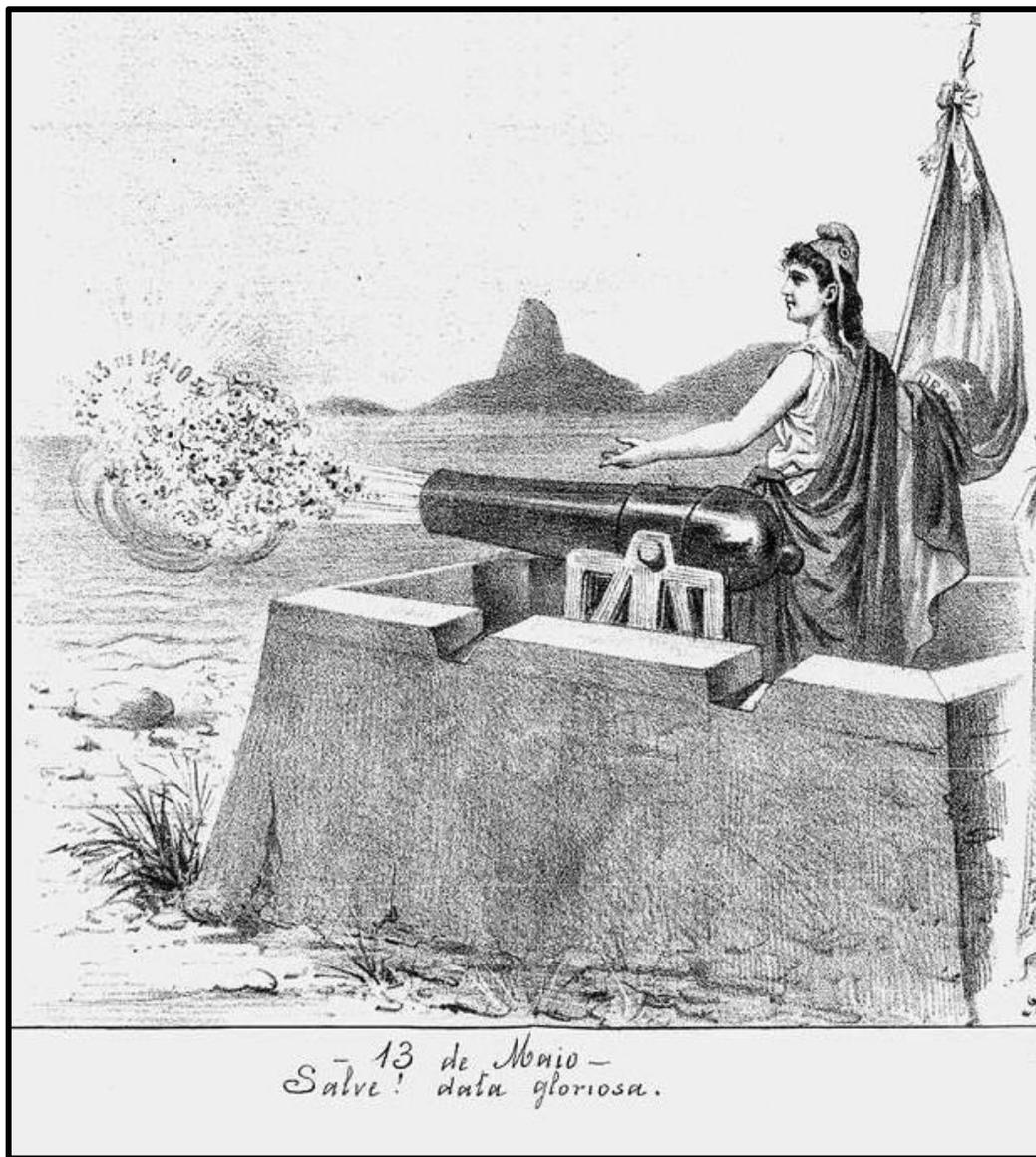


A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



ANNO 16 CAPITAL FEDERAL, 1891. N° 632

# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL.		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas À RUA DE GONÇALVES DIAS, N° 50, SOBRADO.	ESTADOS	
ANNO	184000		ANNO	204000
SEMESTRE	94000		SEMESTRE	114000
TRIMESTRE	54000		ATULSO	14000

*15 de Novembro de 1891.*  
*N'este dia só nos queremos lembrar de que a Republica Brasileira festeja o seu 2º anniversario e por isso, com toda a força dos nossos pulmões, gritamos: Viva o Brazil! Viva a Republica!*

A dama republicana foi também apresentada impávida, levando em frente a chama do progresso e pronta para enfrentar dois dos males que estariam a afligir o novo regime, ou seja, as forças restauradoras, compostas por monarquistas e pelo clero, simbolizadas por morcegos. No mesmo sentido, os monárquicos, considerados como sebastianistas, apareciam na forma de uma serpente que, sem sucesso, pretendia atacar a mulher-república, cujo corpo, sustentado no patriotismo, era metamorfoseado na forma de uma indestrutível lima<sup>96</sup>. O cenário da execução e a imagem de Tiradentes sendo homenageado pela dama do barrete frígio, compunham mais uma alegoria à data do 21 de Abril<sup>97</sup>. Já no quinto aniversário da Lei Áurea, tal figura feminina surgia em destaque, rompendo com os grilhões da escravidão<sup>98</sup>. A mulher-república foi também desenhada em repouso, tendo em vista todos os propalados esforços em nome do progresso, ao passo que a culpa pela crise econômico-financeira que abalava o novo regime, era imputada aos interesses do capital internacional, designados pelo câmbio, transmutado em aranha que tecia uma larga teia em torno da imagem feminil. Retornando à temática das práticas restauradoras, a folha humorística trazia a sua própria representação, o bobo da corte, que se propunha a abrir os olhos da república para que não se deixasse enganar pelos sebastianistas<sup>99</sup>.

---

<sup>96</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 16, n. 634, dez. 1891.

<sup>97</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 17, n. 643, abr. 1892.

<sup>98</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 660, maio 1893.

<sup>99</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 18, n. 661, maio 1893.

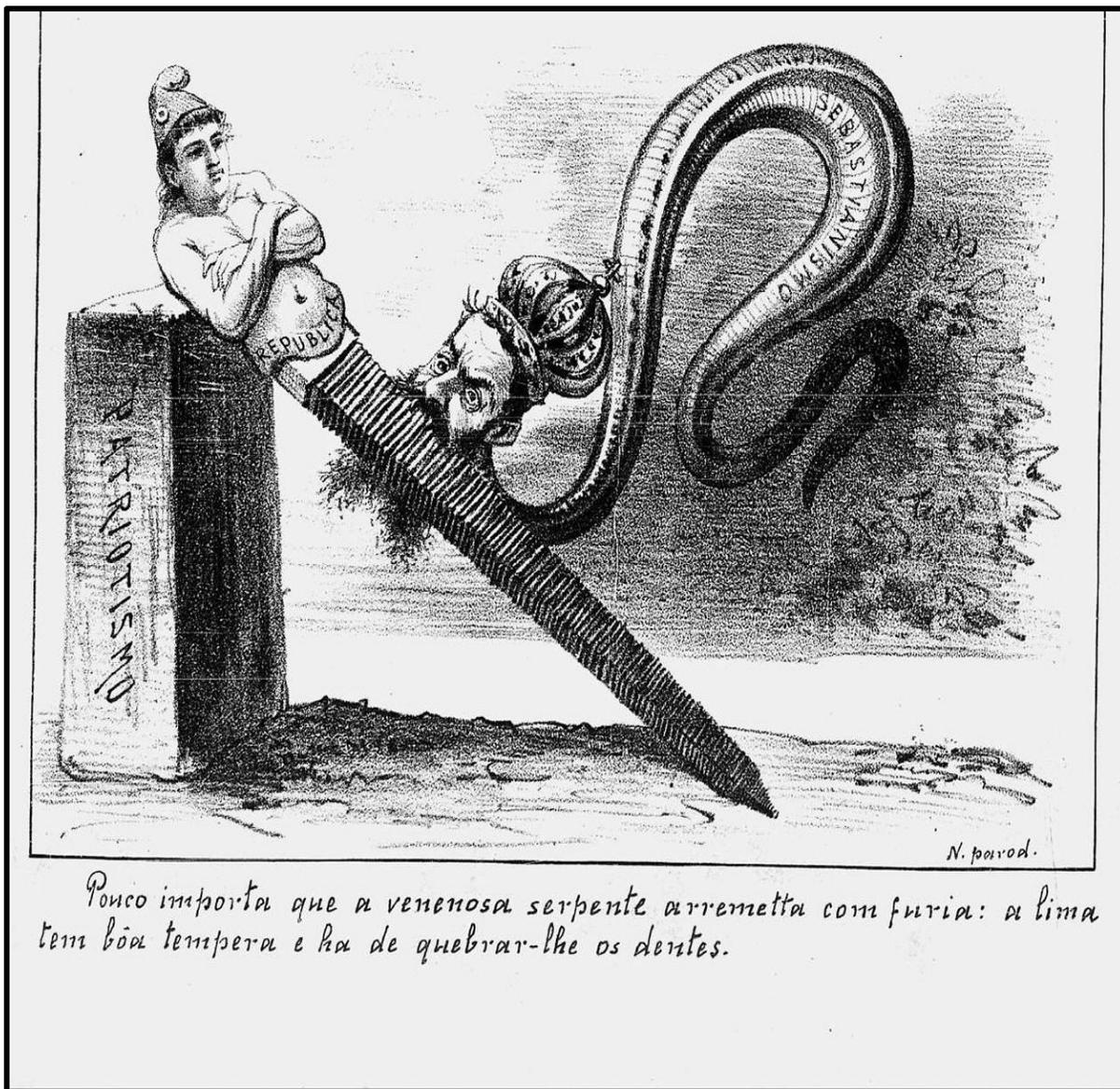
ANNO 18 CAPITAL FEDERAL, 1891. N° 634

# REVISTA ILUSTRADA

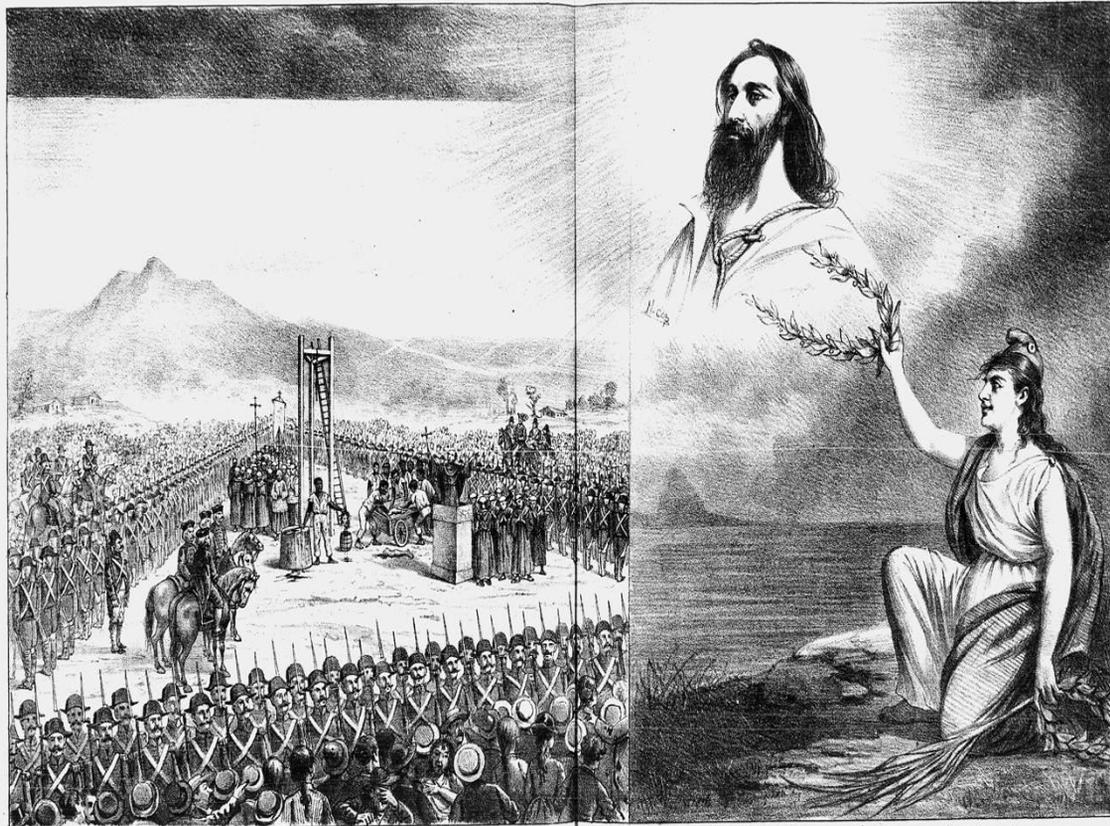
CAPITAL.		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondência e reclamações devem ser dirigidas À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.	ESTADOS	
ANNO	164000		ANNO	204000
SEMESTRE	84000		SEMESTRE	114000
TRIMESTRE	54000		AVULSO	14000

*Pretendam, embora, os caricatos representantes de um poder declinido, animados de um sentimentalismo tardio, convulsionar o paiz, promovendo a anarchia no seio da patria e o descredito no estrangeiro; nada conseguirão esses ambiciosos despellados, pois que a Republica, fortalecida pelo patriotismo de seus filhos, lhes surgirá sempre á frente, bradando victoriosamente: — Para traz, hediondos morcegos! Basta de sugar o sangue do povo!...*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



*A' memoria de Tiradentes.*



*Execução de José Joaquim da Silva Xavier - o Tiradentes, no dia 21 de Abril de 1792  
(Reconstrução histórica feita sob apontamentos do Sr. Barão Homem de Mello)*

*- 21 de Abril de 1792 -*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

ANNO 18 CAPITAL FEDERAL, 1893. Nº 680

# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL.		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondência e reclamações devem ser dirigidas À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.	ESTADOS	
ANNO	160000		ANNO	200000
SEMESTRE	80000		SEMESTRE	110000
TRIMESTRE	50000	A VILLO	10000	

BRAZIL  
13 DE MAIO DE 1888

13 de Maio de 1893.  
5º anniversario da promulgação da aurea Lei Nº 3353.

ANNO 18 CAPITAL FEDERAL, 1893. N° 661

# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL.		PUBLICADA POR ANGELO GOSTINI.		ESTADOS	
ANNO	18000	A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas		ANNO	20000
SEMESTRE	9000	A RUA DE GONCALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.		SEMESTRE	11000
TRIMESTRE	5000			AVULSO	1000



Reposa, socorridamente, pelo muito que tem feito em prol do nosso progresso; sonha prodigioso e sorridente futuro... Elle, o artificioso e insaciavel gulotão, disfarçado, tece-lhe uma teia...  
Impropicio o teu esforço, Cambio despota! Ella acordará a tempo.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



Mantendo sua postura governista, diante da crise política e da conflagração bélica entre situacionistas e revolucionários, a *Revista Ilustrada* ficou ao lado dos primeiros, condenando as ações rebeldes, considerando-os como “inimigos da pátria”, ao mostrar a dama republicana cabisbaixa junto à figura do Presidente da República<sup>100</sup>. A questão de limites entre o Brasil e a Argentina pela região de Palmas (ou Missões) foi decidida pela arbitragem norte-americana favoravelmente à causa brasileira, de modo que o periódico ilustrou a mulher-república recebendo a coroa de louros do Presidente estadunidense<sup>101</sup>. A mensagem presidencial de Prudente de Moraes foi representada iconograficamente pela revista em um conjunto de gravuras, dentre elas a jovem república se antepondo aos revolucionários identificados como suspeitos e restauradores<sup>102</sup>. A morte do segundo Presidente da República, Floriano Peixoto, foi apresentada com a imagem da figura feminina desolada ao ler a notícia do ocorrido, bem como demarcava a sua presença em alegoria dedicada ao personagem, considerado como “benemérito da pátria”<sup>103</sup>. A dama do barrete frígio tinha ainda protagonismo na representação imagética que simbolizava a pacificação do país, apontada como um momento de “júbilo nacional”<sup>104</sup>.

---

<sup>100</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 675, fev. 1895.

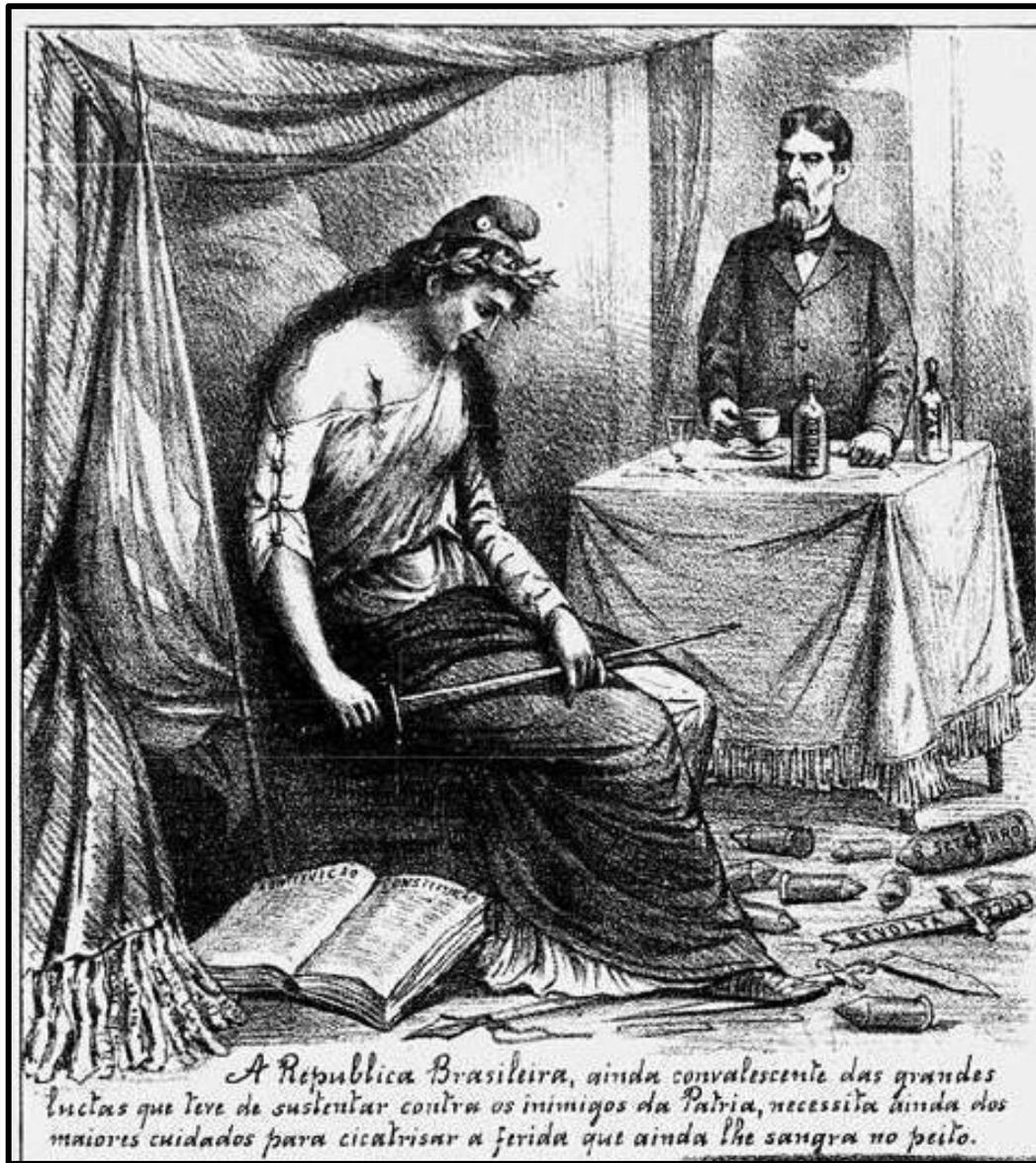
<sup>101</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 676, fev. 1895.

<sup>102</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 684, maio 1895.

<sup>103</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 689, jul. 1895.

<sup>104</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 694, ago. 1895.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



ANNO 20 CAPITAL FEDERAL, 1895 N° 689

# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL		FUNDADA POR ANGELO AGOSTINI.	ESTADOS
ANNO	168000	A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas	ANNO 208000
SEMESTRE	88000	A RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.	SEMESTRE 114000
TRIMESTRE	58000		AVULSO 18000



*A noticia do fallecimento do inschto Marechal Floriano enche de consternação a Republica Brasileira.  
A Patria chora esta irremessivel perda!*





Na comemoração do sexto aniversário da forma de governo instituída em 1889, a mulher-república aparecia sobre blocos superpostos representando cada um dos seis anos passados, os quais simbolizavam uma propalada solidez do regime. Ela surgiu também, com um ar confiante, por ocasião da planificação de uma exposição nacional, que traria os reflexos dos progressos do país<sup>105</sup>. As esperanças no alvorecer do ano de 1896 eram acompanhadas por um conjunto de desenhos de teor otimista, dentre eles a imagem de uma menina-república<sup>106</sup>. A dama do barrete encarnado apareceu ainda derrubando os monarquistas, designados como caramujos que tentavam destruir os considerados avanços republicanos, simbolizados pelos frutos de uma árvore<sup>107</sup>. O busto dessa figura feminina também se antepunha à marcha de um grupo de restauradores monárquicos<sup>108</sup>. Sua presença se deu mais uma vez em outra homenagem a Tiradentes<sup>109</sup>. Ela chegou mesmo a se confrontar com um criminoso em São Paulo, o qual se vestia de mulher para promover seus ataques<sup>110</sup>. Surgia também cheia de entusiasmo ao anunciar o aparecimento de um novo órgão de imprensa destinado a defender a causa republicana<sup>111</sup>.

---

<sup>105</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 701, nov. 1895.

<sup>106</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 705, jan. 1896.

<sup>107</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 706, jan. 1896.

<sup>108</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 711, mar. 1896.

<sup>109</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 713, abr. 1896.

<sup>110</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 721, set. 1896.

<sup>111</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 724, nov. 1896.

ANNO 20 CAPITAL FEDERAL, 1895 N° 701

# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL		<b>FUNDADA POR ANGELO AGOSTINI.</b> A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas A RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.	ESTADOS	
ANNO	18000		ANNO	20000
SEMESTRE	9000		SEMESTRE	11000
TRIMESTRE	5000		AVULSO	1800

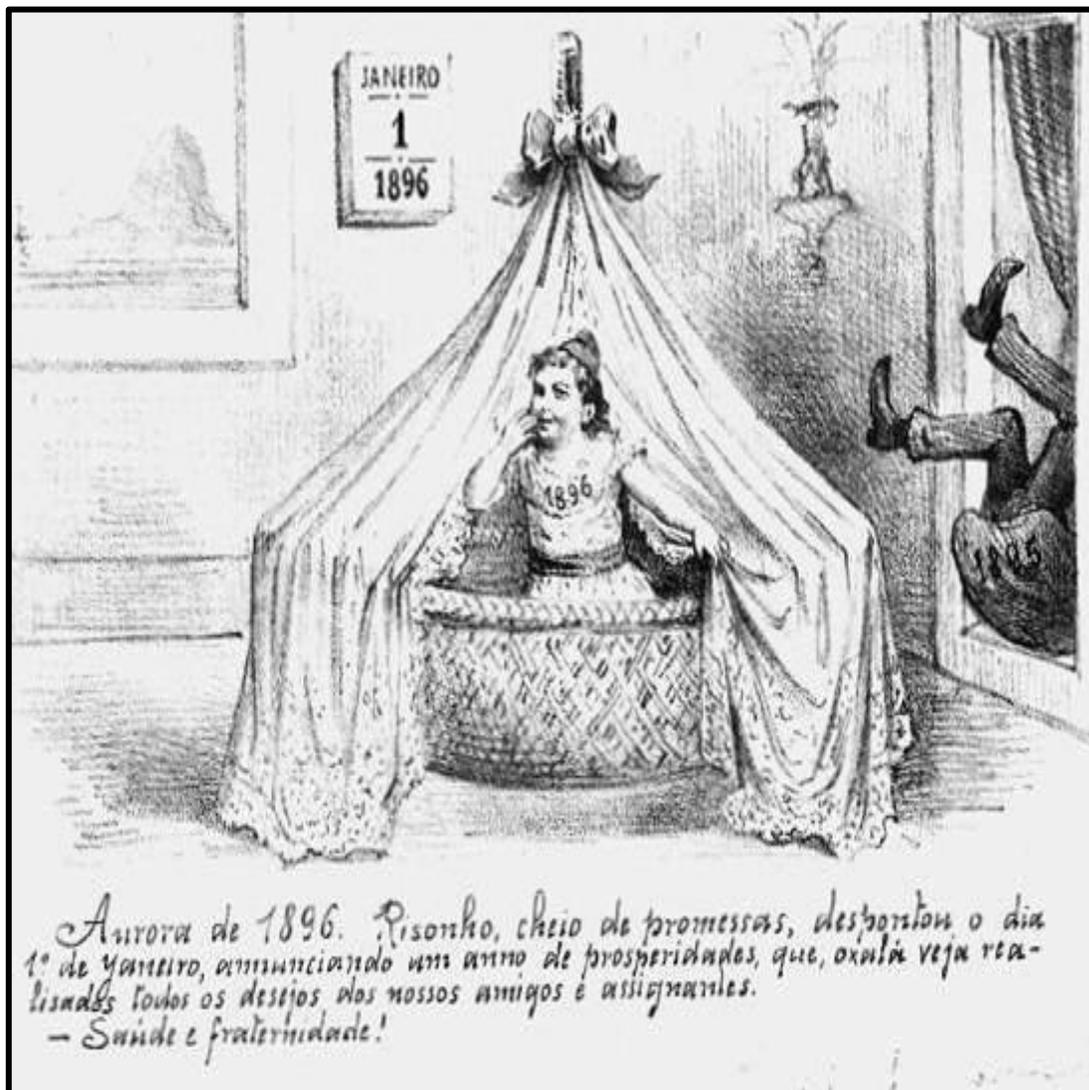
15 DE NOVEMBRO

Dia supremo de gloria! — Gloria que não tem rival — Perpetuo será na historia Da Republica immortal!	Commercio e industria, riqueza Que gera o labor feliz, Honramos em festa a grandeza De um portentos o porvir!	De enthusiasmo firmemente O Povo, aos pés de um altar, Vem hoje triunphalmente A Republica saudar!
---	--	---

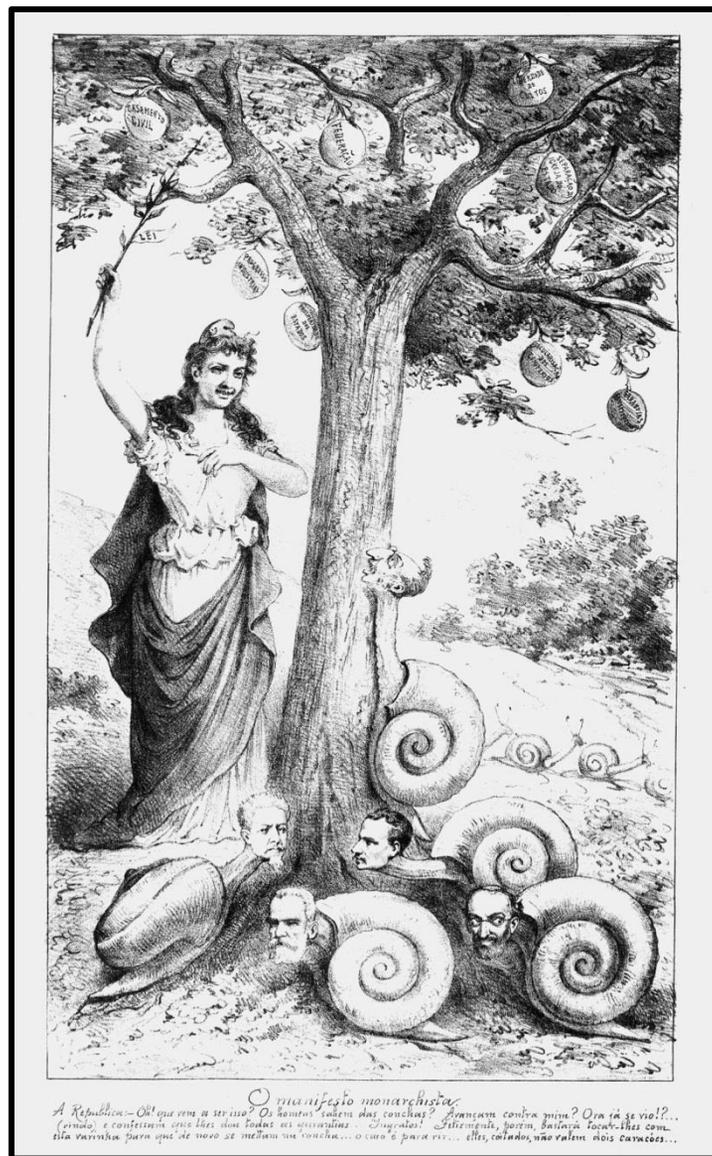
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



A exposição nacional tem, com tanta razão, enthu-  
siasmado o nosso povo, que já se cuida seriamente  
em effectuar um grande certamen em 1900, havendo  
para isso, no Congresso, um projecto apresentado pelo  
Dr. Vergue de Abreu com mais de 80 assignaturas.  
Hourrah! pelo progresso do Brazil.



A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



Ao contrário das previsões promissoras, ao final de 1896, o periódico lamentava os males trazidos por aquele “terrível” ano, dentre eles a elevação cambial a 7, mostrando a representação do câmbio a ameaçar a República, utilizando-se do número sete como se fosse um machado<sup>112</sup>. O caráter monarquista imputado ao movimento messiânico de Canudos foi apresentado como um enfrentamento à mulher-república<sup>113</sup>. Ela aparecia também nas homenagens ao sexto aniversário da Constituição de 1891<sup>114</sup>. Ainda quanto às expedições federais enviadas à Bahia para abafar a revolta calcada no messianismo, a dama republicana surgia para contemplar “o heroísmo dos seus defensores”<sup>115</sup> e em alegoria na qual o periódico homenageava os “gloriosos vencedores de Canudos”<sup>116</sup>. Assim, a *Revista Ilustrada* bastante almejou a mudança na forma de governo do Brasil, admirando a República Francesa e prevendo a chegada do novo regime e, passado o 15 de novembro de 1889, adotou uma postura oficialista, permanecendo invariavelmente ao lado das forças governistas, utilizando-se largamente da dama do barrete frígio para expressar tais posições.

---

<sup>112</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 21, n. 726, dez. 1896.

<sup>113</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 22, n. 727, jan. 1897.

<sup>114</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 22, n. 728, fev. 1897.

<sup>115</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 22, n. 729, mar. 1897.

<sup>116</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, a. 22, n. 734, nov. 1897.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



ANNO 22 CAPITAL FEDERAL, 1897 N° 729

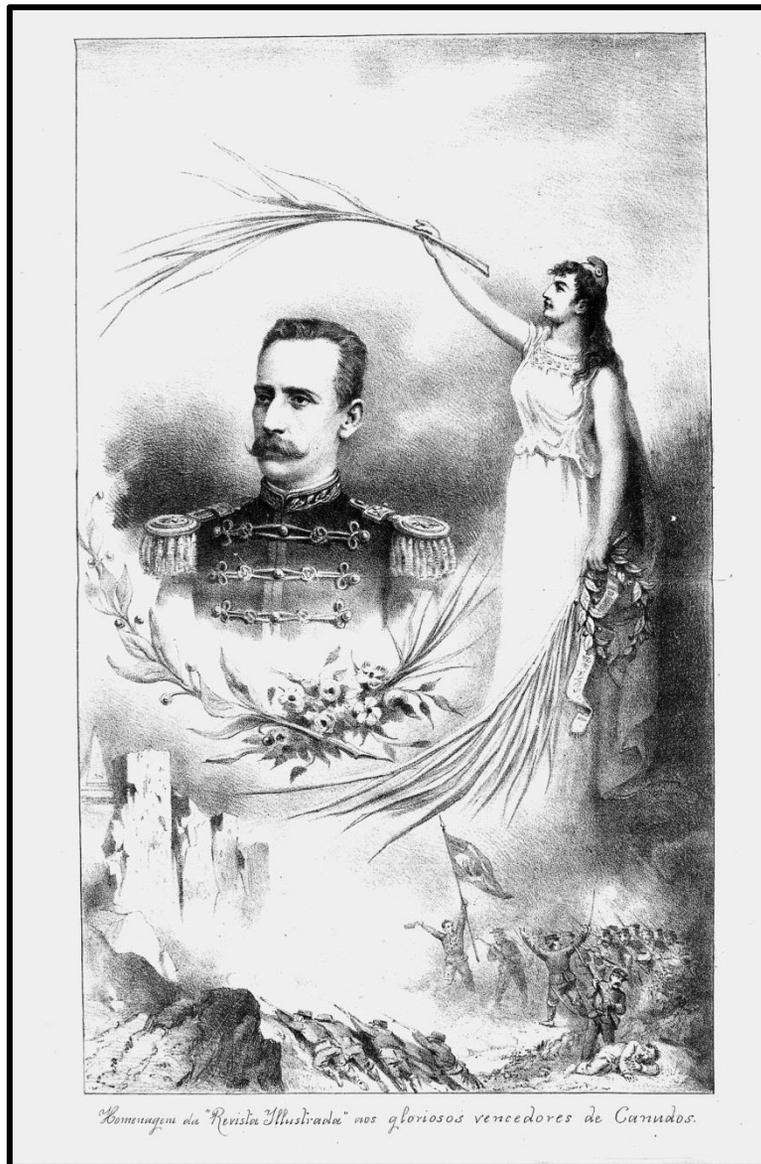
# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL		FUNDADA POR ANGELO AGOSTINI.	ESTADOS
ANNO	18000	A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas	ANNO 20000
SEMESTRE	9000	À RUA DE GONÇALVES DIAS, N° 50, SOBRADO.	SEMESTRE 11000
TRIMESTRE	5000		AVULSO 18000



*A Republica contempla o heroismo dos seus defensores, na jornada de h., nos sertões da Bahia, em lucta homérica contra os inimigos da Pátria e offer-lhes uma coroa de louros.*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





*DOM QUIXOTE*

Em seu retorno ao Brasil, Ângelo Agostini não voltou para a *Revista Ilustrada*, passando a dedicar-se a um novo projeto voltado à imprensa ilustrada e humorística do qual resultou a fundação do *Dom Quixote*<sup>117</sup>, o qual circulou no Rio de Janeiro, de 1895 a 1903, e marcou o auge artístico do publicista ítalo-brasileiro<sup>118</sup>. A folha apontava que, naquele fim de século “ainda se sofre muito, ainda se é vítima de um sem número de prejuízos morais e de inqualificáveis abusos, praticados quase sempre pelos fortes”, ou que assim supunham ser, “contra os fracos, que são, na maioria dos casos, os que não têm consciência da sua força”. O título se baseava na obra de Miguel de Cervantes, de modo que o periódico se apresentava como “resolvido e pronto a quebrar muitas lanças pelo seu grande ideal”, representado pela inscrição “mais civilização, mais progresso, mais humanidade”. Com base nos dois personagens centrais do livro de Cervantes, a redação da revista foi representada tanto pelo D. Quixote quanto pelo seu “fiel escudeiro, o precioso Sancho Pança, que o acompanha, indefectível, em toda a penosa jornada”, vindo a avisá-lo “de todos os perigos iminentes” e dando-lhe “sempre a nota realista, a nota prática, a nota filosófica dos acontecimentos”<sup>119</sup>.

Ao contrário da *Revista Ilustrada*, que, após a saída de Agostini e com a chegada da república, adotou uma postura abertamente oficialista, o *Dom*

---

<sup>117</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 219.

<sup>118</sup> COSTA, Carlos Roberto. *A revista no Brasil, o século XIX*. São Paulo: USP, 2007 (Tese de Doutorado). p. 272.

<sup>119</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 23 jan. 1895.

*Quixote* retomou a abordagem predominantemente crítica, típica do artista brasileiro-italiano e as presenças da mulher-república em suas páginas seguiram tal orientação. Assim, a questão de disputa fronteiriça do Brasil com a Argentina foi apresentada como uma decisão salomônica do árbitro que deveria decidir a querela, promovendo a divisão do território das Missões, quadro diante do qual, a República Argentina mostrava-se impassível, ao passo que a Brasileira manifestava insatisfação, o que estaria a revelar a razão desta em relação aquela<sup>120</sup>. Dom Quixote e Sancho Pança assumiam figurativamente o protagonismo dos acontecimentos ao surgir no controle de felinos que representavam inimigos do regime, apresentando-os perante o chefe do Executivo e uma entristecida dama republicana<sup>121</sup>. A partir de seu posicionamento crítico em relação aos detentores do poder, a folha humorística e ilustrada trazia a figura feminina que simbolizava a forma de governo a protestar contra as ações do Presidente da República, as quais não refletiriam um real esforço pela pacificação do país. Desse modo, questionava a “liberdade e fraternidade” que representava o seu barrete”, ou ainda a divisa de “ordem e progresso” da bandeira nacional que carregava à mão esquerda, se não havia esforços para encerrar “as lutas fratricidas sustentadas por tiranos”. Ao alto da caricatura, D. Quixote e Sancho Pança lastimavam que o esforço da república era em vão, uma vez que estava a falar com uma estátua, a qual era acompanhada

---

<sup>120</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 3, 9 fev. 1895.

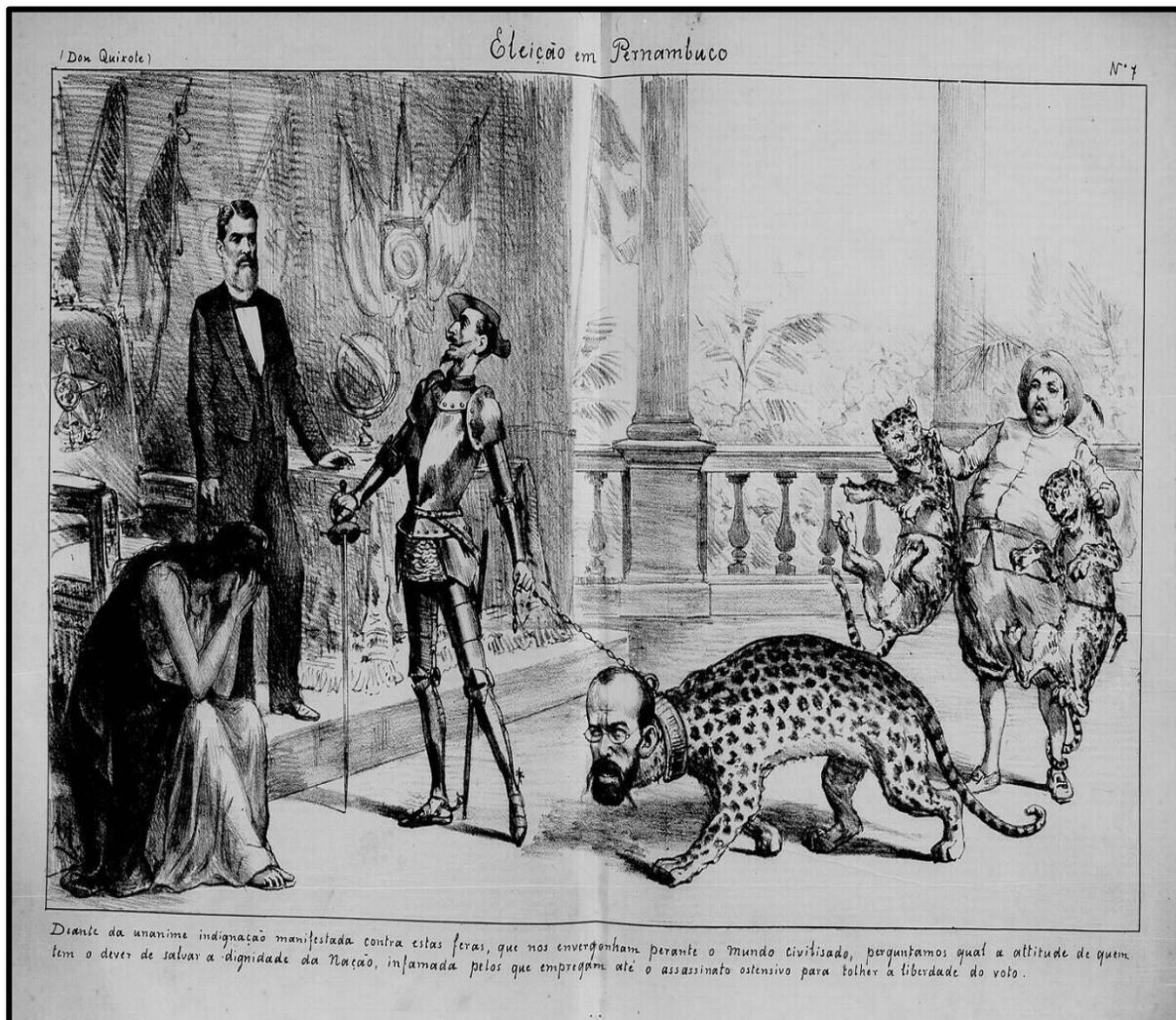
<sup>121</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 7, 9 mar. 1895.

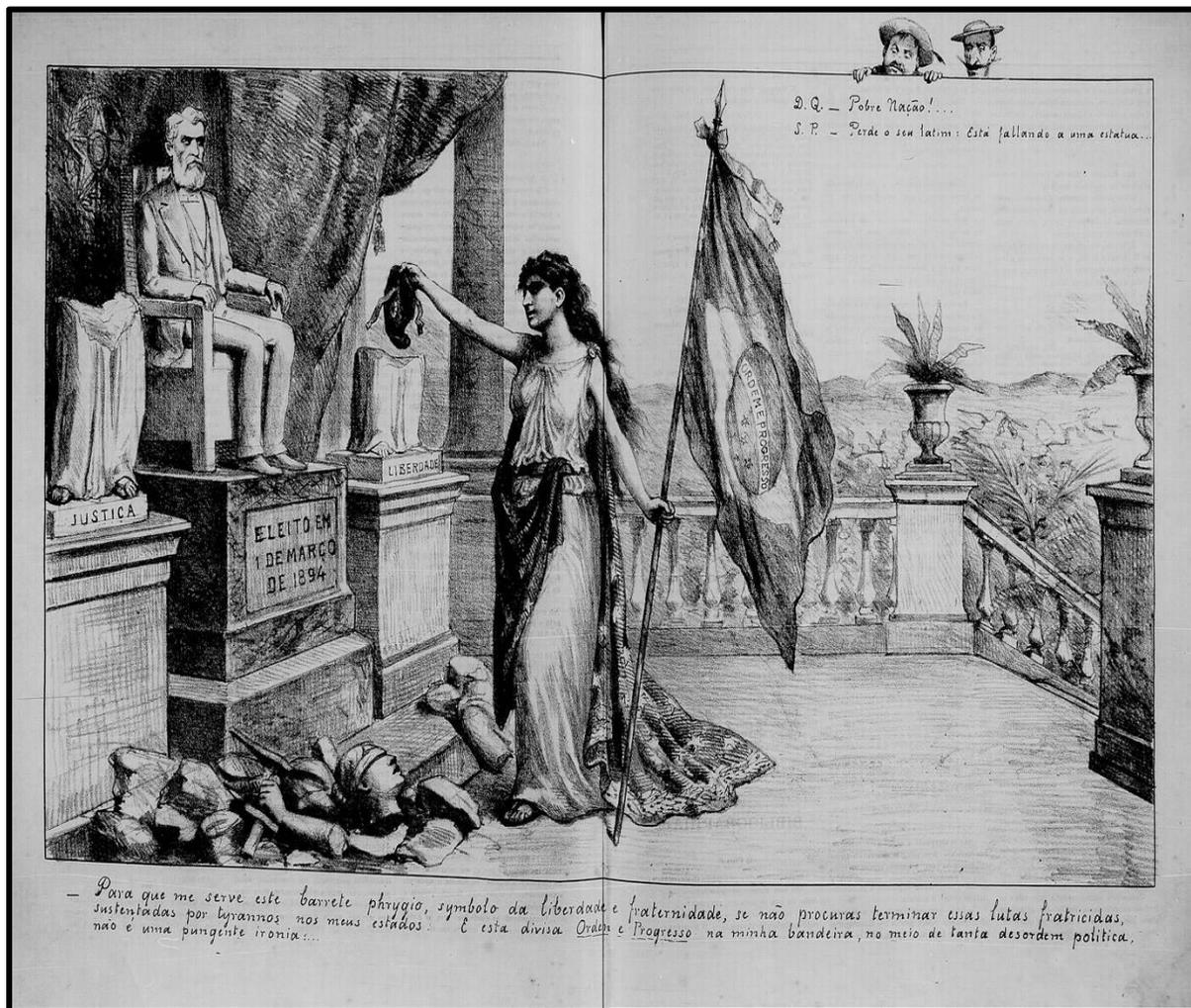
por outras que representavam a justiça e a liberdade, mas que se encontravam quebradas, em alusão à situação do país<sup>122</sup>.



<sup>122</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 8, 16 mar. 1895.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





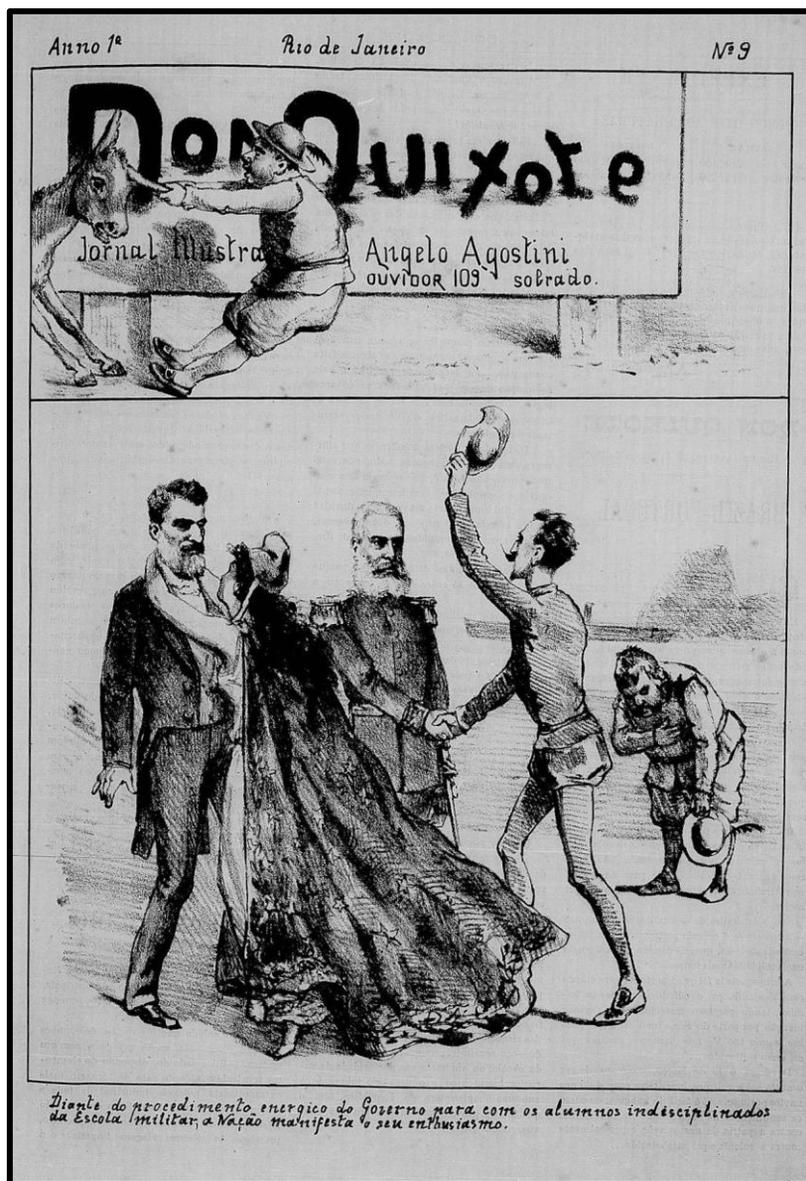
Não foram apenas de crítica as posições do *Dom Quixote*, como foi o caso em que a dama republicana, ao lado dos dois representantes da folha, celebrou a atuação do Presidente da República, dando-lhe um abraço, pelo seu “procedimento enérgico” ao reprimir indisciplinas na Escola Militar<sup>123</sup>. Referindo-se mais uma vez aos governos autoritários em certos estados brasileiros, os quais eram representados por felinos ferozes, a publicação ilustrada combatia a ação dos mesmos, demonstrando que a mesma poderia levar a república “a cair no precipício da anarquia”<sup>124</sup>. Por outro lado, a repressão desmedida praticada nos estados do sul foi observada com censura pelo periódico, ao mostrar a dama republicana em meio aos transeuntes coberta de escuro véu, em sinal de luto pelas mortes de implicados em crimes sem direito a processo. A mulher-república voltava a figurar, com um semblante que demarcava um misto de indignação e receio, ao cobrar providências do Presidente contra a “política despótica” de certos governantes estaduais no sul e no nordeste, os quais eram representados por uma hidra em posição de ataque<sup>125</sup>.

---

<sup>123</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 9, 28 mar. 1895.

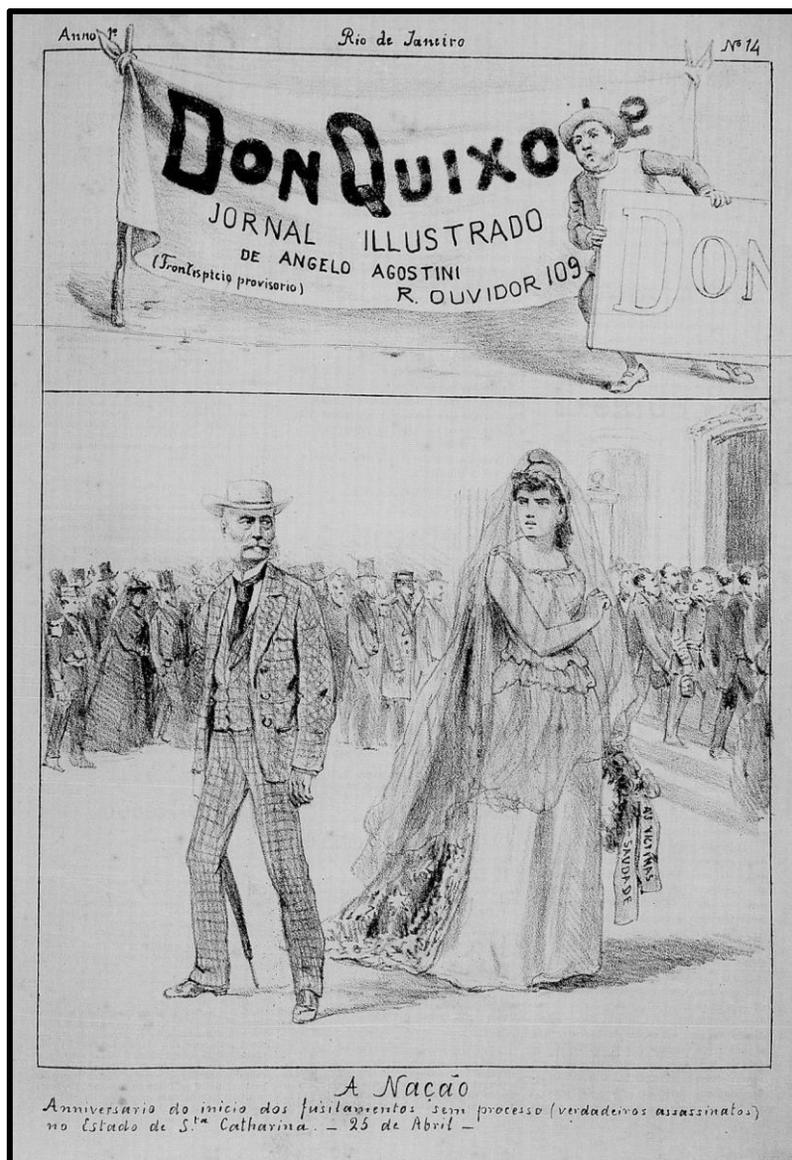
<sup>124</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 12, 13 abr. 1895.

<sup>125</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 14, 27 abr. 1895.

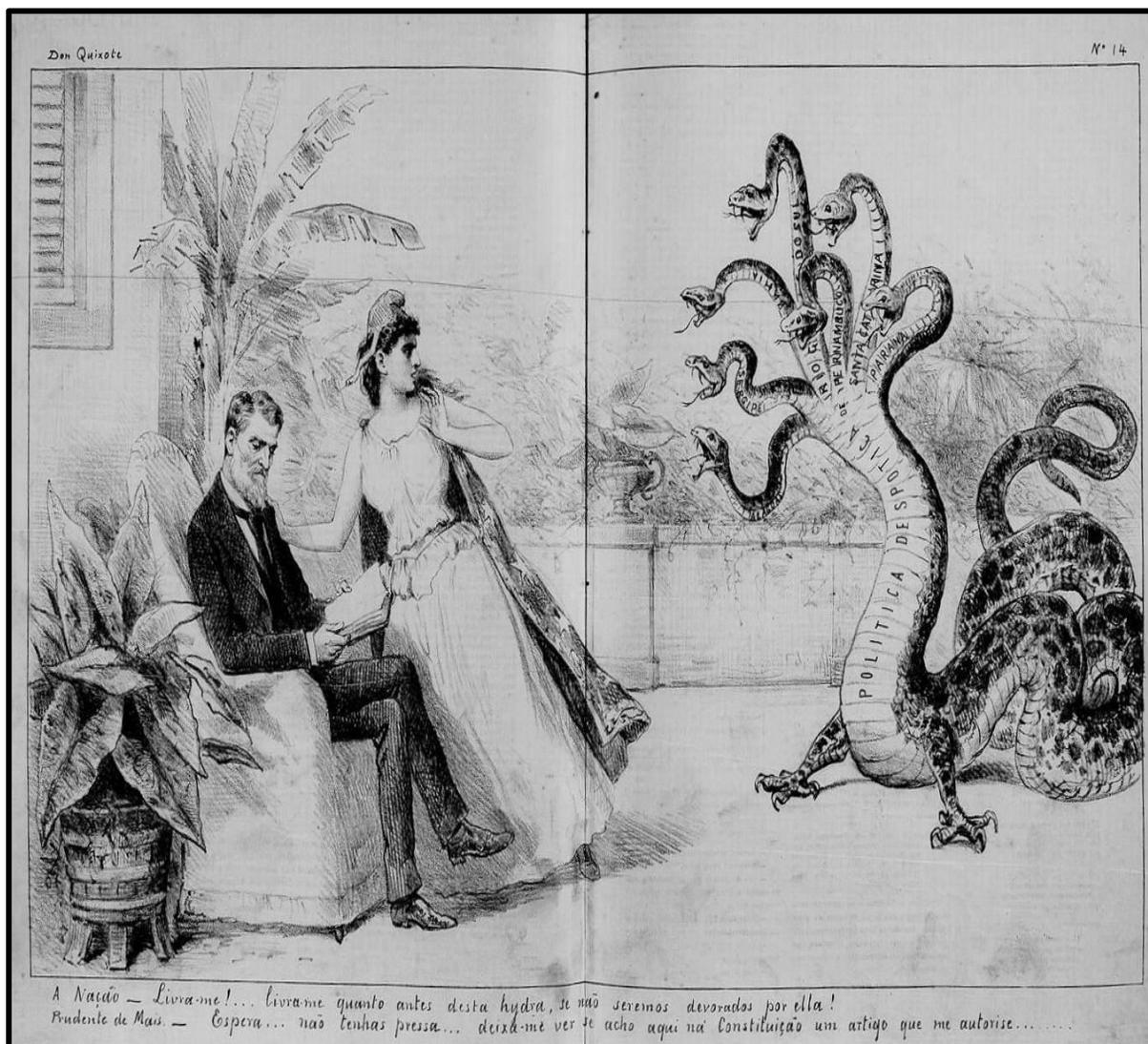


A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





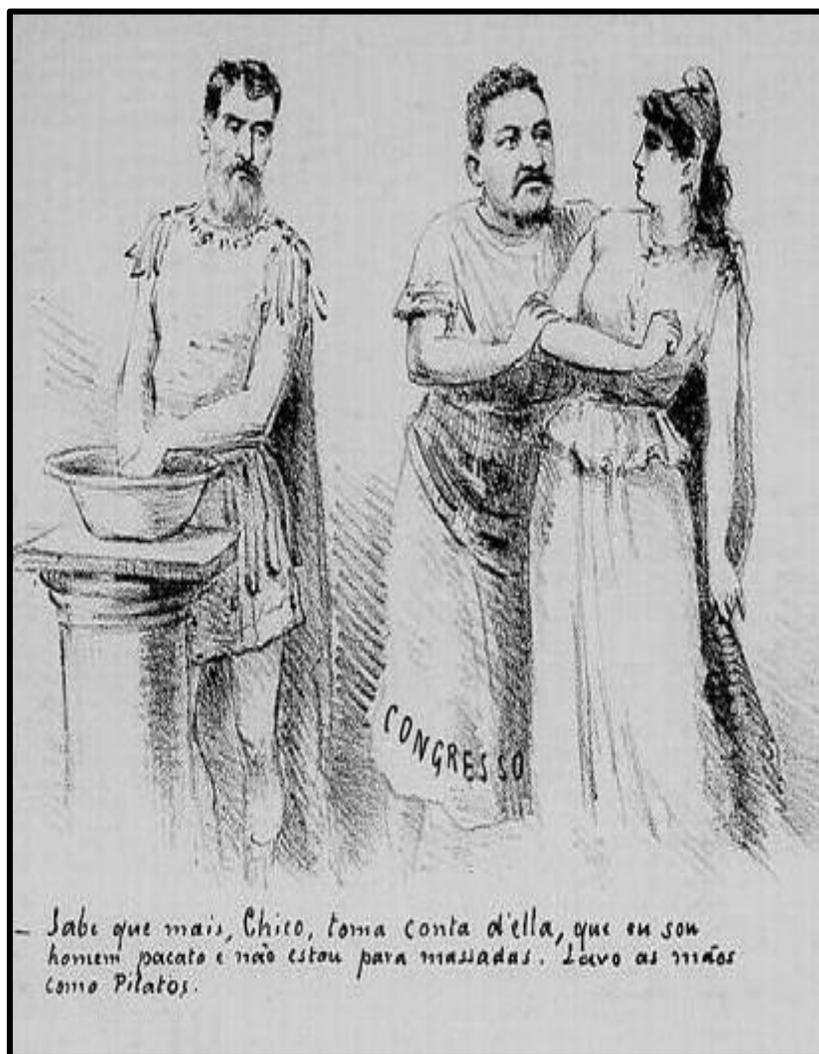
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



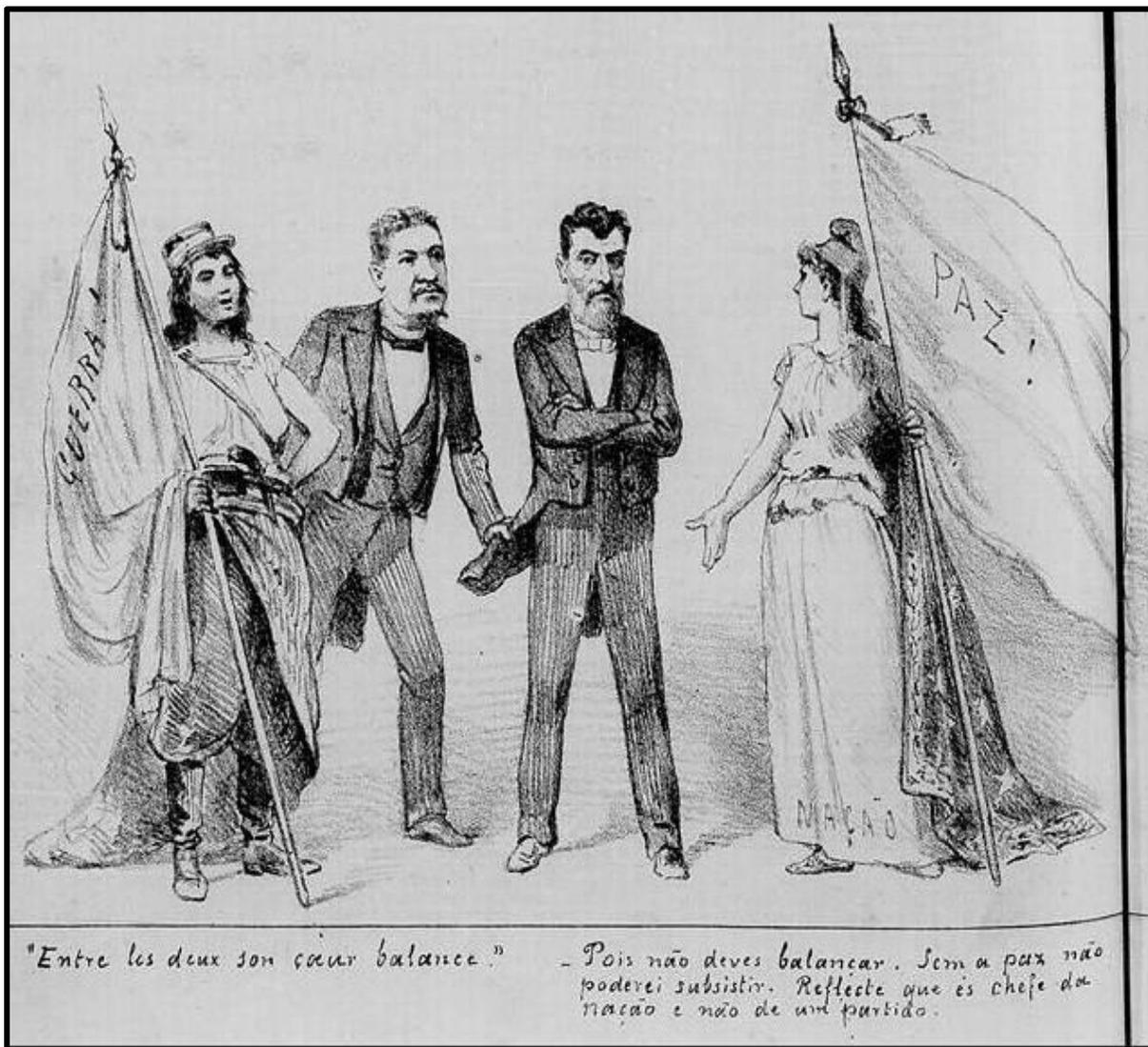


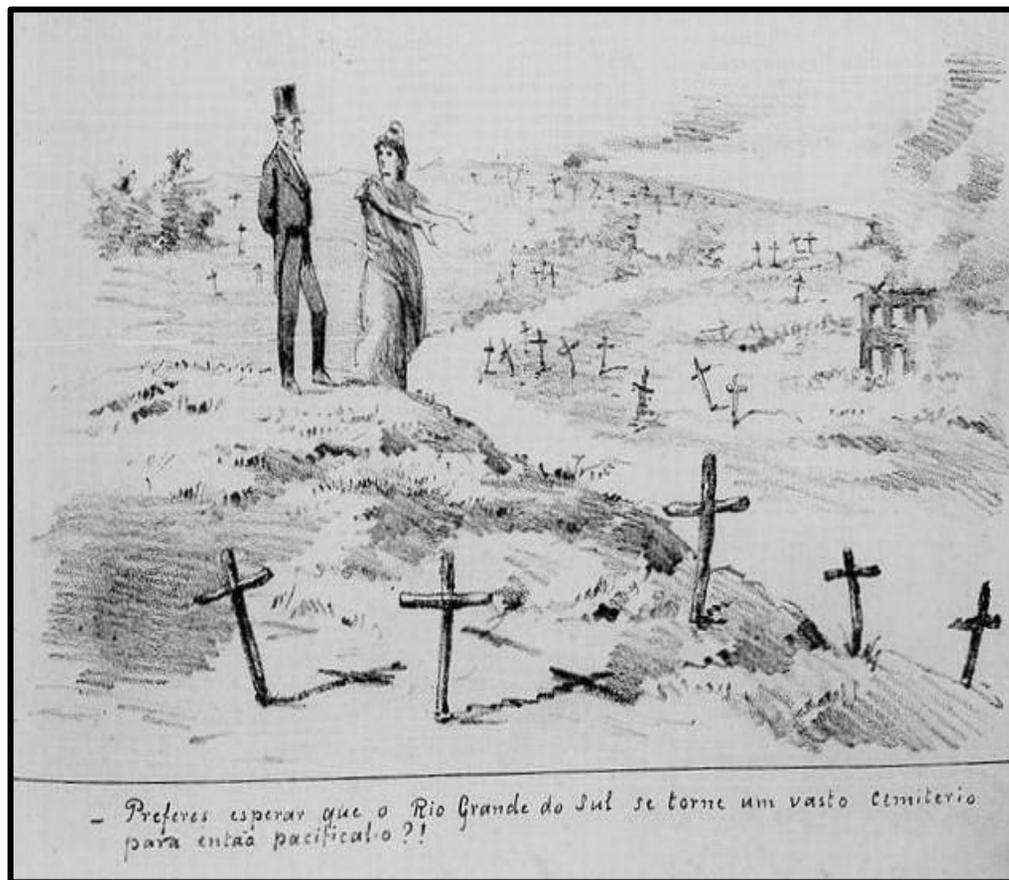
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





Uma homenagem à Lei Áurea e à Princesa Isabel trazia a presença de uma negra liberta e de Dom Quixote e Sancho Pança combatendo um “terrível

monstro” que ameaçava a república<sup>129</sup>. A morte do político Saldanha Marinho, apontado pelo periódico como o “patriarca da democracia brasileira”, foi destacada por meio de alegoria na qual se fazia presente uma enlutada dama republicana<sup>130</sup>. Em outra cena acerca da guerra civil que lavrava no país, *Dom Quixote* entregava ao Presidente o governante autoritário do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, apontado como o “déspota causador do derramamento de tanto sangue brasileiro”, de modo que a folha apresentava tal líder como o causador da “guerra fratricida”, aparecendo ao fundo a mulher-república, angustiada com a partida de tropas para o sul<sup>131</sup>. Ainda sobre o mesmo tema, a jovem república aparecia adoentada na cama, tendo suas forças sugadas por uma sanguessuga que representava o enfrentamento bélico no sul do Brasil, ao passo que Dom Quixote e Sancho Pança observavam de soslaio, duvidando dos procedimentos dos médicos – os governantes – para salvar a paciente<sup>132</sup>. A folha carioca demonstrava simpatia pela causa revolucionária, ao lamentar a morte de um líder rebelde e denunciar a ação presidencial de felicitar o governo autoritário gaúcho, bem como demonstrava que constituía um ato de vitória da “república militar” e “jacobina”, que festejava, em relação a uma “república de paz”, que se encontrava em desespero diante do ocorrido<sup>133</sup>.

---

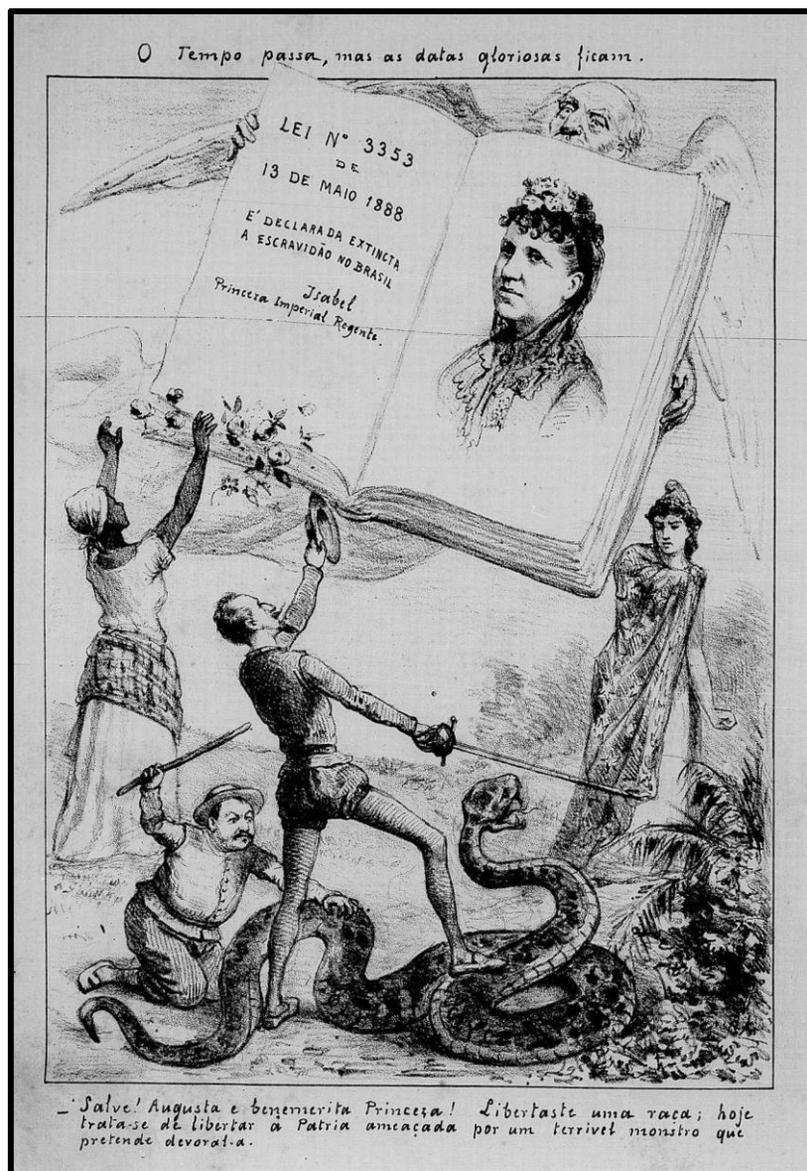
<sup>129</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 17, 18 maio 1895.

<sup>130</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 19, 1º jun. 1895.

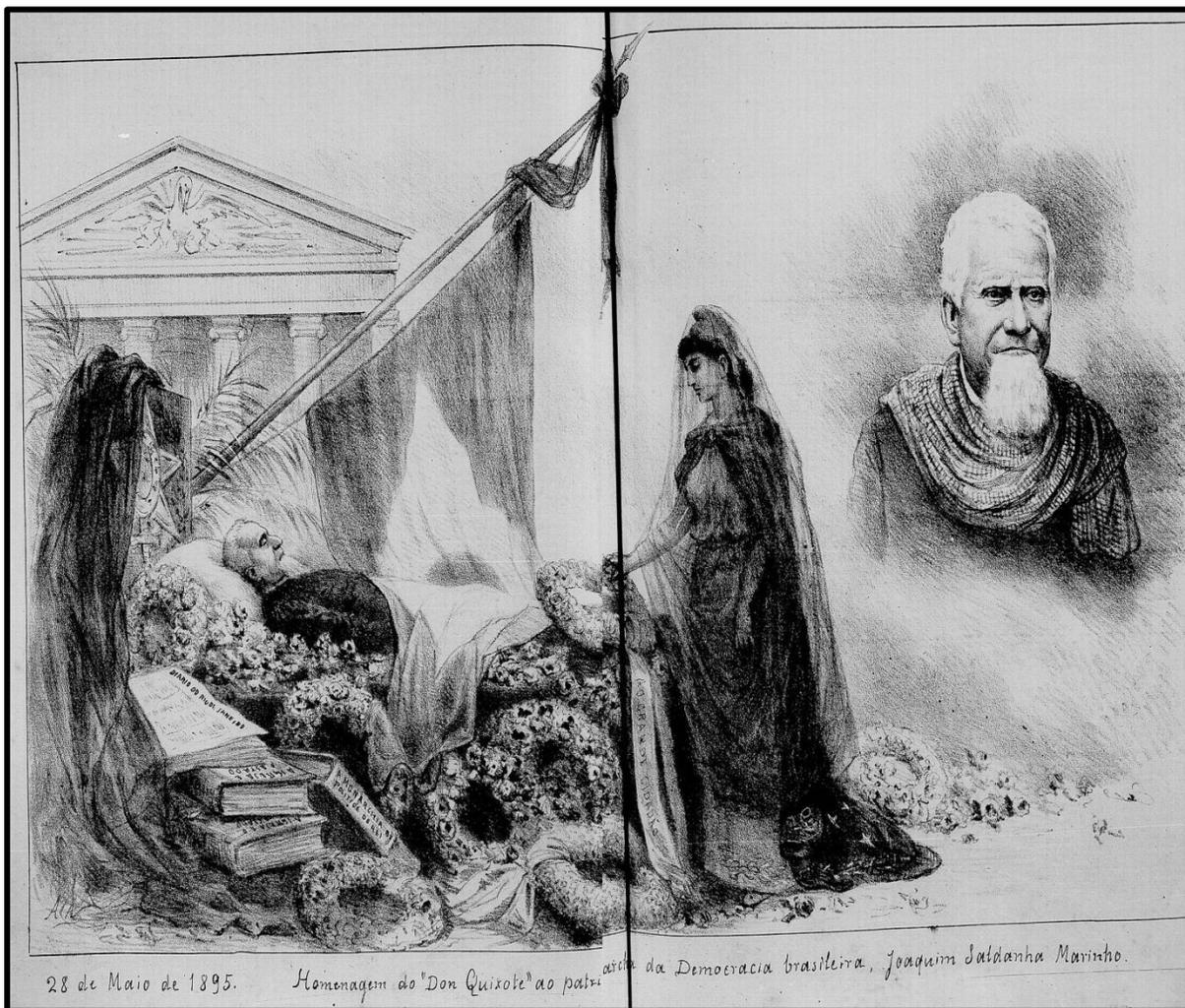
<sup>131</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 20, 8 jun. 1895.

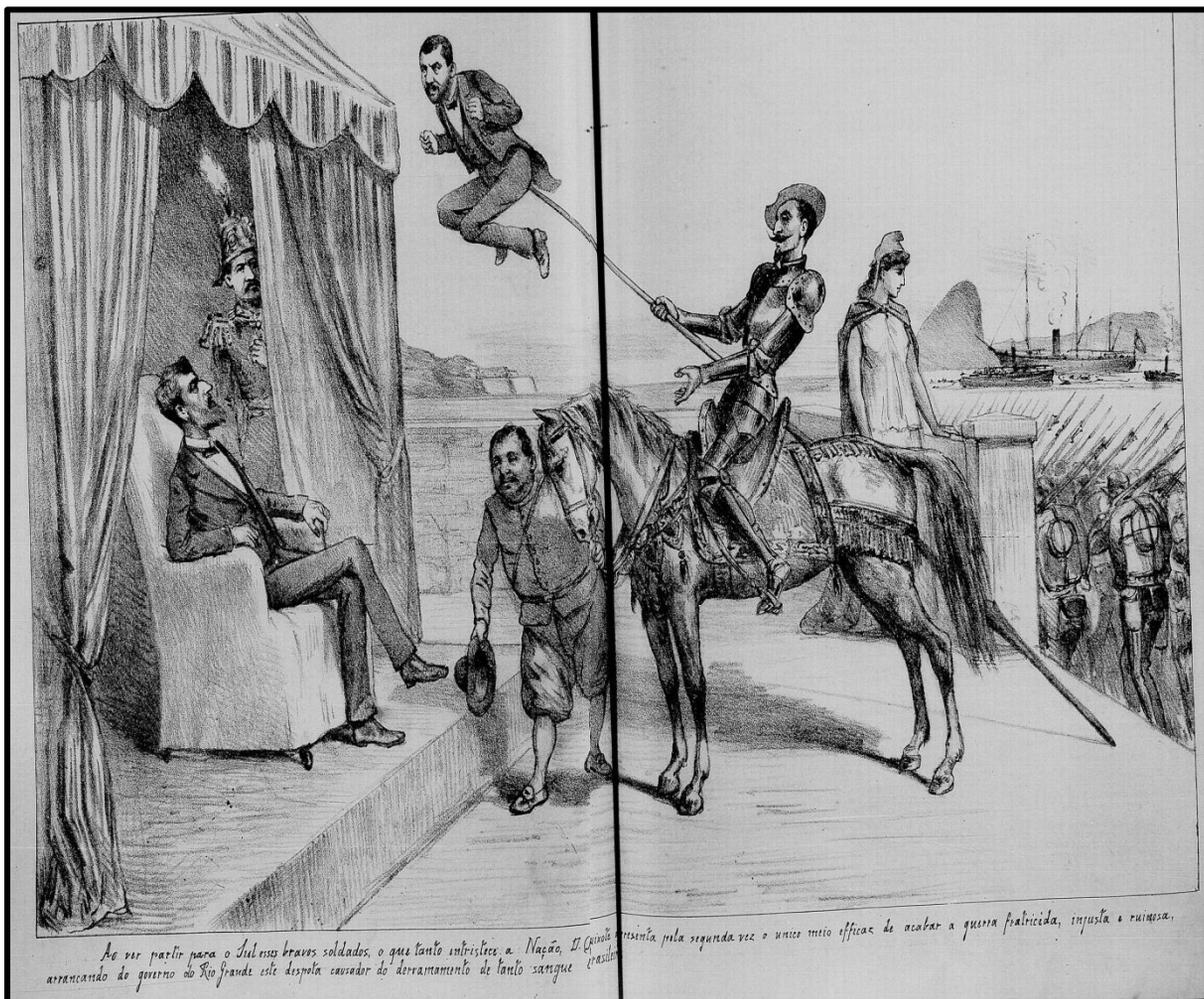
<sup>132</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 22, 22 jun. 1895.

<sup>133</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 23, 29 jun. 1895.

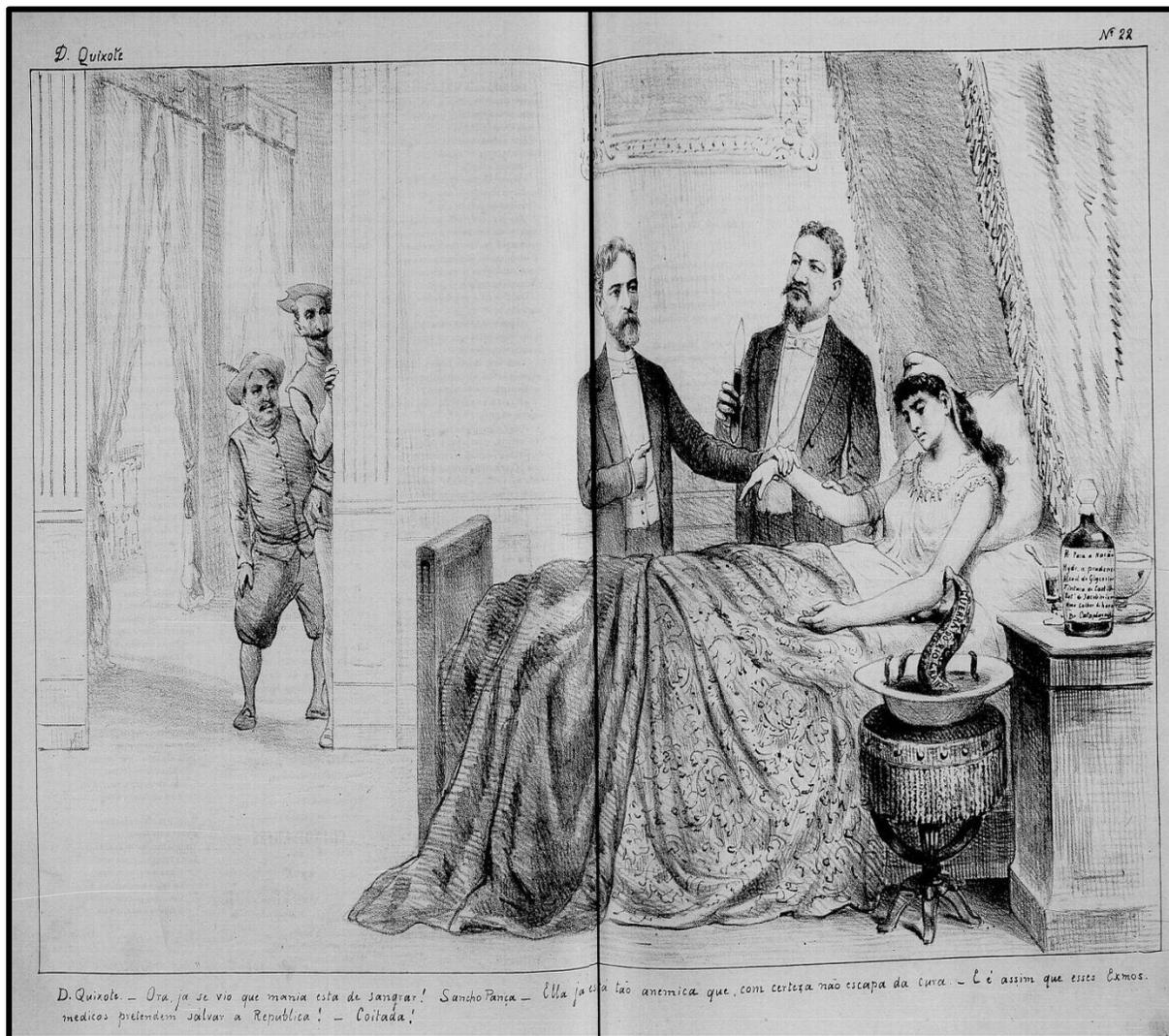


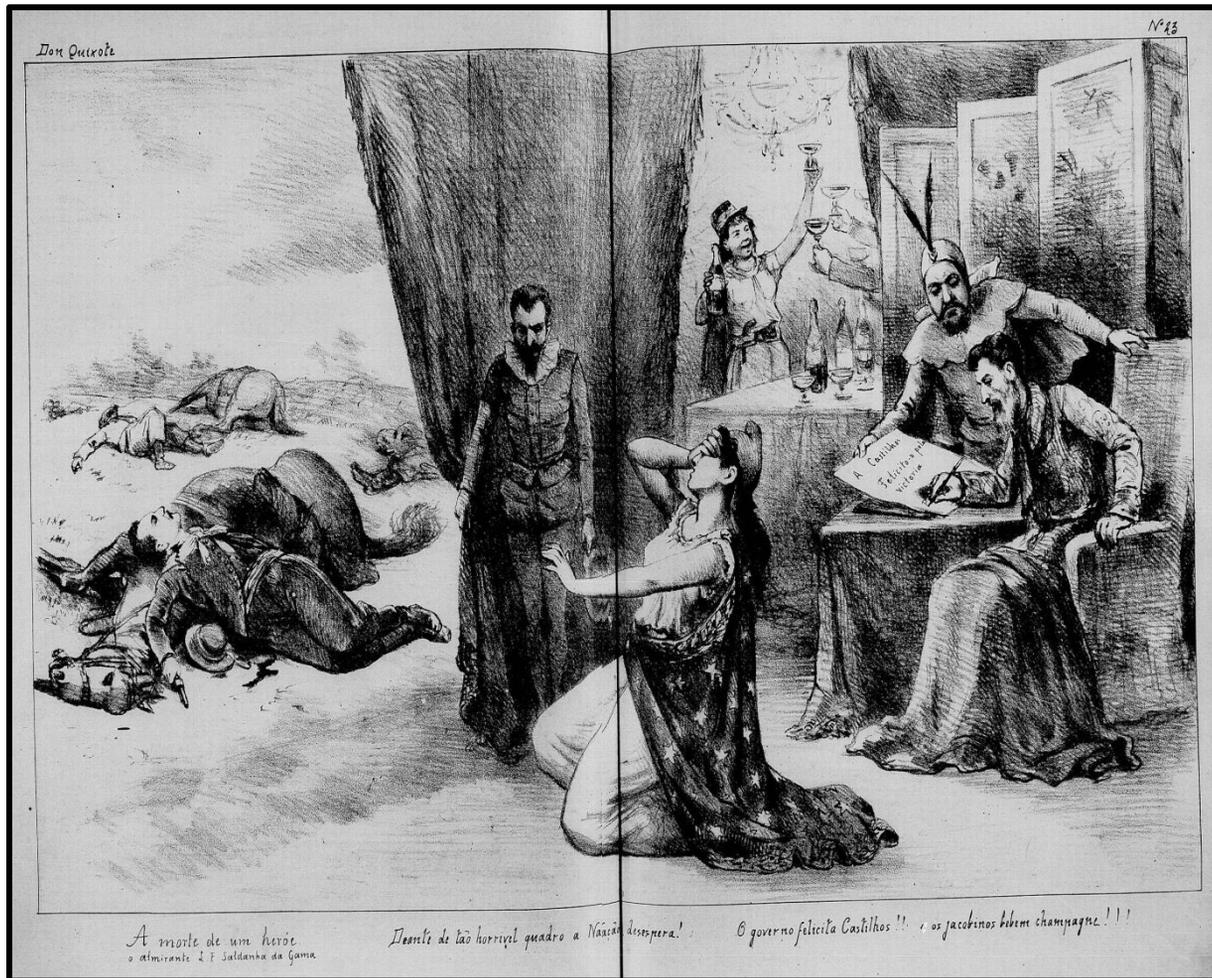
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





Abertamente contrário ao jacobinismo, movimento político radical com origem no Governo de Floriano Peixoto, o *Dom Quixote* imaginava que a ação do

mesmo levaria a um caminho de desordem e de mortes, diante do que almejava que a presidência de Prudente de Moraes pudesse “conduzir a república no caminho da paz e da ordem”<sup>134</sup>. O periódico se associou à cruzada jornalística brasileira contra a atitude britânica de ocupar a Ilha da Trindade e, nesse sentido, mostrou a dama republicana de dedo em riste a expulsar John Bull – representação do Império Britânico – das terras brasileiras<sup>135</sup>. Com a pacificação do Rio Grande do Sul, a folha ilustrada e humorística saudou o Presidente, por ter conseguido se livrar das teias de aranha da conspiração – embora, em suas palavras, o principal aracnídeo tivesse permanecido, em alusão ao governante rio-grandense Júlio de Castilhos –, e promovido o caminho da paz, pelo que era cumprimentado pela dama do barrete encarnado, recebendo um buquê de flores e uma coroa de louros<sup>136</sup>. Ela também se fez presente em alegoria que simbolizava uma solenidade para demarcar a ação brasileira para comprovar a propriedade sobre a Ilha da Trindade ocupada pelos britânicos<sup>137</sup>. A disputa entre as repúblicas “da paz” e “da guerra” foi simbolizada na forma da disputa de um cabo de guerra, no qual a vitória daquela significaria a robustez do “índio-Brasil”, enquanto a desta, seria a ruína do mesmo personagem<sup>138</sup>.

---

<sup>134</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 24, 13 jul. 1895.

<sup>135</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 26, 27 jul. 1895.

<sup>136</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 30-31, 24 ago. 1895.

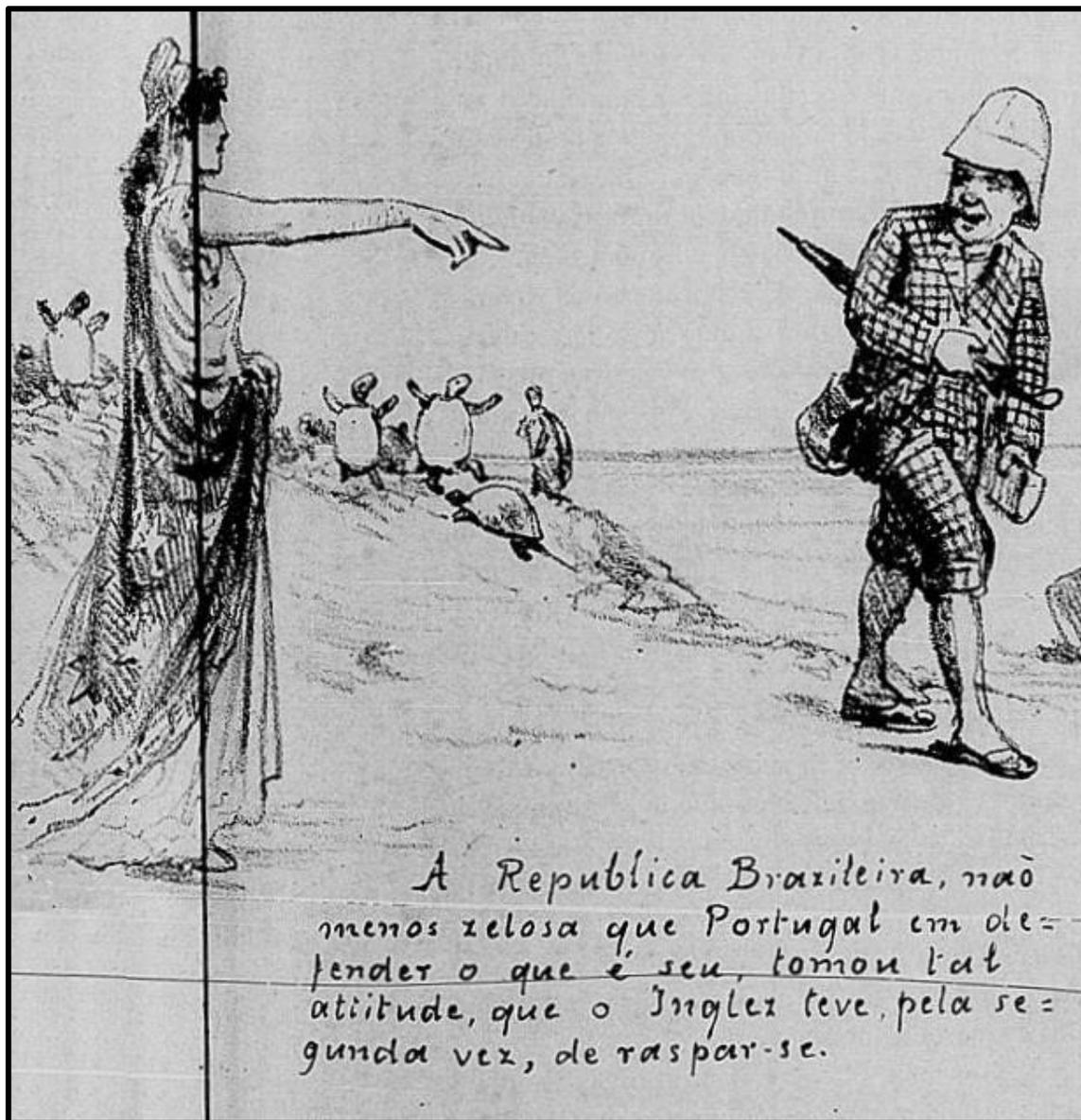
<sup>137</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 32, 11 set. 1895.

<sup>138</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 34, 28 set. 1895.



assim como Don Quixote, que o Sr. Prudente de Moraes  
possa, desassombrada, conduzir a Republica no caminho  
da paz e da ordem.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX

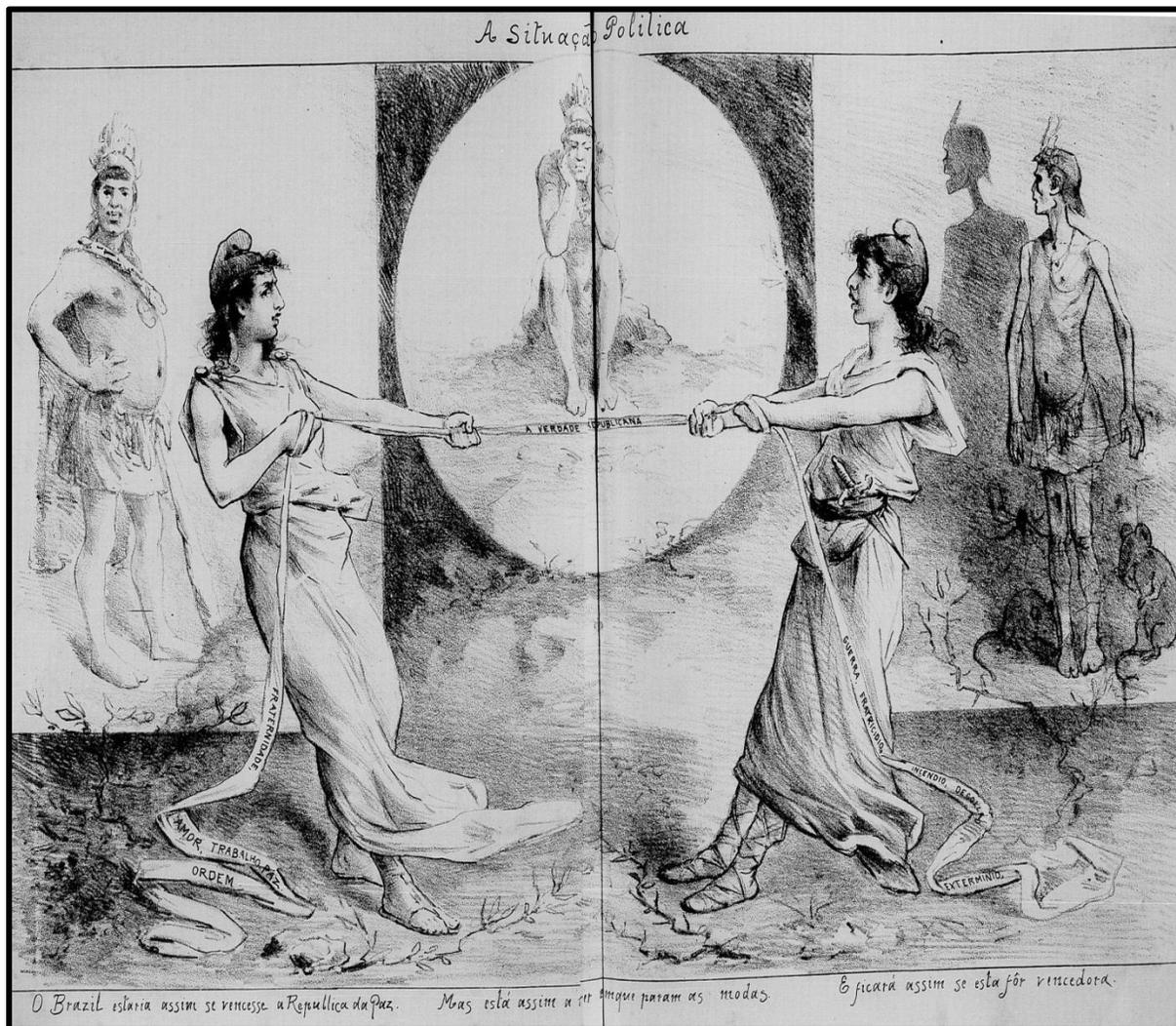




*Destruido, afinal, as leis que o embaracavam, o Presidente da Republica  
achouse logo, cercado de louros e flores.  
Nem todas as aranhas fugiram... A mais perigosa ficou.*

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





O espírito crítico do *Dom Quixote* não foi deixado de lado, como ao mostrar um político passando vergonha ao ser desmentido pela própria representação da república<sup>139</sup>. As atitudes de parlamentares também não eram vistas com bons olhos pelos periódicos, pois estariam levando a um “miserável estado financeiro do tesouro, provando que o pobre Brasil está mesmo em petição de miséria”, já que estariam abrindo espaço para desvios de verbas públicas para espanto da mulher-república<sup>140</sup>. O governante sul-rio-grandense era mais uma vez censurado em suas ações pelo periódico, pois, “com todo o positivismo”, em referência à tendência ideológica por ele defendida, estaria trazendo malefícios à república, promovendo uma sangria na figura feminina que a representava<sup>141</sup>. Os enfrentamentos com os resquícios do movimento restaurador também foram apontados pela publicação carioca a qual buscou demonstrar que uma “velha, alquebrada e ridícula” – a monarquia – não seria páreo para uma jovem república, a qual se preparava para comemorar as “gloriosas tradições nacionais” e contava com a força de um “Hércules”, no caso o Presidente Prudente de Moraes, que, de espada em punho, permanecia a postos para defendê-la das ameaças representada por uma hidra<sup>142</sup>. Em seu aniversário, a república olhava o horizonte esperançosa, sem preocupar-se com as “leves nuvens que buscam empanar” o seu “dia claro”<sup>143</sup>.

---

<sup>139</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 35, 5 out. 1895.

<sup>140</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 36, 12 out. 1895.

<sup>141</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 37, 19 out. 1895.

<sup>142</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 38, 26 out. 1895.

<sup>143</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 38, 26 out. 1895.



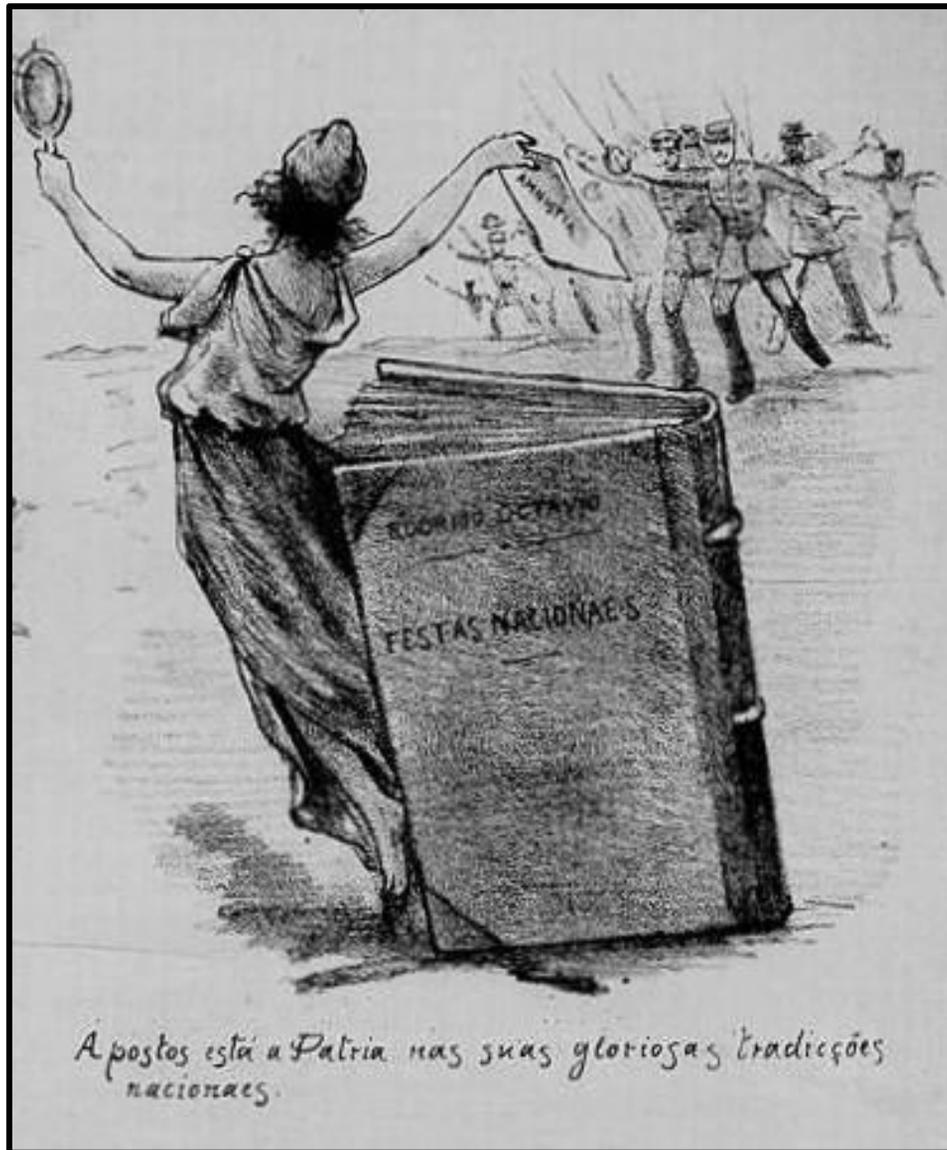
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





Por meio de uma jovem república, o periódico demonstrava júbilo e satisfação pela organização de uma Exposição Nacional Industrial que demonstraria as potencialidades do país<sup>144</sup>. Ao mesmo tempo, manifestava preocupação com a enorme quantidade de loterias que se espalhavam pelo Brasil, mostrando a república e o índio-Brasil a praticamente afogarem-se em um “oceano lotérico”<sup>145</sup>. Com a chegada de um novo ano, o de 1896, a revista representava-o por um menino para o qual Dom Quixote e Sancho Pança apresentavam alguns detalhes das vivências brasileiras, dentre elas mostravam um busto da república, explicando que se tratava de uma “bonita cabeça, mas sem miolo”, e também exibiam a cena de uma estátua da figura feminina, com as diversas tendências político-partidárias puxando-a para o lado que as convinha<sup>146</sup>. Tal prática foi mantida em outra edição, na qual os dois representantes da redação do semanário continuavam mostrando a situação nacional para o jovem ano de 1896, dessa vez trazendo um cenário no qual as demais mulheres-repúblicas sul-americanas montadas em fogosos cavalos, seguiam o caminho da “estrada do progresso”, ou seja aquele promovido pelos Estados Unidos, ao passo que a República Brasileira cavalgava em um burrico exatamente na direção oposta, carregando uma bandeira com o dístico oposto ao da nacional, ou seja, “desordem e regresso”, e sendo conduzida por alguns dos políticos de expressão da época<sup>147</sup>.

---

<sup>144</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 40, 23 nov. 1895.

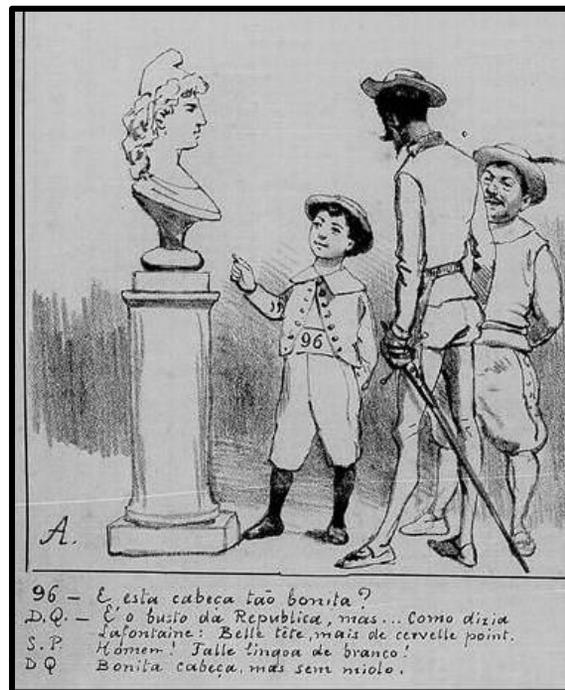
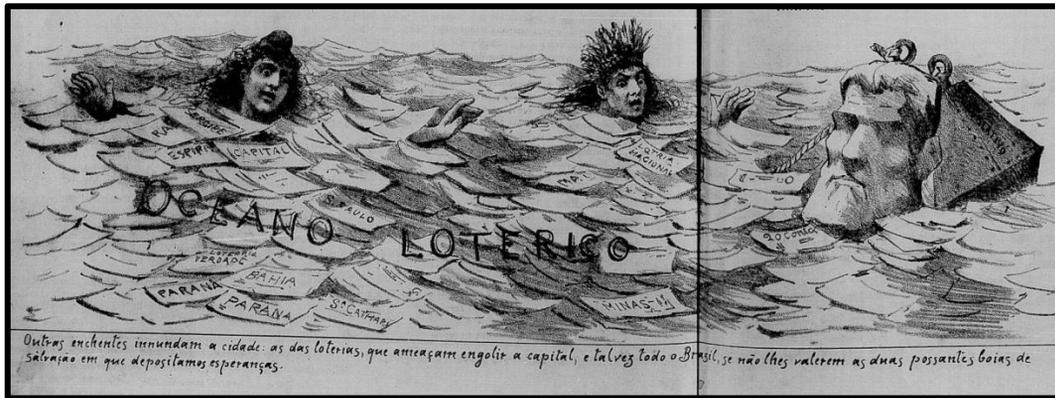
<sup>145</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 1, n. 43, 14 dez. 1895.

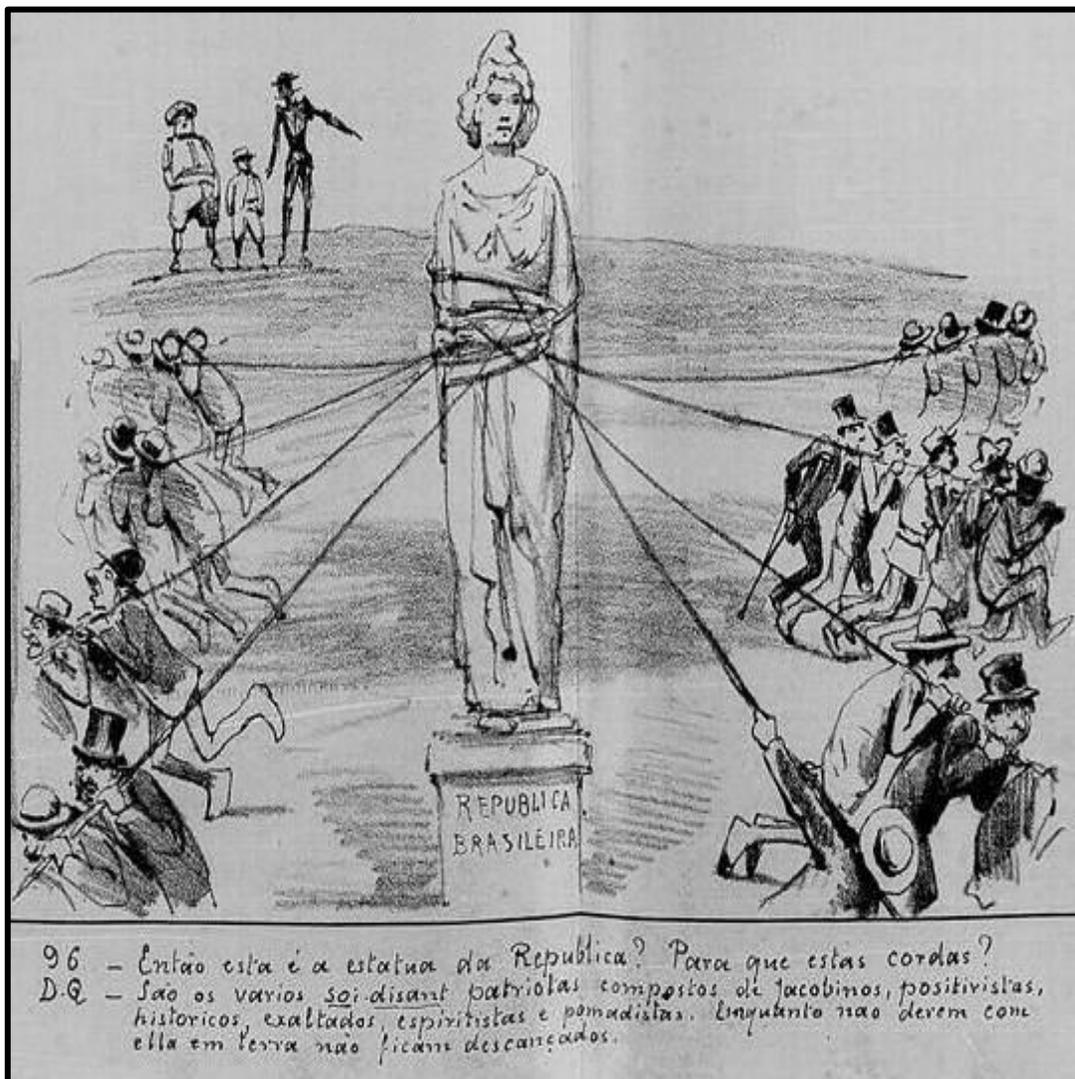
<sup>146</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 45, 4 jan. 1896.

<sup>147</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 48, 25 jan. 1896.



A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX







As inundações daquele início de ano foram também registradas pelo *Dom Quixote* como ao mostrar os desmoronamentos ocorridos na capital federal, de modo que o periódico utilizou-se de tal percalço urbano para apontar a possibilidade de que viesse a ocorrer igualmente um “desmoronamento político”, que poderia ocorrer a partir da ascensão da ditadura, do positivismo, do despotismo e da anarquia que levariam pedras abaixo as riquezas nacionais, a justiça, o Presidente e até a própria mulher-república. Dom Quixote e Sancho Pança permaneceram em sua missão pedagógica para o menino que simbolizava 1896, mostrando-lhe a república, que também estaria sofrendo com as enchentes, ficando enlameada, mas, estranhamente com nódoas vermelhas, advindas do sangue derramado a partir das ações violentas no país<sup>148</sup>. A dama do barrete frígido encontrava-se mais uma vez ameaçada pelos riscos da restauração monárquica, que assumiam o formato de insetos, como moscas e mosquitos, chegando a adoecer e ficar acamada, sendo desenganada por Dom Quixote e Sancho Pança, tendo em vista os erros médicos, quer seja, dos administradores do país<sup>149</sup>. As negociações entre a República Brasileira e o representante britânico, mediadas por Portugal, representado pelo seu símbolo tradicional, o velho cavaleiro, davam o sentido do Brasil ter razão na disputa anglo-brasileira pela Ilha da Trindade<sup>150</sup>.

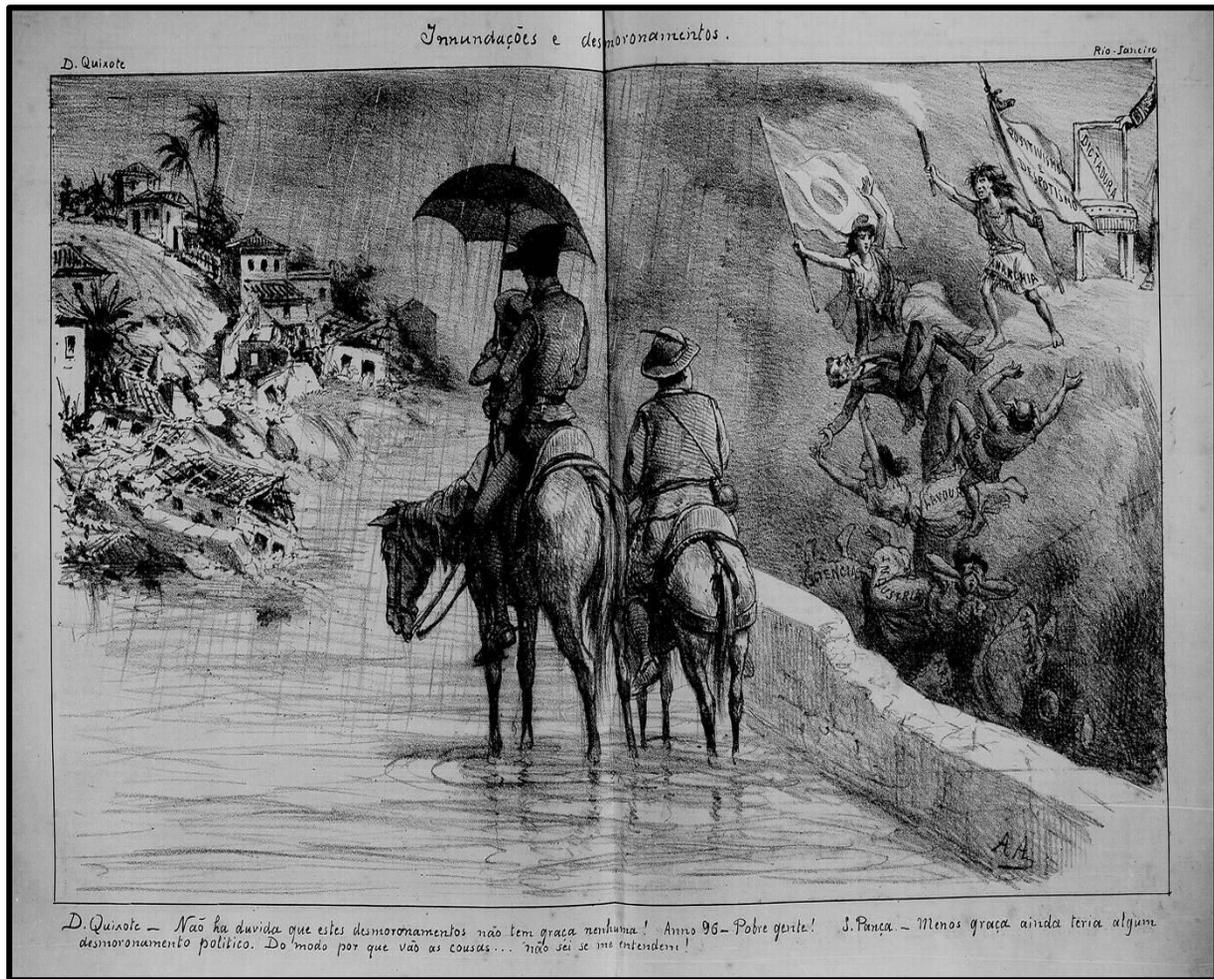
---

<sup>148</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 49, 1º fev. 1896.

<sup>149</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 56, 11 mar. 1896.

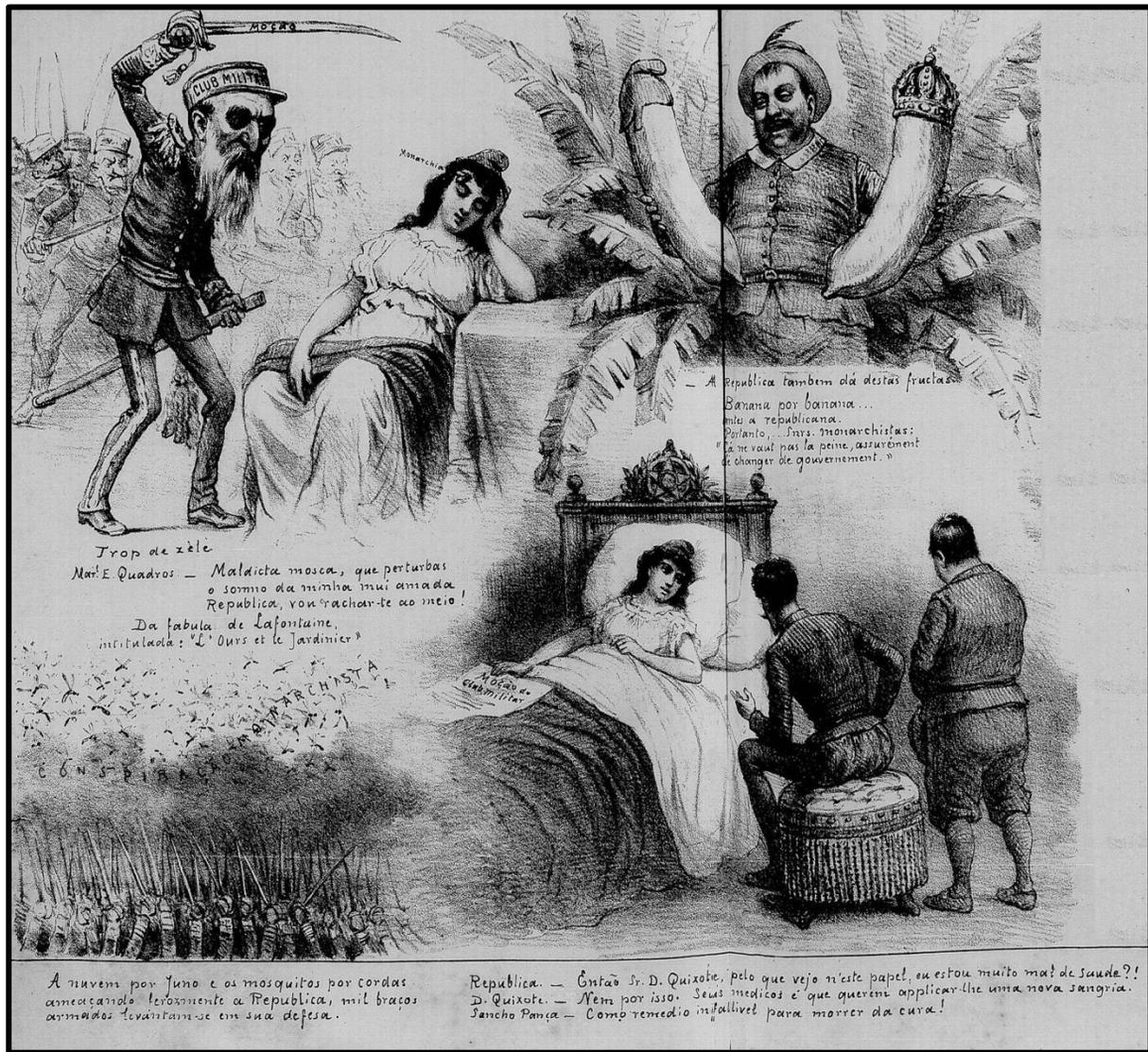
<sup>150</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 69, 8 ago. 1896.

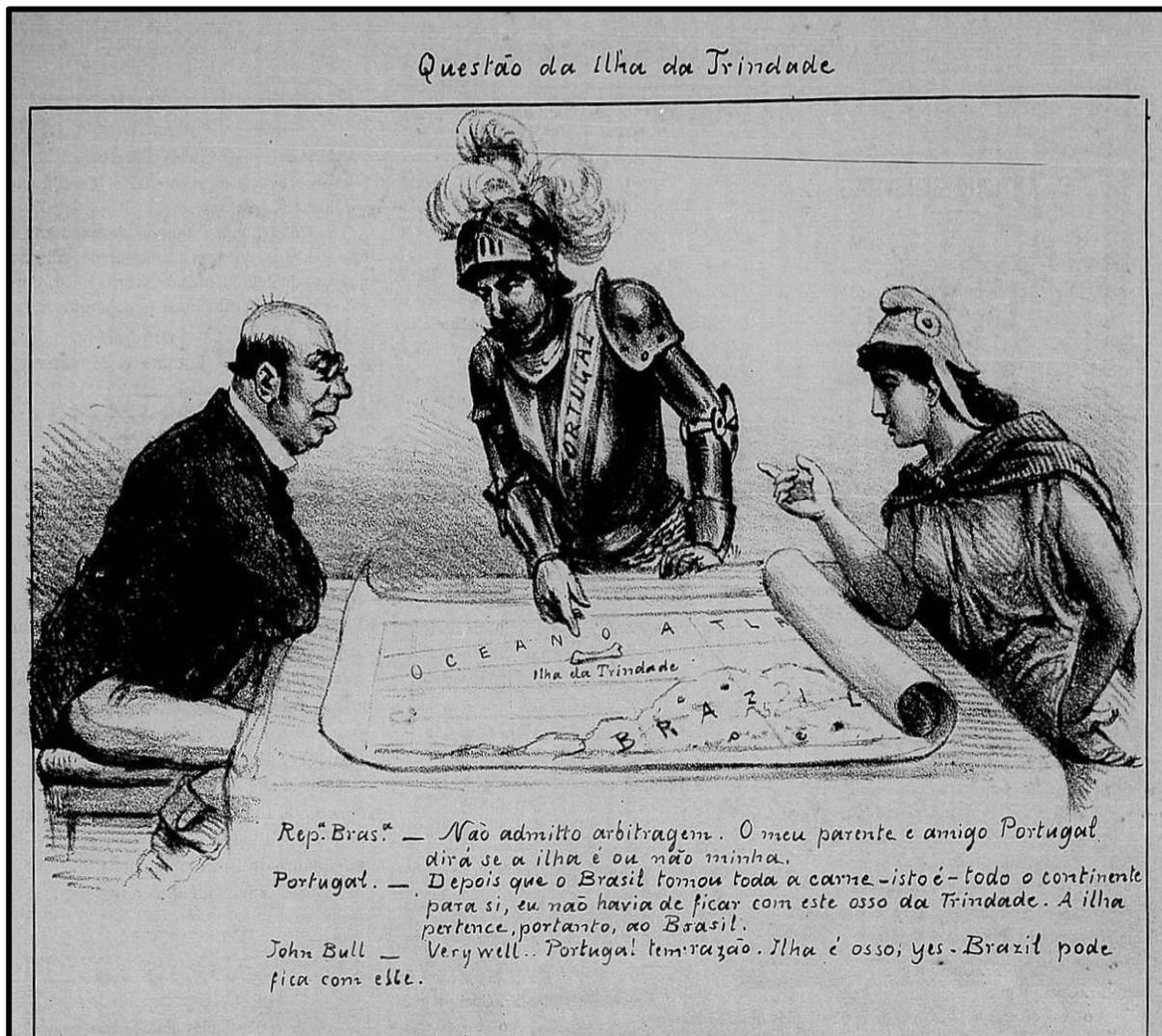
A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





Um momento de licença do Presidente Prudente de Moraes e sua substituição pelo Vice, Manoel Vitorino, foi retratado pelo periódico ao mostrar a nau do Estado em condições de plena desorganização promovida pelos políticos, mormente no que tange à carga tributária, enquanto a dama republicana aparecia sonolenta na proa<sup>151</sup>, para depois, acordar-se e voltar-se, estupefata com o que estava acontecendo<sup>152</sup>. Traduzindo o desabono dos políticos para com a seriedade em relação à coisa pública, a revista representava-os como bailarinas que dançavam e tocavam pandeiro, em completo desrespeito da república, cujo busto apresentava uma feição severa e de desaprovação diante da cena<sup>153</sup>. Um encontro entre a mulher-república e a representação feminina da capital federal servia de ocasião para que ambas comentassem sobre a inutilidade dos representantes eleitos, tanto na esfera municipal quanto na federal<sup>154</sup>. A óptica crítica era reforçada ao trazer a conversa entre o Vice-Presidente e a república, com ele jactando-se do luxo do palácio, ao passo que ela constatava que tanto esplendor não era o suficiente, pois faltava comida no prato para o seu “sustento”<sup>155</sup>. A dama do barrete encarnado também era apresentada junto do “índio-Brasil” na homenagem a Lauro Sodré, um político paraense<sup>156</sup>.

---

<sup>151</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 74, 14 nov. 1896.

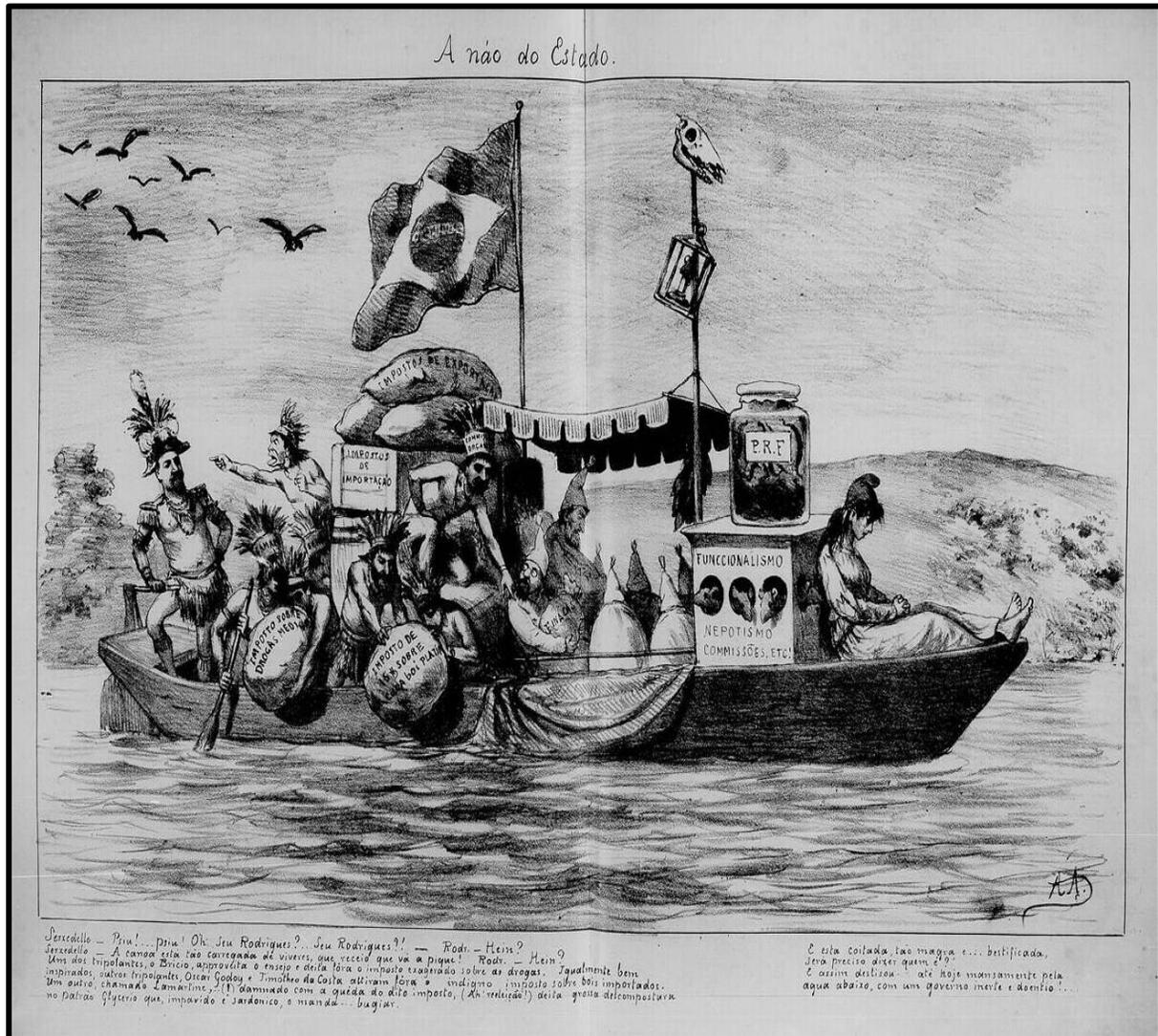
<sup>152</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 75, 21 nov. 1896.

<sup>153</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 76, 28 nov. 1896.

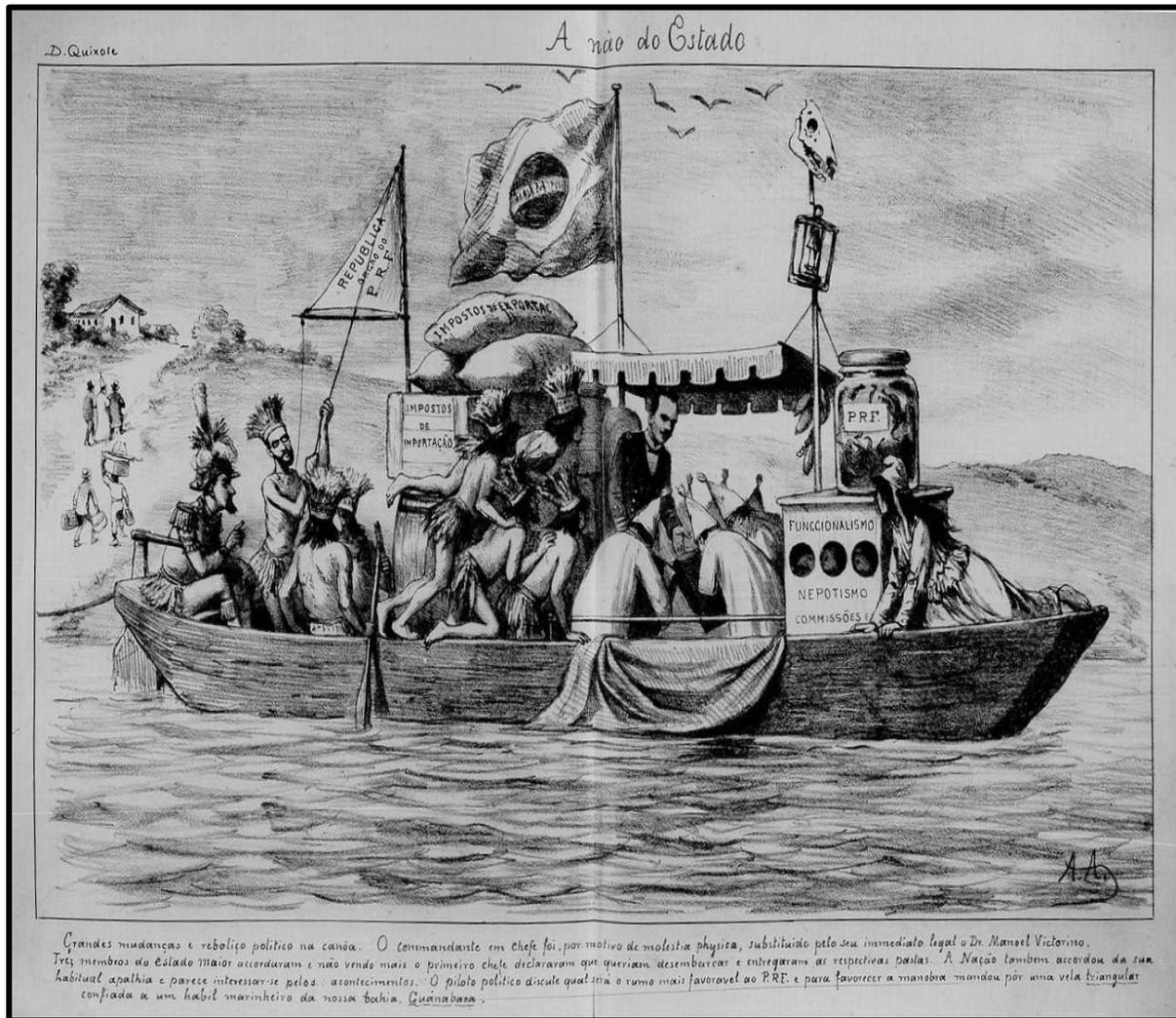
<sup>154</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 78, 9 jan. 1897.

<sup>155</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 81, 6 mar. 1897.

<sup>156</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 2, n. 82, 21 mar. 1897.



A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



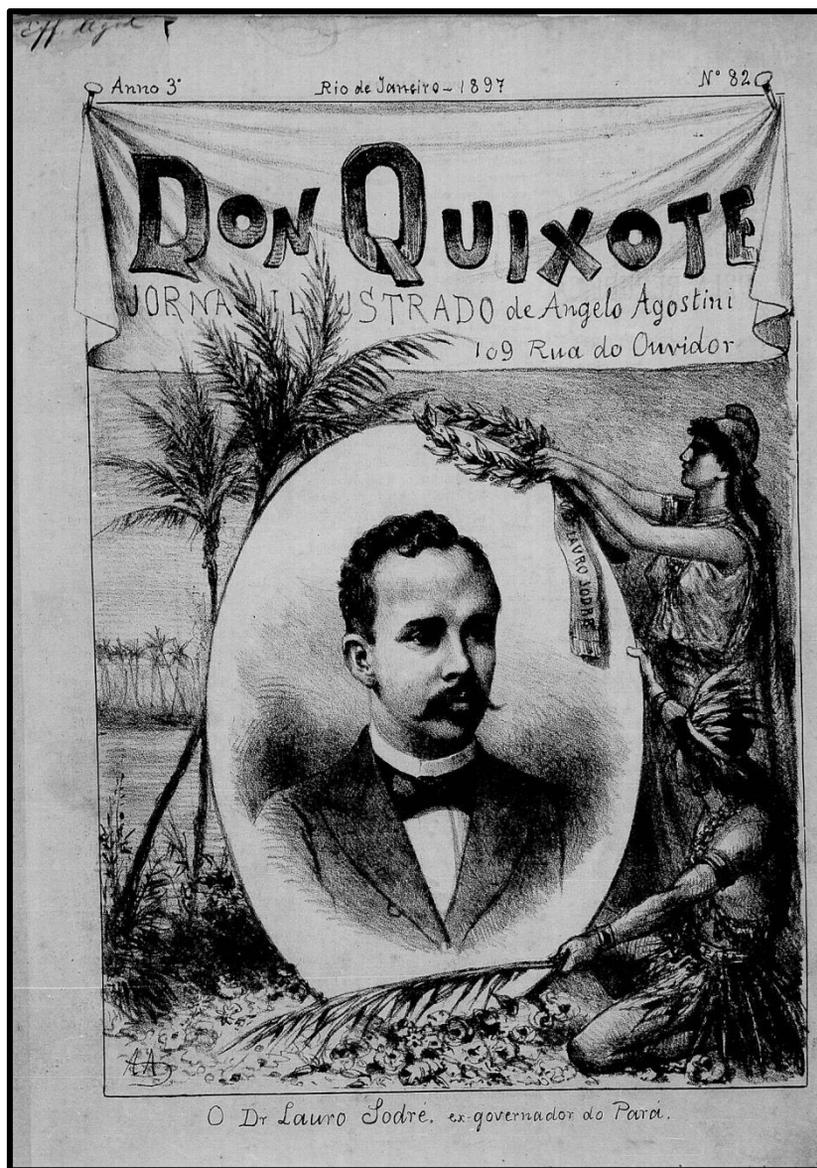


A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



A dama republicana surgia ainda tomada pela tristeza ao observar as mortes resultantes de mais um enfrentamento bélico, lastimando a “carnificina” que advinha do confronto de Canudos, partindo da cena à exortação de que bastava de guerras fratricidas. Caída, ela chegava a ser ameaçada de morte por um político de espada à mão, partindo em sua direção<sup>157</sup>. Tal figura feminina apareceu também a agradecer o político Campos Sales pelo êxito obtido em uma representação internacional<sup>158</sup>. Uma homenagem de representante de sociedade comercial perante o busto da mulher-república, em seu décimo aniversário, foi aplaudida pela folha carioca, ato considerado como “o verdadeiro caminho”<sup>159</sup>. Com a chegada dos parlamentares, representados por falantes papagaios, a mulher-república aparecia de cócoras a distribuir o milho do “subsídio” para as esfomeadas aves<sup>160</sup>. Já na virada para o século seguinte, quanto aos malfeitos nas três esferas do poder, o periódico trazia a dama do barrete frígido, com um cacete à mão, pondo para correr os infratores<sup>161</sup>. Dessa maneira, a representação feminina da república foi marcante nas páginas do *Dom Quixote*, utilizada por vezes para saudar e homenagear, mas, em grande parte, para sustentar a prática da crítica política, um dos principais veios editoriais da publicação humorístico-ilustrada.

---

<sup>157</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 3, n. 87, ago. 1897.

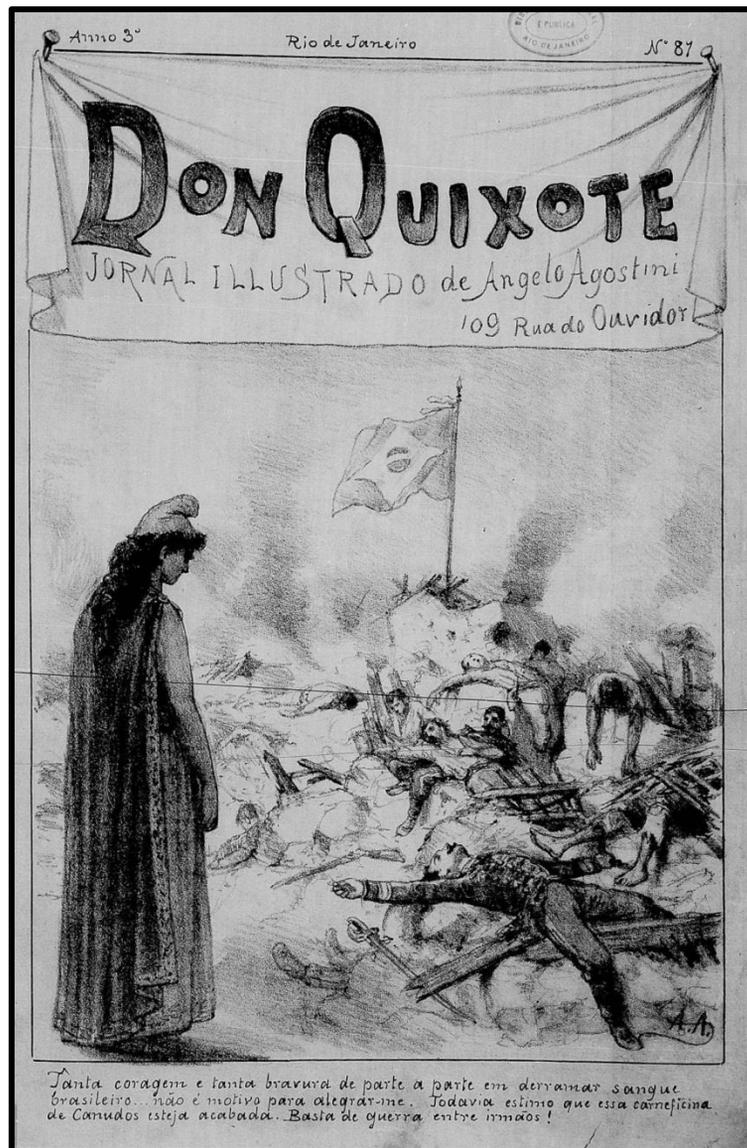
<sup>158</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 91, 26 ago. 1899.

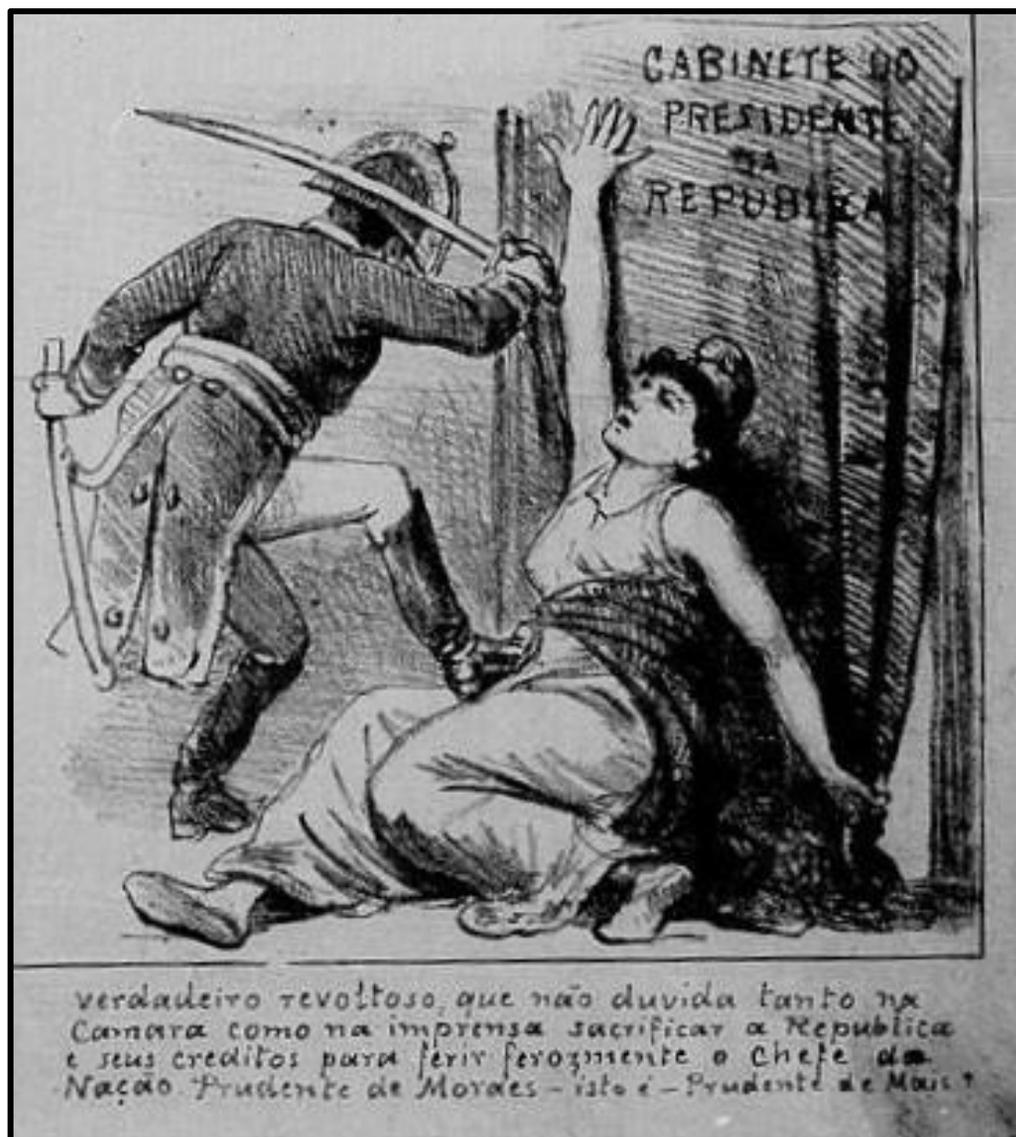
<sup>159</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 5, n. 103, 18 nov. 1899.

<sup>160</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 6, n. 124, 21 abr. 1900.

<sup>161</sup> DOM QUIXOTE. Rio de Janeiro, a. 7, n. 139, 5 nov. 1901.

A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX





A IMAGEM FEMININA COMO DESIGNAÇÃO DA REPÚBLICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍTICA DO RIO DE JANEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX



*Se a Republica bem pensasse, muita bandalheira não se faria. Vejam os jornaes destes ultimos dias.*



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa



**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)



**IBSN: 978-65-89557-53-1**